

Cristiane Montozo Fiorin

**A GINÁSTICA EM CAMPINAS: SUAS FORMAS DE
EXPRESSÃO DA DÉCADA DE 20 A DÉCADA DE 70.**

Faculdade de Educação Física
Universidade Estadual de Campinas

Outubro de 2002

Cristiane Montozo Fiorin

A GINÁSTICA EM CAMPINAS: SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO DA DÉCADA DE 20 A DÉCADA DE 70

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação Física da Unicamp para a obtenção do título de Mestre em Educação Física sob a orientação da Profa. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de Souza

Faculdade de Educação Física
Universidade Estadual de Campinas

Outubro de 2002

Ficha bibliográfica

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Cristiane Montozo Fiorin e aprovada pela Comissão Julgadora em 17 de outubro de 2002.

Profa. Dra. Elizabeth Paoliello Machado de Souza

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Eliana Ayoub _____

Profa. Dra. Olga R. de Moraes von Simson _____

Profa. Dra. Andréa Moreno _____

À minha cidade, Campinas, com a
esperança de que reencontre seu rumo
dentro dos inúmeros problemas que tem
enfrentado.

Agradecimentos

“Que tristes os caminhos se não fosse a mágica presença das estrelas”
Mário Quintana.

Tantas pessoas para agradecer...

Primeiro meus pais, **Marilda e Sérgio**, que me deram asas para voar e acreditaram sempre no meu potencial. Obrigada pela ajuda em todas as horas, em todas as instâncias para que esta dissertação nascesse...e mais do que isso, obrigada por todo o investimento que vocês fizeram em mim até agora!! Além desta dissertação ser dedicada também à vocês, este é o primeiro passo rumo a outros sonhos....quero que vocês compartilhem comigo todos os próximos sonhos que ainda virão na minha vida!!! Amo vocês.

Ao **Mads**, meu príncipe, que também sempre acreditou em mim e estava pronto a me socorrer no desespero final de escrever o texto. Obrigada pela calma que você me transmite e pela dose extra de confiança sempre! Jeg elsker dig

A minha orientadora e “rainha” **Elizabeth**, obrigada por também alimentar todos os meus sonhos acadêmicos e acreditar sempre no meu potencial. Mais do que minha orientadora, você é minha amiga, minha técnica, e um pouco minha mãe! Obrigada por tudo e espero que a gente continue alçando muitos outros vôos juntas!

À **Fapesp** pelo apoio financeiro, fundamental para a realização desta pesquisa.

Às minhas amigas - irmãs maravilhosas: **Carla**, que mesmo longe está presente o tempo todo...obrigada pelos momentos maravilhosos sempre, pelo incentivo em cada momento da minha vida e pelos vôos sempre altos que damos juntas. **Licca**, minha irmã intergalática além de tudo, obrigada por você ser tão presente em minha vida, mesmo que eu esteja longe fisicamente. Te adoro muito! **Laurita**, outra irmã intergalática, obrigada por ser também tão presente em minha vida e pela nossa amizade que floresceu de forma tão bonita nos últimos anos. **Fabiana**, que o destino fez com que nossa amizade surgisse nestes últimos anos e que foi um grande presente para mim! Amigas – irmãs, minha vida sem vocês seria um pouco menos colorida! Obrigada por tudo!

Ao Professor Doutor **Jorge Sérgio Perez Galhardo**, que carinhosamente chamo de meu pai acadêmico. Obrigada por ter me ajudado direta e indiretamente nesta caminhada. Sua presença em minha vida acadêmica sempre será muito importante!

À Profa. Dra. **Carmen Lúcia Soares**, que me inspirou nos estudos da Ginástica e que para sempre estará na minha formação acadêmica. Obrigada por colocar sempre tantos questionamentos em minha mente após nossas conversas!

Aos meus entrevistados, personagens que me ajudaram o tempo todo no desenrolar da pesquisa, minha gratidão especial a cada um de vocês:

Ao Professor **Pedro Stucchi Sobrinho**, pela disponibilidade, humildade e confiança. Sua história de certa forma inspirou este trabalho e espero que sua força dentro da profissão que escolheu, também inspire meu caminhar dentro da área que escolhi.

À Professora **Otília Forster**, por ter me acolhido tão bem em sua casa e ter aberto para mim sua vida profissional, me inspirando e dando incentivo para a conclusão deste trabalho.

À Professora Doutora **Vilma Nista Piccolo** que, encontrou um espaço na sua agenda sempre corrida e se dispôs a contar sua história dentro da Ginástica. Sem dúvida uma contribuição valiosíssima. Além de ter sido minha professora, saiba que me inspiro muito em você!

À **Odenise Emanoelli**, pelo carinho em que me recebeu, pela abertura em me contar sobre a Ginástica Estética em Campinas e pelo incentivo ao meu trabalho. Sua doçura e carinho impregnaram um pouco este trabalho. Obrigada mil vezes!

Ao Professor **Carlos Roberto Luz**, pela disposição imediata em me ajudar a contar a sua história. Foi nosso primeiro encontro, e espero que esta dissertação contribua também para o seu trabalho dentro da PUCC.

Ao **Alexander Denarelli**, pesquisador que me ajudou muito a recontar a história dos alemães no começo do século. Sua ajuda foi parte fundamental para esta pesquisa! Obrigada!

Ao **Marquinho** e à **Ieda**, que a convivência acadêmica me fez encontrar amigos verdadeiros. Obrigada pela presença sempre constante em minha vida e pelas discussões que tínhamos no começo desta pesquisa. Obrigada pela força e incentivo sempre!

À **Giovanna**, minha amiga Linda, companheira de mestrado e de luta na vida profissional. Que esta dissertação te inspire em fazer um trabalho maravilhoso e saiba que sempre pode contar comigo.

À Profa. Dra. **Olga Rodrigues de Moraes von Sinsom**, que durante suas aulas me inspirou cada vez mais a usar a História Oral como metodologia deste trabalho. Sua contribuição para a pesquisa também foi importantíssima.

À Profa. Dra. **Eliana Ayoub**, pela disponibilidade sempre e pelas colocações pontuais durante a qualificação desta dissertação. Saiba que me inspiro muito em você!

À Profa. Dra. **Andréa Moreno**, que admiro desde a minha monografia de graduação. Obrigada pelas suas palavras sempre corretas e poéticas que me ajudaram a dar o tom desta dissertação.

À todos os **amigos do GGU**, mas principalmente ao Vagner, Jorginho, Daniel, Smurf, Andresa, Luciano Truzzi, Davi, Fernanda, Ana Sato, Ana Galetti, Andréia, Cláudia, Daniele, Giovana Costa, Polyana, Didi, Daniele, Ninaa convivência com vocês

me inspirou muitas vezes para fazer desta uma dissertação de peso e que possa contribuir para que a Ginástica cada vez mais se torne uma área forte dentro da nossa faculdade. Obrigada pelo incentivo, pelos abraços, sorrisos e mensagens de incentivo sempre. Adoro todos vocês de uma forma mais que especial!

À **família Fuglsang**: Henning, Ida e Mette que me acolheram muito bem durante a minha estadia na Dinamarca. Obrigada por tornar mais suave os caminhos que escolhi

À **Ângela**, amiga de longa data, que o destino fez com que nos encontrássemos novamente. Obrigada pela sua presença perto de mim na fase final da pesquisa!

Ao **Carlos**, pela ajuda sempre nos assuntos eletrônicos, no laptop e na verificação dos meus conhecimentos da língua inglesa. Obrigada pelo incentivo sempre.

Ao **Gui, Murilo e Mariana**, meus primos que mesmo pequenos sempre me deram apoio e sei que me admiram muito. Adoro vocês!

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram para que esta dissertação chegasse a este ponto, concluída e pronta para ser lida. Ainda bem que no meu caminho apareceram sempre pessoas maravilhosas que estiveram sempre dispostas a me ajudar, sorrir ou dar uma palavra de incentivo. À todos vocês...**Muito obrigada!**

Sumário

Introdução	1
História, História Oral e Ginástica – diálogos no decorrer da pesquisa.	6
Campinas e as Expressões da Ginástica da década de vinte a década de setenta.	36
Bibliografia	130
Lista de Figuras	142
Anexos	146

Resumo

A História da Ginástica no Estado de São Paulo, e particularmente na cidade de Campinas, ainda é um tema pouco explorado em pesquisas acadêmicas, uma vez que esta temática começou a ser estudada com maior ênfase na década de noventa do século XX passando a Ginástica a ser, um dos focos de estudo nas universidades, encarada como um conteúdo relevante nas aulas de Educação Física, como uma área de pesquisa e praticado por um grande número de pessoas nas suas diversas manifestações: Ginástica Artística, Rítmica, Aeróbica, Geral, de Condicionamento (praticada nas academias de Ginástica) entre tantas outras.

No entanto, apesar de diferentes adjetivações, todas estas manifestações possuem uma espinha dorsal comum que é a Ginástica. O objetivo deste trabalho é fazer uma reconstrução histórica de como a Ginástica, um conhecimento desenvolvido e sistematizado na Europa, entra no Brasil, mais precisamente no município de Campinas, no início do século XX e como ao longo destes cinquenta anos, compreendidos da década de 20 até a década de 70, ela foi sendo modificada, ganhando novas roupagens de acordo com a história do ser humano, do pensamento e da própria Educação Física.

Escolhemos este período como foco do estudo, por ser uma época que mostra as diferentes manifestações da Ginástica tanto na escola, como seu desenvolvimento nos clubes, nas academias e nas universidades. É um período que mostra mudanças de paradigmas em diversas áreas e, conseqüentemente seus reflexos em uma prática humana.

Existe a necessidade de reconstruirmos o nosso passado para compreendermos o atual momento da Ginástica para que ela possa desenvolver-se, possibilitando aos profissionais da área, um embasamento teórico consistente para justificar tal prática e para planejá-la no futuro. Para compor a pesquisa foram usados arquivos imagéticos, documentais e bibliográficos que permitiram melhor utilizar a História Oral como metodologia para a obtenção de novos dados.

Como a metodologia utilizada exige que se façam entrevistas com atores sociais que estiveram envolvidos de alguma maneira com o fato estudado, foram entrevistados ao longo da pesquisa profissionais da área que tiveram atuação relevante na consolidação da Ginástica em Campinas e que contribuíram para difundir a prática desta atividade nas suas diversas possibilidades, tais como o Professor Pedro Stucchi Sobrinho, Professora Otília Foster, Profa. Dra. Vilma Leni Nista Piccolo, Profa. Odenise Emanuelli e Prof. Carlos Roberto Luz.

Abstract

The history of Gymnastics in the State of São Paulo, particularly in the city of Campinas, is a theme that has not been sufficiently explored in academic research, since it started to be studied more intensely only in the 1990s. Since then, Gymnastics has become a focus subject at universities and considered to be a relevant research domain, an important content in Physical Education classes, and it has been practiced by a great number of people in its various forms: Artistic, Rhythmic, Aerobic, General and Conditioning Gymnastics (practiced in gymnasiums) among others.

Despite their different modalities, all the above mentioned activities share the same basis, which is Gymnastics. The purpose of this work is to make a historical reconstruction of how Gymnastics, developed and systematized in Europe, came to Brazil, more precisely to Campinas, in the beginnings of the 20th century, and how it evolved over a period of fifty years, between the 1920s and the 1970s, acquiring new clothing according to the history of humankind, of our thinking and the history of Physical Education itself.

We have chosen this period as the goal of our study because it is a period that shows various manifestations of Gymnastics both at school and its development in clubs, gymnasiums and universities. It is a period that shows a change of paradigms in different fields, and consequently its outcomes in human practice.

It is necessary to rebuild our past to understand the present time of Gymnastics, so that it can develop, allowing professionals to have a consistent theoretical basis that will allow such practice. In order to compose this research we have used images, documents and books that have made it possible to better use Oral History as a methodology to obtain data.

Because this methodology demands interviewing the social actors that are related to the studied subject, during our research we have interviewed professionals from the field who had a relevant role in the consolidation of Gymnastics in Campinas and who contributed to spread the practice of this activity in its many possibilities, such as Pedro Stucchi Sobrinho, Otília Forster, Vilma Leni Nista Piccolo, Odenise Emanuelli and Carlos Roberto Luz.

Primeiras Palavras

Escrever para matar o tempo. Escrever por obrigação. Escrever por profissão. Escrever para tornar presente a ausência. Escrever para manter próximos os elos distantes. Escrever para vencer o Espaço e Tempo. Escrever para se encontrar ou se perder de vez. Escrever para dar vida eterna ao instante efêmero. Escrever para se sentir solitário, mas escrever para ter companhia na solidão, Escrever para se conhecer nas entranhas, mas escrever para romper a espessa crosta da individualidade. Escrever para criar pontes em busca do outro. Escrever para ter a marca registrada do ser pensante. Escrever para explodir ou domar paixão. Escrever como treino de inteligência ou para admirar a loucura da lucidez. Escrever para criar um ritual em que o ser humano é a própria magia. Escrever para se firmar como uma voz distinta no mundo. Escrever para aceitar, negar e transformar o mesmo mundo. Escrever para se sentir vivo e renovar o grande estoque de palavras-mundo que há em nós.

Introdução

Iniciar uma dissertação não é nada fácil. Fico pensando qual seria a melhor forma de introduzi-los ao meu trabalho e creio que a forma mais correta seria falar um pouco de duas “pessoas” que conviveram, andaram lado a lado durante estes dois anos de mestrado – Eu e o meu Texto. Tomo a liberdade de olhar para esta dissertação como algo animado, como o são as pessoas, por achar que ela é carregada de vida, carregada de história, lágrimas, alegrias... Como ela poderia ser inanimada com tantos fatores humanos rondando a sua volta? Estas páginas que seguem são vivas, pois estão carregadas de uma história que não se fez de mentiras. Uma história vista e vivida por olhares contemporâneos aos acontecimentos, olhares que se juntaram ao meu para podermos fazer uma possível história da Ginástica em Campinas durante um período de 50 anos. Por esses motivos, optei por iniciar falando de nós dois – Eu e o Texto.

Saber conciliar todas as fontes, obras, dados, interpretá-los foi uma tarefa um tanto quanto penosa e árdua já que a todo o momento estamos mergulhando no passado e voltando ao presente, ou nas palavras de Bloch (1997, pg.13) “... não definir a história como simples ciência do passado, mas como o resultado de um vai e vem constante do historiador do presente ao passado e do passado ao presente”. Ainda, de acordo com Bloch, o ofício do historiador está baseado justamente nestas inúmeras idas e vindas nas quais este pode compreender o presente por meio do passado e correlativamente o passado por meio do presente. Este ir e vir, como sabiamente Bloch nos aponta, é a função do historiador. Este vai e vem, esta vontade de querer retroceder no tempo para juntar peças de um quebra cabeça (que na verdade é um quebra cabeça que eu mesma me propus a montar), é que me faz pensar em todo o caminho percorrido até me encontrar aqui... Quais foram minhas motivações para chegar até este ponto, os porquês que até então não tinham explicação e que agora vislumbro como um caminho cheio de possibilidades a partir do qual, de agora em diante, vou começar a trilhar o meu. Este caminho é uma estrada pessoal, construída sem dúvida na relação com o outro, com o mundo, mas é sem dúvida o meu olhar, o meu caminhar por entre todas as coisas, fatos, cheiros, papéis, livros, idéias, sonhos que vão se esvaindo a medida em que começo a

colocar no papel tudo o que estava em mim e o que estava a minha volta por muito tempo.

O diálogo com as fontes foi, com certeza, a parte mais bonita desta caminhada, pois as percebi com uma vivacidade impressionante. As fotos, os jornais e os depoimentos todos tentando me mostrar o melhor caminho para reconstruir esta possível história. Compactuo com as belas palavras de Moreno (2001, pg.36) quando diz:

Assim, aprendi que, as fontes, não são documentos mortos, à espera de quem os leia. São vivos, dinâmicos. Como as pessoas, elas nos falam não necessariamente o que são (alguém saberá um dia?), o que representaram, mas falam e fazem-nos enxergar aquilo que gostaríamos que fossem, que falassem, que fizessem, que representassem.

Posso definir a trajetória desta caminhada com a palavra **“Encontro”**. Encontrar-me com a história, com a Ginástica, com Campinas, com outras pessoas de idades e experiências diferentes e por fim, comigo mesma. A grande satisfação foi perceber que de certa forma estávamos todos ligados. Eu no papel de quem iria escrever, observadora atenta de todos os fatos, ouvinte, olhos que caminharam inúmeras vezes por fotos, jornais, livros velhos, enfim... como aquela que iria ser a guardiã de todos os segredos contados a mim. Campinas, um cenário perfeito. Não pano de fundo, pois a cidade também é viva. Ela não permaneceu estática enquanto os fatos ocorriam, mas pelo contrário, interagiu, modificou-se, mostrou-se de diferentes formas, com múltiplas roupagens. Campinas é também a minha cidade. Como campineira nunca havia me interessado de forma concreta pela história do lugar de onde vim, onde cresci e agora vivo. Saber de Campinas foi também, de certa forma, saber de mim mesma como cidadã.

Escolher a Ginástica como objeto de estudo foi algo extremamente sério, uma vez que não a vejo simplesmente como uma prática. A Ginástica para mim tem um lugar de peso em minha vida. A minha história com ela começou tarde, mas foi apaixonante. Não a pratiquei quando criança, simplesmente ficava fascinada ao ver na TV e esperava que um dia pudesse praticá-la. Este tempo demorou 17 anos e quando entrei na faculdade, tive a oportunidade de vivenciá-la de uma forma não competitiva, o que me possibilitou entrar neste universo.

Se eu pudesse fazer uma metáfora, diria que ao me encontrar com a Ginástica não me deparei somente com um ginásio cheio de aparelhos, treinadores, medos, frustrações

por não ter ido bem em determinado aparelho, por não conseguir fazer um salto perfeito, mas sim, vi aparecer na minha frente um ambiente extremamente colorido, com inúmeras portas em que eu pude entrar, brincar, sair, voltar...um campo de possibilidades infinitas, um ambiente muito acolhedor que me possibilitou desde o começo olhar para esta prática como algo mais humano: poder praticá-la, posteriormente estudá-la, e perceber que a profissão que havia escolhido – Educação Física – tinha suas raízes na prática da Ginástica, me fez ver o todo como algo interligado, como uma teia de relações, na qual uma coisa vai explicando a outra, formando o nosso gigantesco quebra cabeça.

Estudando esta prática, pude me encontrar com pessoas competentes e amigáveis que me fizeram redimensionar a minha profissão, que me deram subsídios vivos para tornar esta dissertação algo pulsante. Ouvir as vozes – algumas do passado, outras mais contemporâneas, foi sem sombra de dúvida um exercício de humildade.

Tentar fazer desta dissertação algo que contemple o rigor acadêmico, mas que possa ser lida como algo vivo foi o meu grande desafio. Saber olhar para além dos dados que estão óbvios foi o ponto fundamental durante a composição deste texto. Escrever não sobre o óbvio, mas sobre o sutil é que deu a esta dissertação o dom de estar viva. Compartilho com Morin (2000, pg.59) quando este diz que “... é preciso estabelecer uma comunicação bem maior entre ciência e arte, e acabar com esse desprezo mútuo. Isso porque existe uma dimensão artística na atividade científica...” A ciência é, para mim, um caminho racional com sentimento, afinal somos seres humanos, e não máquinas.

Confirmando esta linha de pensamento, tomo a liberdade de transcrever na íntegra um parágrafo extraído do livro do autor, já citado anteriormente, Bloch (1997, pg.89):

Não há menos beleza numa equação exacta que numa frase apropriada. Mas cada ciência tem a estética própria de sua linguagem. Os factos humanos são, por essência, fenômenos delicadíssimos, muitos dos quais escapam à medida matemática. Cumpre utilizar uma linguagem finíssima, (uma cor adequada ao tom verbal), para traduzir bem os factos humanos, e portanto para os penetrar bem (pois é lá possível compreender perfeitamente aquilo que não fomos capazes de dizer?). Onde é impossível o cálculo aritmético impõe-se sugerir. Entre a expressão das realidades do mundo físico e a expressão das realidades de espírito humano o contraste é, em suma, o mesmo que existe entre a tarefa do operário fresador e a do fabricante de instrumentos de corda: ambos trabalham com rigor milimétrico; mas o primeiro utiliza aparelhos mecânicos

de precisão; o segundo guia-se, sobretudo, pela sensibilidade do ouvido e dos dedos. Não seria conveniente nem que o fresador se contentasse com o empirismo daquele fabricante, nem que esse imitasse o fresador. Quem negará que não haja, como tacto manual, um tacto de palavras?

Chego à conclusão de que escrever uma dissertação é algo extremamente individual, pois é uma viagem muitas vezes solitária na direção do que me motiva. Talvez este tema não motive outras pessoas, mas a mim sim. Estudei para sanar os meus anseios e espero com toda a generosidade dividir com todos que passarão comigo pela história que eu interpretei.

Abro agora as portas da minha cidade e apresento os caminhos percorridos ao longo desta dissertação, para que possamos olhar juntos para estes 50 anos de Ginástica e que possamos colocar a partir de agora lentes mais sensíveis, para vermos e interpretarmos as fotos, documentos, como seres animados em que cada um conta sua própria história. Afinal de contas todas fazem parte de um passado que ainda está muito vivo...

“O que é contar uma história? O que é contar a história? O que isso significa? Serve isso para alguma coisa e, se for o caso, para quê? Por que essa necessidade, mas também tantas vezes essa incapacidade de contar? E qual esse prazer, que Platão denunciava como perigo, de escutar histórias, uma história, a história?”.

(GAGNEBIN, 1994).

História, História Oral e Ginástica - diálogos no decorrer da pesquisa

Talvez, recorrer à análise histórica, longe de solucionar tais dilemas, possa, em certa medida, nos impedir de retirá-los do tempo. E, desse modo, poderemos saber, ao menos a idade dos nossos medos e dos nossos sonhos. Não para evitar os primeiros, nem para realizar os segundos. Mas para entrar em contato com eles em outras épocas, quando eles eram expressos por outras mentes, em outras línguas e segundo justificativas hoje tornadas, muitas vezes hilárias. Ambição de entrar em contato; sem dúvida, filha do seu tempo. (SANT'ANNA, 1993, pg.263).

Falar de História e Ginástica é um tema passível de milhares de interpretações. Isto porque cada termo acima pode ter inúmeros significados, pode consistir em outros olhares... São palavras tão amplas que antes de qualquer coisa, precisaríamos definir, ou pelo menos tentarmos, deixar transparente de que história falamos, a que Ginástica nos referimos, que corpo foi visto durante a pesquisa. Justamente por ter tantas formas de interpretá-lo, gostaríamos de que nesta primeira parte, os leitores pudessem compactuar do nosso pensamento sobre tais temáticas.

Iniciaremos nosso percurso pelos estudos da História apontando os caminhos encontrados e que justificaram o uso da História Oral como metodologia para esta pesquisa. É necessário, no entanto, deixarmos claro que outros pensadores da História também foram utilizados para balizar esta dissertação, fazendo com que ela pudesse dialogar com diversos pensamentos e formas de se encarar um fato histórico/social.

O olhar histórico que inicialmente nos norteou durante a dissertação foi um olhar relativamente contemporâneo de se fazer História. Esta forma surgiu aproximadamente nos anos 20 e tem como denominação dentro da História como História das mentalidades. Seus principais idealizadores, Bloch e Febvre, segundo Vainfas (1997, pg.130):

... Combatiam uma história que, pretendendo-se científica, tomava como critério de cientificidade a verdade dos fatos, à qual se poderia chegar mediante a análise de documentos verdadeiros e autênticos (ficando os 'mentirosos' e 'falsos' à margem da pesquisa histórica) (...) Combatiam, enfim, uma história que se furtava ao diálogo com as demais ciências humanas, a antropologia, a psicologia, a lingüística, a geografia, a economia e,

sobretudo, a sociologia, rainha das disciplinas humanísticas na França desde a obra de Durkheim.

Tal forma de encará-la trouxe uma abrangência muito grande, maior alargamento não só das fontes usadas pelo historiador, mas também maior interdisciplinaridade entre as diversas ciências que lançam seu olhar sobre a humanidade. Este foi um primeiro passo na direção de construir um conhecimento histórico que rompesse com uma visão de história apenas como sucessão de fatos, restrita a uma descrição linear e sem relevo, que concentrava sua atenção nos grandes personagens e seus feitos, mas desprezando as multidões trabalhadoras.

No entanto, é necessário que façamos algumas considerações neste ponto, pois apesar da maior abertura, sem dúvida, para o diálogo com as disciplinas, vemos segundo Ferreira (1994, pg.67) que:

Esta nova maneira de fazer história não alterou, contudo a postura anterior no que diz respeito ao período de interesse e às fontes. (...) os períodos que receberam maior atenção e se tornaram alvo dos estudos renovadores foram prioritariamente o medieval e o moderno. (...) E ainda que Jacques Le Goff tenha apontado a conquista da história contemporânea pela nova história como uma tarefa urgente, pouco foi feito nesse sentido. O contemporâneo podia ser matéria das ciências sociais em geral, mas não da história. Com isso, a história do século XX tornou-se uma história sem historiadores.

Apesar de pensarem em uma história que rompesse com o tradicional, no que diz respeito às fontes, é interessante percebermos que não houve a incorporação das fontes orais como mais uma das vozes que poderia falar sobre o passado. Por desvalorizarem a análise do papel do indivíduo, das conjunturas, dos aspectos culturais e políticos, também desqualificaram o uso dos relatos pessoais, das histórias de vida, das biografias. De acordo com Ferreira (1994, pg.67) “alegava-se também que os depoimentos pessoais não podiam ser considerados representativos de uma época ou de um grupo, pois a experiência individual expressava uma visão particular que não permitia generalizações”.

A oralidade, que encontra sua base nos primórdios da história, visto que foi esta a primeira forma que o homem encontrou de perpetuar suas narrativas sobre guerras, tradições, lendas, apesar de ser excluída desta nova história, no entanto, não é deixada de lado. Ela vai ganhando outras formas em áreas como o jornalismo, a sociologia como

meio de perpetuar a memória, tanto individual quanto coletiva. Desta forma a História Oral vai sendo desenvolvida fora da comunidade dos historiadores.

A partir de 1940 houve um ciclo de expansão que privilegiou o estudo das elites, mas nos anos seguintes, principalmente nos Estados Unidos, devido à Guerra do Vietnã, a luta das minorias raciais, das mulheres, dos imigrantes e dos homossexuais, a História Oral passa a dar voz aos excluídos, recuperar as trajetórias dos grupos dominados e assim tirar do esquecimento o que a história oficial sufocara durante tanto tempo.

Já por volta de 1970 e 1980 os pesquisadores começaram a lançar um outro olhar para a pesquisa histórica. Confirmando isso, Ferreira (1994, pg.68) aponta que neste período:

“(...) incorporou-se o estudo de temas contemporâneos, revalorizou-se a análise qualitativa, resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posição para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares”.

Desta forma, outras fontes, além das orais também foram incorporadas ao uso de pesquisas histórico-sociológicas. Se antes apenas as datas históricas, os papéis oficiais, os acervos de instituições públicas eram usados como fonte histórica, vemos hoje que muitas outras coisas podem ser consideradas documentos do passado: a fotografia, os objetos, as artes plásticas, o cinema e até o nosso próprio corpo como algo que traz as marcas do seu tempo. Apesar de ser considerada como uma forma recente de se olhar para a história, encontramos uma citação em Cardoso & Mauad (1997 pg.401) que aponta que ainda no século XIX, o historiador francês Fustel de Coulanges afirmava que: “onde o homem passou e deixou marca de sua vida e inteligência, aí está a história”. Qualquer tipo de marca.

No entanto, é necessário fazermos algumas considerações para que tal afirmação não seja banalizada. O pesquisador/historiador deve selecionar as melhores fontes para poder compor sua pesquisa. As fontes devem ter significado, devem servir como mais uma voz que vai dialogar com os textos, imagens e sons. A metodologia usada para compor esta dissertação, a História Oral é apontada como um caminho metodológico capaz de dialogar com essas diferentes fontes, pois para Simson (1999 pg.55):

“Tal método permite lidar com aspectos histórico-sociológicos ao captar, através da visão de um indivíduo, o desenvolvimento cronológico do fenômeno em estudo, inserido no contexto mais amplo da sociedade; possui um caráter dinâmico pois permite resgatar os processos sociais que deram origem aos fenômenos estudados possibilitando também um acompanhamento, pelos relatos de informantes, dos avanços e retrocessos de tais processos; apresenta ainda um caráter dialético ao obrigar o pesquisador que o utiliza a um constante confronto entre a teoria, as noções que ele já possui a respeito do objeto da pesquisa e a prática social concreta apresentada pelo informante”.

Mello (1996 pg.6) nos apresenta um enfoque que dialoga com o enfatizado acima, quando afirma que:

A História Oral pode se apresentar como uma alternativa que não concordando com uma determinada e exclusiva utilização do documento, permite mudar o enfoque historiográfico, passando também a se preocupar com toda espécie de pessoas comuns. O intuito inicial era devolver as pessoas a sua própria história. Isso implicava na necessidade de reorientar o papel do historiador, não mais o ‘detentor exclusivo do saber’, mas um intelectual que percebe que sua atuação se dá no contexto social e tem implicações políticas.

A História Oral, no entanto, por ser uma metodologia relativamente nova acaba gerando uma certa confusão no momento de defini-la como uma técnica, um método ou uma fonte. Sendo assim, considero-a como sendo uma mistura destas três, pois ela pode ser compreendida nas suas diferentes esferas. Considerá-la como sendo isso ou aquilo, de maneira estanque, poderia talvez, impedir que a História Oral fosse vista como um campo onde é possível o diálogo entre tais dimensões. No entanto, para esclarecermos melhor os caminhos metodológicos, consideramos o método de pesquisa utilizado como sendo o da História Oral, sem desconsiderá-la como técnica ou fonte, apenas encarando estas últimas como parte deste termo amplo e repleto de significados.

Alberti (1989 pg.02) nos diz que a História Oral: “privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”.

Já Pereira de Queiroz (1988 pg.08) a define como um:

... termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer

completar. Colhida por meio de entrevistas de variadas formas, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade.

A História Oral é uma técnica muito usada em pesquisas histórico/sociológicas, pois ela permite ir além do que os documentos registram. Ela vai buscar na vida das pessoas entrevistadas, elementos que contenham aspectos novos e originais sobre a história que está sendo escrita. Por meio dela tomamos contato com o “indizível”, com aquilo que um registro escrito muitas vezes não daria conta de transmitir. É um olhar aproximado do pesquisador diante do fato social, segundo Pereira de Queiroz (1988).

É importante, esclarecermos que fazer História Oral, não significa fazer a biografia das pessoas entrevistadas, mas sim, colher depoimentos que atestem o olhar de tais indivíduos acerca de algo que foi vivenciado, experienciado por eles. No caso desta pesquisa, o objetivo foi buscar nos relatos orais, mais uma possível fonte de diálogo sobre o tema Ginástica, sem fazer a biografia dos entrevistados, mas enfocando fases e aspectos desta biografia.

A Biografia, a História de Vida e a Autobiografia são três gêneros distintos que em comum têm o fato de serem baseados na seqüência de vida individual, a seqüência biográfica. No entanto, diferem na forma como a trajetória de vida é elaborada e apresentada. Para Pereira (2000 pg.118), podemos distingui-las da seguinte forma:

“Uma autobiografia consiste na narrativa da própria existência e nela foi o próprio narrador quem se dispôs a narrar sua vida. A história de vida, por sua vez é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, com a intermediação de um pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete. Já a biografia se define como a história de um indivíduo redigida por outro”.

O caráter subjetivo sobre determinado assunto é o que de acordo com Davis Jr. et all. (1995), faz da História Oral uma metodologia pertinente ao se estudar fatos do passado, pois mais do que simplesmente mostrar a História, como fazem as pesquisas documentais, a História Oral deixa transparecer algo mais - a experiência vivida.

É neste ponto também que muitas vezes são tecidas as maiores críticas ao uso desta metodologia, pois alguns historiadores questionam a objetividade desta, já que ao utilizarmos a memória como ponto de apoio estaríamos usando percepções subjetivas ou

falhas na memória, que levariam a falsas evidências. Contudo, segundo Thompson (1992 pg.179):

“... a afirmação ou contra afirmação de que as fontes da História Oral são fidedignas ou não, verdadeiras ou falsas, para este ou aquele fim, obtidas desta ou aquela pessoa, encobrem as questões de real interesse. A natureza da memória coloca muitas armadilhas... porém oferece recompensas... A realidade e o mito, o objetivo e o subjetivo se mesclam inextricavelmente em todas as percepções sejam elas orais ou escritas”.

Um outro lado importante da História Oral é sem dúvida o seu caráter revolucionário ao olhar para o fato histórico. A possibilidade de dar voz ao passado faz com que a história se encha de uma cor e vivacidade que a simples descrição de fatos não é capaz de oferecer. Sobre esta temática Thompson (1992 pg.20) nos oferece esta brilhante explicação:

“A História Oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a História Oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras”

No universo da História Oral podemos encontrar três técnicas principais para a coleta de dados: o uso da história de vida, dos depoimentos orais e dos relatos orais. Para Campos et all (1998 pg.12), as formas pelas quais a palavra do outro é captada são diversas, dentre esta formas temos:

- A história Oral de Vida que: “(...) é o relato de um narrador sobre a sua existência através do tempo, contando livremente sua vida, imprimindo ao relato suas próprias categorias, impondo um ordenamento e selecionando ele mesmo o que quer relatar”.
- Uma forma menos ampla e livre seria o relato oral de vida, “quando é solicitado ao narrador que aborde de modo mais especial determinados aspectos ou fases de sua vida, embora dando a ele liberdade total de expressão”.

- Já o depoimento oral:

“(…) constitui uma modalidade bastante diversa das anteriores, à medida que se busca, através deles, obter dados informativos e factuais, assim como o testemunho do entrevistado sobre sua vivência ou participação em determinadas situações ou instituições que se quer estudar. Tenha-se presente que nas ciências sociais o depoimento não tem o sentido do estabelecimento da verdade, mas do conhecimento de uma versão”.

Esta última foi a que utilizamos para compor a pesquisa – o depoimento oral, por acharmos que esta era a técnica de pesquisa que mais se aproximava dos interesses que havíamos nos proposto desde o início: falarmos da Ginástica com a possibilidade de ouvir as vozes dos que a vivenciaram nos 50 anos propostos neste estudo.

Ainda no que diz respeito aos depoimentos orais, Pereira de Queiroz (1998 pg.21), esclarece que:

“A diferença entre história de vida e depoimento está na forma específica de agir do pesquisador ao utilizar cada uma destas técnicas, durante o diálogo com o informante. Ao colher um depoimento, o colóquio é dirigido diretamente pelo pesquisador; pode fazê-lo com maior ou menor sutileza, mas na verdade tem nas mãos o fio da meada e conduz a entrevista. Dá ‘vida’ de seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho, e a escolha é unicamente efetuada com este critério. Se o narrador se afasta em digressões o pesquisador corta-as para trazê-lo de novo ao seu assunto”.

A entrevista, e por consequência o uso do gravador em pesquisas com história oral é imprescindível já que por meio do registro da fala dos entrevistados é que são extraídas as informações na hora da transcrição do oral para o escrito. Para Meihy (1996 pg.22) a história oral “(…) além de seu valor documental enquanto gravação (que guarda em arquivos a modulação da voz e a situação da entrevista), precisa ser vertida para a linguagem escrita, a fim de facilitar trânsito, reflexão e estudos”. É importante salientar, entretanto, que o documento histórico é a gravação e não a transcrição das entrevistas. A transcrição é um instrumento usado pelo pesquisador para poder acessar com mais facilidade os dados contidos no documento.

Apesar de grande parte da pesquisa ser baseada nos depoimentos orais, é importante esclarecer que foram utilizadas ao longo da pesquisa outras fontes de informação tais como fotos, documentação bibliográfica e de acervos pessoais dos

entrevistados a fim de que houvesse uma coleta diversificada de dados. Para alguns teóricos da história oral, esta diversificação de técnicas de coleta de informações, é o que garante a maior fidedignidade da pesquisa. Kosminsky (1999 pg.84), fazendo uma ponte entre os pensamentos de Maria Isaura Pereira de Queiróz e Câmara Cascudo esclarece que no que diz respeito à utilização de variados meios de coleta de informação:

“(…) há uma convergência entre Maria Isaura e Câmara Cascudo, pois ambos propõem a combinação de técnicas para a realização de qualquer pesquisa. No caso de Maria Isaura, temos, como exemplo, a coleta de depoimentos pessoais sendo complementada pela ficha do informante e pelos cadernos de campo. E o depoimento pessoal do pesquisador, referido por Câmara Cascudo, se aproxima da idéia de autocrítica que Maria Isaura considera como fundamental”.

A autocrítica é peça chave para que o pesquisador consiga se manter devidamente afastado dos dados da pesquisa, analisando as entrevistas de maneira objetiva e não subjetiva.

Para Campos (1998 pg.16):

“A associação de duas ou mais técnicas permite ter uma visão mais ampla e variada da realidade em estudo, desde que possibilita superar de certa forma as limitações que cada fonte de dados traz e evidencia, por outro lado, suas potencialidades” e também “ A diversidade de fontes compreendendo documentos escritos, relatos orais e imagens, torna-se fundamental, especialmente pela riqueza que a complementaridade entre as mesmas permite”

O uso da fotografia foi um grande aliado na construção desta pesquisa, tanto como forma de ativar a memória dos entrevistados, bem como uma fonte a mais para dialogar com as vozes e o texto escrito. Poder olhar para a foto e perceber nas ausências um pouco da história, foi sem dúvida, uma grande experiência de pesquisa. A fotografia é a memória imagética da História, e como tal se constitui em uma importante fonte de dados também para a História Oral.

Como fonte histórica, o uso de imagens (sejam elas provenientes das fotos, do cinema ou das artes plásticas) se faz cada vez mais presente, por trazer consigo marcas ou ausências da própria história. No entanto, utilizá-las na pesquisa exige que o pesquisador esteja atento para olhá-las com olhos de quem quer ver, buscando nelas não o exatamente

óbvio, mas esta complicada relação existente num simples retângulo de papel fotográfico. Para Cardoso & Mauad (1997 pg.405):

“Ao historiador, a fotografia lança um grande desafio: como chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico. Tal desafio impõe-lhe a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos elementos – homens e signos – interagem dialeticamente na composição da realidade”.

Da mesma forma em que a fala dos entrevistados pode apontar para alguma ambigüidade, as fotografias também são um campo em que é necessário saber enfrentá-las. Usar a fotografia não é apenas ter uma ilustração para o texto, mas sim fazer as interfaces com as outras fontes e salientar pontos que elas ainda não haviam apontado, mostrá-la como mais um olhar enriquecedor sobre o fato. Há uma série de conflitos dentro do retângulo da foto, pois lá estão inseridas as óticas do fotógrafo, do pesquisador e de quem está sendo fotografado. A ambigüidade presente nela é representada de forma excelente por Cardoso & Mauad (1997, pg. 405) quando afirmam que esta pode ser a “Materialização da experiência vivida, doce lembrança do passado, memórias de uma trajetória de vida, flagrantes sensacionais, ou ainda, mensagens codificadas em signos. Tudo isso, ou nada disso, a fotografia pode ser”.

Leite (1998 pg.111) nos aponta ainda que as imagens por si só não falam. A fotografia sozinha não tem condição de comunicar adequadamente a experiência através de sua leitura. A respeito disso a autora ressalta que:

“Enquanto as imagens se apropriam do mundo num relance, a leitura, como a música, requer o seu tempo. A imagem fotográfica exclui o aspecto temporal da leitura ao registrar o ato e não a ação. Além disso, a simetria da imagem fotográfica introduz uma ordem na leitura que ela intrinsecamente não possui”.

Optar por fazer história desta maneira, não é, portanto negar o texto escrito, não buscar o que as vozes oficiais dizem, mas sim criar uma tensão entre o oficial e o não oficial, entre claro e escuro, entre vencedores e dominados (e veremos que não existem uns nem outros... tudo depende da ótica que olhamos), buscando assim uma história não verdadeira, mas uma história mais real, dialética, passível de erros e acertos pois ela se faz viva. O diálogo entre fontes diferentes faz aparecer o inesperado, o encontro com o que ainda não foi dito, ou com aquilo que estava a todo o tempo nos fitando, mas impossibilitado de aparecer.

Sobre isso, Almeida no prefácio da obra de Soares (1998 pg.1) nos contempla com a seguinte reflexão:

“Para que algo significativo seja revelado, as coisas devem ser misturadas, colocadas em tensão. Buscar sentidos na aproximação problemática de linguagens diferentes. Tradução. Traduzir de uma linguagem para outra para que algo verdadeiro e inesperado surja ora do texto, ora da imagem e aí achar trechos da história que ficaram perdidos e obscurecidos pela história oficial. Tradução também da imaginação, do desejo e da história do pesquisador, dos trechos perdidos e obscurecidos pela sua história oficial. Como se uma pesquisa pudesse ser ao mesmo tempo uma história pessoal profundamente social”.

É com essa visão de História, criando tensões, conflitando dados que vamos iniciar agora o estudo da Ginástica como nos propusemos no início deste texto. Esta segunda parte trará algumas considerações a respeito do termo, suas origens históricas e também discutiremos os caminhos no interior da Ginástica que serão contemplados nesta pesquisa. O uso deste termo na dissertação será feito no seu sentido mais amplo, com o objetivo de estudar o fenômeno Ginástica nas suas diferentes adjetivações. Acreditamos que exista um núcleo comum que permeia todas as manifestações gímnicas, e é sobre esse núcleo, esse significado amplo que falaremos a partir de agora.

Usarei, como introdução ao tema, uma citação de Tibeau (2000, pg.22), que apesar de falar da Ginástica na atualidade, diz muito sobre o caminho que percorreremos a partir de agora para tentarmos clarear esta “complicada”, dada a sua abrangência, área do conhecimento denominada Ginástica:

“A Ginástica, talvez, seja a área da Educação Física que mais sofre influências de modismos. A todo o momento estamos sendo bombardeados por diferentes nomes associados, direta ou indiretamente, à Ginástica. Me parece que os limites de sua conceituação são bastante tênues e, muitas vezes, fica difícil entender até que ponto vai a Ginástica e onde começa o significado dos seus adjetivos”.

Escolhi este caminho para tentarmos voltar nosso olhar para a Ginástica e entendê-la como algo amplo, pretendendo clarear para os leitores e para mim, como pesquisadora, as confusões geradas pelas diversas compreensões do termo ao longo da história. Devo acrescentar aqui que tais confusões foram produzidas pelas próprias dimensões que a palavra Ginástica carregou durante os tempos.

Se para iniciarmos a discussão, fosse pedido que cada um falasse o que vem ao pensamento quando pronunciamos a palavra Ginástica, já teríamos uma infinidade de termos ou adjetivações que, trariam em si o cerne da Ginástica, mas com roupagens diferentes, como por exemplo, Ginástica Artística, Rítmica, Geral, Acrobática, Hidroginástica, Estética, de Grande Área, Ginástica de solo, Matroginástica, Antiginástica, enfim um sem número de palavras que poderiam ser acrescentadas mudando o significado. Se uma atividade humana pode inspirar tantas variações, qual será então este cerne comum a todas? Como poderemos falar em um termo que é tão multifacetado, sem cair no discurso vazio ou falar de tudo e não falar de nada? Tarefa complicada, mas extremamente desafiadora...

Para compormos esta História, foram usados diversos livros que nos contaram a História da Ginástica de diferentes maneiras, com enfoques distintos e que nos ajudaram a tentar encontrar nas linhas e entrelinhas o significado da palavra Ginástica no seu sentido mais ampliado. No entanto, as fontes escritas muitas vezes possuem um olhar dirigido, um olhar que busca transmitir a História com uma certa linearidade que não é verdadeira. A respeito disso Cesário (2001, pg.53) nos alerta que:

“A história da evolução da Ginástica não se deu de forma tranqüila e linear como alguns livros nos mostram. Como qualquer fato social, o caminho percorrido pela Ginástica sofreu vários percalços e seria quase um erro olhar para a evolução aceitando todos os fatos”.

Sendo assim, aceitando alguns fatos e outros não, caminharemos do presente ao passado, a fim de encontrarmos, ao longo da história, como a Ginástica surgiu e como foi ganhando diferentes roupagens. Neste caminho, iremos tentar seguir por uma linha imaginária, onde o nosso foco será sempre olhar para a Ginástica como o termo que agrega as suas adjetivações e não o oposto.

Compactuando da idéia de que a linearidade histórica muitas vezes não traduz as nuances do real, peço aos leitores que a partir de agora, tentem entender a narrativa que se segue não como sobreposição de um conceito por outro, mas sim como uma intrínseca rede de significações que existiram (e ainda existem), pois estes fatos citados a seguir muitas vezes conviveram concomitantemente, dialogaram entre si, ou simplesmente por questões geográficas, nunca tiveram contato, mas coincidentemente possuíram uma mesma base, um mesmo eixo.

Se pretendemos começar dos primórdios, devemos dirigir nosso olhar para quando o homem começou a movimentar-se, expressar-se, a usar o gesto como forma de comunicação, ou usar o gesto como algo utilitário. As raízes da atividade física podem ser encontradas desde a pré – história, por ser esta uma atividade criada para os homens e pelos homens. Desde 3000 anos a. C os exercícios físicos vêm sendo desenvolvidos, acrescentando ou reduzindo seu significado de acordo com o local em que estão inserido ou o tempo em que estes se desenvolvem. Nas civilizações egípcias, segundo Ramos (1982) é possível encontrarmos exercícios de equilíbrios, acrobacias individuais ou em grupos.

A Ginástica, sendo entendida como sinônimo de atividades físicas em geral (grifo nosso), vai ganhando roupagens diferentes de acordo com as épocas, culturas e interesses distintos.

Deste período podemos citar como exemplo de atividades físicas algumas civilizações orientais que tinham na Ioga (Índia), no Kung-Fu (China), no Jiu-Jitsu (Japão) e no Pólo (Persas) a base da sua cultura corporal. Tais atividades tinham, segundo Ramos (1982), um caráter agonal, servindo mais como meio ritual ou de preparação para a vida.

Para Toledo (1999, pg.67), em tais civilizações, a palavra Ginástica:

“(…) aparece como elemento sinônimo de um conjunto de atividades físicas, baseadas na massagem e nos movimentos respiratórios, com uma certa frequência diária, e com objetivos médicos e morais. Com algumas particularidades, praticamente todas as civilizações antigas a que temos acesso, a partir de quarenta séculos antes de Cristo, tinham esta concepção”.

Sendo assim, encontramos a atividade Ginástica sendo entendida como um conjunto de práticas corporais, de atividades físicas que atendiam finalidades tanto médicas quanto morais. Nos livros de história da Ginástica, são creditados aos gregos o diálogo destas práticas com as artes pois estes consideravam os exercícios físicos e os elementos artísticos como atividades irmãs. A própria definição deste termo denota esta relação, pois para os gregos Ginástica era a “arte de exercitar-se com o corpo nu” (grifo nosso).

No entanto, a plasticidade de um lutador/ginasta de Kung-Fu, facilmente nos remete a algo mais do que simples prática para manter a saúde. Saber manejar

armas/aparelhos, dominar seu corpo, seus próprios movimentos é antes de tudo uma experiência artística e em nosso olhar, este lado sempre esteve presente desde que existisse um ser humano, uma prática corporal e um público que a assistisse.

A História que estamos inseridos é a ocidental, mas não podemos deixar de lembrar aqui que neste campo das artes, o Oriente com seus circos chineses, por exemplo, existem há milhares de anos, trazendo também técnicas próprias de exercitar o corpo. O diálogo da ginástica com as artes existiu em quase todos os povos, em maior ou menor grau, mas esteve sempre presente.

Presenciamos neste ponto dois caminhos a que a atividade física se prestou: servir, por um lado, como meio de fortalecimento, de enrijecimento moral e corporal, com objetivos claramente evidenciados na saúde e de outro, vemos a prática de exercícios encarada como arte, como experiência estética, como momento de apreciação do gesto desafiador, como olhar para o corpo em movimento. Na realidade, arriscaria dizer que estes dois caminhos estavam juntos, construindo um conceito em que a Atividade Física/Ginástica era entendida como estes dois lados da mesma moeda.

No Ocidente, os gregos foram o primeiro povo a definir o conceito de Ginástica. Para estes, de maneira geral, o termo significava, segundo Langlade & Langlade (1970, pg.21) “exercícios físicos em geral, que compreendiam as corridas, lançamentos, saltos, lutas, etc” Esta prática era inserida na vida diária dos cidadãos gregos (mulheres e escravos não tinham acesso), pois esta unia, aos cuidados do corpo, o aperfeiçoamento do pensamento elevado, honesto e justo. Segundo Bonorino (1931), a Ginástica era dividida em dois grupos: a orquestrica e a paléstrica, na primeira tínhamos a formação cultural e moral dos jovens, atitudes por meio de gestos, música, caráter, dignidade do cidadão, danças rítmicas e na outra era feito o preparo de atletas para os jogos públicos, diversas modalidades de exercícios físicos e eram realizados nos ginásios.

Percebemos que para os gregos havia uma preocupação em desenvolver o homem nos seus aspectos físicos e espirituais, tendo a Ginástica a função de cuidar da morada do espírito e fortalecê-lo moralmente também. No entanto, há um diferencial no que diz respeito à definição do conceito de Ginástica que difere das outras civilizações. Para alguns autores, como Bonorino (1931) esta não é encarada somente como um conjunto de

exercícios físicos, mas como uma atividade que obedecia a determinadas regras (metodologias) e era praticada em lugares específicos (ginásios).

Roma herda da Grécia sua cultura e com ela também sua maneira de olhar o corpo. Termas, Ginásios, Circos, Arenas – lugares onde o corpo é exercitado, transformado e muitas vezes massacrado. Podemos dividir segundo Ramos (1982) em três períodos a história dos exercícios físicos durante o Império Romano: um primeiro momento em que a influência etrusca visava somente a preparação militar, outro em que foram retiradas da Grécia algumas receitas de práticas higiênicas e esportivas e um último período em que o principal foco de atenção eram os espetáculos circenses nas arenas com gladiadores, corridas de carros e salto sobre o touro.

Neste ponto, achamos extremamente pertinente, fazermos com que o leitor não se esqueça que estamos percorrendo este caminho todo a fim de buscarmos na história as pistas ou o fio condutor da palavra Ginástica. Vimos que até este ponto ela já possuía um número suficiente de definições: era entendida como um conjunto de práticas corporais e de acordo com cada civilização foi ganhando roupagens diferentes e atendendo a finalidades diversas.

Se as histórias escritas nos passam uma imagem superficial de como ela se desenvolveu realmente, ousamos ao imaginar o encontro de algum acrobata chinês com um gladiador, ou ainda imaginarmos uma trupe circense andando por Roma, apresentando-se e trazendo novidades em termos de técnicas de movimento. Pode ser que tais técnicas nunca tenham chegado a influenciar em larga escala a prática e o conceito da Ginástica em Roma, mas, com certeza, algum jovem viu, tentou copiar, conseguiu e a partir daí desenvolveu outras técnicas para fazer determinado salto ou para impressionar as pessoas na rua. Usar o corpo como “centro do espetáculo”, termo usado sabiamente por Soares (1998) é uma prática que foi ganhando cada vez mais espaço no Ocidente a partir do período medieval. Parece-nos plausível, portanto, pensarmos que houve um intercâmbio na forma de se exercitar, ou em última análise, pelo menos houve um contato com outras formas de se encarar o corpo, o que acabou por trazer e levar conceitos que muitas vezes não se encontraram num mesmo período, mas que tiveram as suas repercussões. Como já citado anteriormente, a história oficial está preocupada em registrar a história dos grupos dominantes, quase sempre se esquecendo das histórias

individuais que acabam por alterar o curso de alguns acontecimentos deixando de ser histórias solitárias, ganhando proporções significativas.

Há uma controvérsia entre alguns autores ao afirmarem que a Idade Média foi um período de trevas no qual a prática da Ginástica foi deixada de lado. Preferimos acreditar que sua prática saiu da história oficial e ganhou terreno no campo das histórias subterrâneas, na prática popular. Talvez longe dos olhares oficiais, mas próximo da movimentação menos controlada, as práticas corporais tiveram seu período de latência até renascer (oficialmente) na Idade Moderna.

Ramos (1982, pg.22) faz um análise bastante correta deste período ao mostrar que ao invés das trevas, a Idade Média foi um período de luz, onde muitas atividades floresceram e que depois sim ganharam mais impulso com o Renascimento:

“A Idade Média, repleta de ascetismos, não foi um período de completa ignorância, noite de trevas na cultura do antigo mundo europeu. Os povos, acorrentados ao regime feudal, sofreram o impacto do Cristianismo, porém, nas universidades, frades e estudantes, ávidos de saber, comentavam as teorias de Aristóteles, continuavam enriquecendo o patrimônio dos conhecimentos e criaram a escolástica. A cultura não desapareceu, tanto que nesta época floresceu a arte gótica, surgiram as primeiras universidades e surgiram personalidades geniais como Pedro Abelardo, Alberto Magno e Dante Alighieri”.

O que predominou nesta época foi sem dúvida a prática da cavalaria, com um caráter guerreiro e de entretenimento, fruto das práticas dos exercícios em Roma. No entanto, há resquícios neste período da Ginástica entendida como manifestação artística por meio do que Toledo (1999, pg.71) chama de “manifestações artísticas informais a dança e algumas apresentações circenses (os bobos da corte e posteriormente os acróbatas populares)”.

Gostaríamos de nos ater nestes acróbatas populares para que possamos tecer algumas considerações a respeito destes que num outro período servirão de base para a estruturação dos métodos de Ginástica.

O cenário para imaginarmos: uma feira livre. Os artistas: ousou dizer que seriam ginastas populares. O público: todos os que passavam e se sentiam atraídos em ver o espetáculo do corpo. E aí temos um primeiro ponto a considerar: Como eram vistos estes artistas que se exercitavam, que mostravam proezas com seus corpos num período em

que este era renegado em favor do espírito? Por esta pista, podemos começar a imaginar um dos motivos pelos quais a história oficial não deixou quase nada registrado a respeito destes que contribuíram para a perpetuação de um conceito de Ginástica que via o corpo como espetáculo, não como algo utilitarista.

Soares (2000, pg.19), nos relata de forma brilhante o espírito desta época:

“Com as imagens e histórias contadas sobre o passado podemos imaginar uma pequena vila, com sua feira durante a Idade Média. A feira era sempre um acontecimento. Lá comprava-se e vendia-se coisas. Lá as notícias circulavam e lá, também, aconteciam os espetáculos do corpo. Do vazio da estrada surgia um grupo de cômicos populares. Eles cantavam, tocavam instrumentos e faziam ‘proezas’ com o corpo. Ficavam de cabeça para baixo, faziam a roda intermitentemente, montavam seu trapézio e não paravam de voar. Possuíam asas invisíveis esses seres? Tudo o que faziam invertia a curso ordinário da vida séria”.

Esta movimentação pode ser considerada como sendo o núcleo primordial da Ginástica que conhecemos hoje. Ao longo da Idade Média ela foi sendo desenvolvida, testada, vivenciada quase que à surdina, pois o olhar do poder estava voltado para a preparação de cavaleiros. Na verdade, em sua base, Ginástica ainda tinha o mesmo significado: exercitar-se. As formas de exercitar-se e sua finalidade é que se apresentavam diversas.

Há um conceito ideológico muito forte nestas duas correntes e que vale a pena ser ressaltado. Enquanto a Ginástica entendida como exercícios físicos via na movimentação uma utilidade prática, ou seja, exercitar-se para tornar-se um melhor cavaleiro e combater de maneira mais eficiente nas guerras, a outra perspectiva via a prática do exercício como espetáculo, como divertimento. Não havia uma utilidade imediata para aquilo que faziam. Os exercícios eram feitos por diversão, por desejo de superar-se e mostrar proezas incríveis. Acreditamos ser esse um ponto crucial para a compreensão da linearidade do termo e seus diferentes significados que floresceram posteriormente.

Em 1300, segundo Ramos (1982, pg.24) “(...) começou a aparecer uma civilização distinta, marcando paulatinamente, a fusão da civilização greco-romana e do Cristianismo. Nasce o Humanismo, que reconcilia a educação intelectual, moral e física”. É na Idade Moderna e com o advento do Renascimento, entretanto, que os exercícios físicos são olhados de maneira pedagógica, voltados para a educação do indivíduo. A

importância de exercitar-se para formar um indivíduo completo é retomada dos ideais gregos. É interessante notarmos que o exercício aceito nas instituições escolares, não é aquele do corpo espetáculo. A Ginástica é entendida como um conjunto de exercícios (corridas, saltos, lançamentos, alguns jogos, passagem sobre obstáculos e exercícios sistematizados), possuindo uma técnica específica e que teria como finalidade educar os cidadãos.

O espetáculo circense servirá sem dúvida como fonte de inspiração para as novas técnicas de utilizar o corpo, mas seu uso deverá ser transformado, purificado, oficializado. Soares (1998, pg.25) ilustra perfeitamente o receio em se olhar para o circo uma vez que este trazia estruturas diferentes daquelas usadas pelo poder:

“(...) cada vez mais despertavam o medo das autoridades, pois seu modo de ser e viver desafiava as instituições, tão caras à sociedade que as inventara de modo tão profundo. Traziam o corpo como espetáculo. Invertiam a ordem das coisas. Andavam com as mãos, lançavam-se ao espaço, contorciam-se e encaixavam-se em potes, em cestos, imitavam bichos, vozes, produziam sons com as mais diferentes partes do corpo, cuspiam fogo, vertiam líquidos inesperados, gargalhavam, viviam em grupos. Opunham-se assim aos novos cânones do corpo acabado, perfeito, fechado, limpo e isolado que a ciência construía. Da vida fixa e disciplinada que a nova ordem exigia”.

Não é de admirar-se, portanto, que após tantos anos de repressão ao corpo (pragas, doenças, falta de higiene, Cristianismo, pudores, pecados), ele teria de ser olhado novamente não como parte desprezível do homem, mas como massa necessária à sobrevivência do intelecto e do homem como espécie. Para isso era necessário atingir várias frentes, não só os estudantes, mas também a população como um todo, tentando cultivar valores higiênicos.

As pedagogias florescem e diversos autores escrevem seus manuais de educação moral e física, dos quais podemos citar Maffeo Veggio (1407-1458)¹, François Rabelais (1494-1553)², Jean Jacques Rousseau (1712-1778)³, Gerolamo Mercuriale (1530-1606)⁴,

¹ Maffeo Veggio foi um professor, grande conhecedor da Ginástica e da Fisiologia e considerado o maior pedagogo de sua época. Publicou em 1441 em Milão a obra, a Educação da Criança. Condenava a Ginástica violenta, aconselhando a prática de exercícios dosados e indicava os jogos como excelente meio de exercitação. C.f. Ramos (1983) p.173

² Filósofo, médico e escritor, François Rabelais, pregava a educação ao ar livre, com atividades que preparassem para a vida, já que o conhecimento estava no mundo e podia ser apreendido através dele. Escreveu o célebre livro “Gargântua e Pantagruel” que atraiu a atenção do povo sobre as práticas naturais

Francis Bacon (1561-1623)⁵, John Locke (1632-1704)⁶ e Pestalozzi (1746-1827)⁷ entre outros. Cuidar do corpo, no entanto, não era privilégio dos estudantes. Embora fosse dada atenção ao exercício como parte da educação do jovem, havia uma relação com os conceitos médicos, uma clara interface entre a prática de exercícios e a qualidade de vida. Era necessário ter uma população sadia, higiênica, forte e corada, que contrastasse com os corpos considerados doentes, fracos, mal nutridos e pálidos que as doenças deixaram ao longo da Idade Média.

Mas é o século XIX, no entanto, que vai ver nascer um olhar mais sistematizado para a Ginástica. Como síntese de todas as outras épocas, foi neste século que ocorreu a sua estruturação nos mais variados aspectos, mas principalmente a organização dos Métodos Ginásticos e da própria Educação Física, sendo utilizada como um meio para produzir um homem mais adaptado à sociedade novecentista.

Mas qual seria esta nova sociedade emergente? Quais os valores, as filosofias que estavam sendo pensadas nesta época? O século XIX foi por excelência um século de transformações profundas na sociedade, nos aspectos econômicos, políticos e sociais.

Economicamente vemos que as mudanças começam a ocorrer já no fim do século XVIII, com a mudança de uma economia mercantilista para uma economia capitalista, calcada na produção em larga escala, graças à Revolução Industrial.

Assim como a Renascença começou na Itália, a Reforma Luterana na Alemanha e a expansão Marítima em Portugal, a Revolução Industrial foi um fenômeno que teve início na Inglaterra e acarretou profundas mudanças no seio da sua sociedade. Segundo Costa e Mello (1993, pg.153) “a Revolução Industrial acelerou o processo de migração

no quadro educacional em particular ao fortalecimento do corpo e no arejamento do espírito. C.f. Ramos (1993) p.174

³ Rousseau publicou várias obras dentre as quais podemos destacar o romance “Emílio ou da Educação” onde o autor preconizava, entre outras coisas, a prática do exercício físico, a necessidade do esforço, a vida ao ar livre, a alimentação pura e sadia como elementos essenciais à saúde. Foi um autor bastante influenciado pelos ideais da Grécia antiga. Op.Cit. p.174

⁴ Mercuriale, professor, médico e humanista foi fundador da moderna medicina desportiva, deixou inúmeros escritos de ordem médica e prática, entre eles sua maior obra, De Arte Ginástica, inspirada nas idéias de Galeno e de outros gregos antigos. Op.Cit. p.176

⁵ Filósofo e estadista inglês, sempre sustentou que o exercício podia remediar quase todas as doenças. Op.Cit p.176

⁶ Filósofo inglês de grande reputação, interessou-se pela educação da infância e da juventude. Op. Cit. P.177

⁷ Filósofo e educador suíço, fiel continuador das idéias de Rousseau, dentro do pensamento naturalista. Seus principais livros foram “Gertrudes” e “Como Gertrudes Educa seus Filhos”. Op.Cit.p.179

do campo para a cidade, o que intensificou o crescimento da população urbana e contribuiu para a formação de uma nova classe social, a operária”.

As jornadas de trabalho para esta classe eram extenuantes, por volta de 14 a 16 horas diárias, os salários eram baixos e as condições de vida nas grandes cidades eram péssimas. Para os burgueses, donos das fábricas, isto não importava, o importante era produzir mais para aumentar o capital.

A Revolução Industrial é seguida por outros países europeus como França, Alemanha, Itália, Rússia e também Estados Unidos e Japão. As ex-colônias, já independentes, da América do Sul, incluindo principalmente o Brasil, começam a seguir, com alguns anos de atraso, este modelo econômico, que influenciará fortemente o modo de viver, o corpo e as práticas corporais dos brasileiros.

Politicamente vemos que com a Industrialização, a burguesia se tornou a classe dominante da sociedade europeia e a partir da Revolução Francesa (1789), foi também conquistando o poder político nos diversos países deste continente. Com o cenário político dominado por burgueses simpatizantes aos ideais da Revolução Industrial, as classes sociais eram cada vez mais afastadas umas das outras. Aos burgueses cabiam desfrutar os lucros da nova sociedade liberal, já aos proletários nada era oferecido senão trabalhar cada vez mais para pelo menos poder sobreviver.

No campo filosófico, o fim do século XVIII e início do século XIX é marcado por um prodigioso desenvolvimento científico e cultural. Segundo Costa e Mello (1993, pág.81) “o avanço das ciências desenvolvia a crença num progresso contínuo da humanidade, em direção a um estágio superior, e transformações econômicas, políticas, sociais e culturais, extremamente revolucionárias, caracterizam todo este período”.

Vemos nesta época florescer as idéias de Voltaire (1694-1778), Montesquieu (1689-1755) e Jean Jacques Rousseau (1712-1778), que influenciará outros pensadores do século XIX como Auguste Comte, por exemplo.

No âmbito científico há também um grande avanço com a descoberta das bactérias, a utilização do microscópio, as pesquisas para a cura de doenças, que conferem à ciência um status privilegiado dentro da sociedade novecentista. As máquinas eram as grandes novidades da época, juntamente com a ciência que tenta medir, racionalizar,

justificar todas as coisas existentes no mundo, inclusive os grupos sociais e as suas práticas.

Este “**Século das Luzes**” conforme grifo de Costa e Mello (1993, pg.81), no qual há um desenvolvimento nos mais diversos aspectos, é que vai assistir ao nascimento dos primeiros olhares sistematizados e com caráter científico sobre o corpo, sobre a prática de exercícios físicos e as suas finalidades. É interessante portanto vermos a partir de agora como que, em meio a tantas revoluções, foi sendo estruturada as primeiras sistematizações dos exercícios físicos e a quais finalidades serviam.

A produção de corpos saudáveis era, sem dúvida, uma das idéias mais fortemente encontradas em estudos de Educação Física da época. Era necessário que o corpo fosse preparado para a produção, para não ficar doente, para não ficar deformado, garantindo sempre a produtividade do trabalhador, que era por consequência a produtividade das fábricas. A ciência entra para justificar a necessidade de um corpo funcional, vendo o corpo humano como uma grande engrenagem que deveria funcionar sempre. O pensamento científico é usado para justificar as diferenças sociais e legitimar o uso da Educação Física em um aspecto extremamente científico, metrificado e rígido.

A respeito desta observação encontramos em Soares (1994, pg.10) o seguinte pensamento:

“Na consolidação dos ideais da Revolução Burguesa, a Educação Física se ocupará de um corpo a-histórico, indeterminado, um corpo anátomo-fisiológico, meticulosamente estudado e cientificamente explicado. Ele negará o funambulismo, os acrobatas, a especulação e buscará explicações para proceder na visão de ciência hegemônica na sociedade burguesa: a visão positivista de ciência”.

O corpo é o *locus* de produção, é a mola geradora e propulsora da Revolução Industrial, é o que faz a máquina movimentar-se. Nada mais coerente do que se apropriar dos corpos para controlar o sistema de produção. Para Foucault (1985, pg.80)

“... o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política”.

É neste cenário ideológico que vemos a partir de 1800 o surgimento na Europa dos Métodos Ginásticos ou Escolas Ginásticas. Estes métodos foram sistematizações

criadas por médicos, pedagogos ou militares que tentavam organizar a prática das atividades físicas. É necessário lembrarmos que neste período, final do século XIX e início do século XX, Ginástica e Educação Física eram palavras sinônimas, não havendo grandes separações entre uma e outra. Os Métodos incluíam exercícios de salto, corrida, força, equitação, esgrima, e também exercícios de para fortalecer o corpo.

A valorização da Ginástica em seus aspectos educacionais e médicos faz com que, inúmeros livros fossem publicados e a prática se estenda para diversos países, causando uma proliferação desta atividade por toda a Europa. Começam então a ser criadas as sistematizações da Ginástica, que variaram de acordo com os países e com as finalidades que atendiam.

Basicamente podemos citar, de acordo com Langlade & Langlade (1970) três grandes movimentos que se originaram por volta de 1800 e culminaram definindo os rumos da Ginástica nos séculos XIX e XX. São eles, o Movimento do Centro (Alemanha e Áustria), o Movimento do Norte (Países Escandinavos) e o Movimento do Oeste (França). Todos eles beberam das mesmas fontes para serem estruturados, mas apresentaram ao longo da sua trajetória diferenças significativas de interpretação e aplicação.

A Escola Alemã tinha suas bases na defesa da Pátria e teve como primeiro precursor Guths-Muths, que acreditava que a Ginástica deveria ser ministrada todos os dias para crianças, jovens e adultos. Nota-se uma preocupação relativa com o corpo da mulher, pois esta deveria ser a geradora de filhos sadios e fortes, e portanto os exercícios ginásticos ajudariam nesta finalidade.

Friederich Ludwig Jahn⁸ é outro nome que contribuiu para a estruturação da Ginástica neste país. Extremamente patriota, imprime um caráter militar à Ginástica, mesmo sendo ela praticada por civis. Ele acreditava segundo Soares (1994, pg.67) que:

“(...) para formar o ‘homem total’ a ginástica deveria estimular a aplicação dos jogos, pois eles se constituem em verdadeira fonte de emulação social, assim

⁸ Friederich Jahn (1778-1852) é considerado o “pai da Ginástica Alemã” (Turnvater) e é uma das figuras mais representativas desta escola. Jahn difundiu e sistematizou a linha doutrinária alemã preconizada por Basedow no seu “Philantropinun”, que viria mais tarde encontrar em Guths-Muths seu idealizador. Guths-Muths é considerado o “pai da ginástica pedagógica”. Jahn se preocupava mais em difundir a Ginástica para as massas, para o povo em geral. Como podemos ver, o Movimento Doutrinário Alemão de Ginástica teve vertentes pedagógicas, nacionalistas, formativa, o que lhe conferiu um caráter bastante abrangente em termos de difusão. Vide RAMOS, J.S. Os Exercícios Físicos na História e na Arte p.183-192.

como dava, também, especial atenção as lutas uma vez que lhe era sempre presente a possibilidade de uma guerra nacional”.

É importante ressaltar que na Alemanha o termo Ginástica foi substituído por “*Turnen*”, impregnado de um conteúdo nacionalista e que ampliava a esfera de atuação desta prática. O *Turnen* significava muito mais do que a prática do exercício, sendo principalmente um estilo de vida que obedecia a objetivos morais. Para Publio (1998, pág.29): “autoconfiança, autodisciplina, independência, lealdade, e obediência a uma ordem estabelecida, eram as metas a ser atingidas por meio de atividade completas e informais”.

A realização dos “*Turnenfest*” é outra característica que devemos destacar, dada a sua amplitude e a mobilização de uma grande massa de alemães em torno da prática da Ginástica. De acordo com Rouyer apud Soares (1994, pág.67) este movimento era constituído de:

“... grandes festas gímnicas, grandes encontros de massas muito disciplinados, (que) são organizados a partir de 1814, mas sobretudo depois de 1860. Encontra-se (no *Turnen*)... uma primeira forma de instrução física militar, destinada às massas, que corresponde às necessidades práticas da burguesia”.

Adolph Spiess, no entanto, é o que vai lutar para que haja a Ginástica na escola, como parte da educação formal. Ele propõe, assim como Basedow, que haja um período do dia inteiramente dedicado ao exercício físico.

Jahn e Guths-Muths dedicavam-se à Ginástica das massas, não inserida no contexto escolar. A prática desta deveria ser, segundo eles, dirigida a toda população para que houvesse um povo sadio e forte, pronto a defender a pátria quando fosse preciso.

É importante ressaltarmos que foi nesse movimento também, segundo Langlade e Langlade (1970) que se originou a Educação Rítmica, pregada por Jacques Dalcroze e que posteriormente, com os estudos de Rudolph Bode, Henrich Medau e outros, foi a base para a estruturação da “Ginástica Moderna”, que é a atual Ginástica Rítmica. Este movimento integrava a dança, o ritmo e exercícios sistematizados com alguns aparelhos na criação de seqüências gímnicas.

A **Escola Sueca**, advinda do movimento doutrinário escandinavo (que incluía também a Dinamarca, Noruega, Finlândia, Islândia e Estônia-Letônia), foi sistematizada

por Pehr Henrik Ling⁹ e se “colocava como instrumento capaz de criar indivíduos fortes, saudáveis, livres de vícios, porque preocupados com a saúde física e moral” (Soares, 1994, pág.74). Sua Ginástica era dividida em quatro aspectos:

a) Ginástica Pedagógica ou Educativa – qualquer pessoa independente de sexo, idade ou condição social deveria praticar. Seu objetivo seria desenvolver o indivíduo de forma harmoniosa, garantindo sua saúde para o trabalho, evitando enfermidades.

b) Ginástica Militar – Além dos objetivos da Ginástica Pedagógica, deveriam ser feitos exercícios específicos para preparar o guerreiro – esgrima, tiro e agilidade em cima do cavalo.

c) Ginástica Médica e Ortopédica – Deveria eliminar vícios posturais e curar enfermidades por meio da execução de alguns movimentos corporais e respiratórios

d) Ginástica Estética – seu objetivo era desenvolver o corpo harmoniosamente, sendo completado com a dança e alguns movimentos suaves.

Soares (1994, pg.72) nos alerta que:

“Com essa divisão da ginástica feita por Ling, na qual detalha os objetivos a serem por ela alcançados, torna-se evidente o viés médico higiênico, assim como a concepção anátomo-fisiológico do homem. A ginástica aparece como um conteúdo dotado de uma ‘magia’ que a faria atingir seus diferentes fins propostos”.

A Ginástica ganha espaço cada vez maior na Suécia, se prestando a diversas finalidades e ganhando praticantes dia a dia. Um movimento, que apesar de não ter sido contemporâneo a Ling, nos mostra a dimensão que a prática da Ginástica alcançou naquele país. As Lingíadas (realizadas em 1939 e 1949, em homenagem a Ling), foram grandes festas Ginásticas organizadas com o intuito de celebrar a prática desta em seus diversos aspectos, interpretações e vertentes pedagógicas.

Segundo Ramos (1982, pg.197)

⁹ O Método ou Escola de Ginástica Sueca teve como seu principal vulto Per Henrik Ling (1776-1839), que influenciado por pensadores contemporâneos como Basedow, Guths-Muths e Pestalozzi, e também pelas idéias de Rousseau e Locke, procurou estabelecer rumos científicos a prática dos exercícios físicos a fim de regenerar o povo sueco. Para a realização das atividades ginásticas, Ling imaginou um sistema constituído por quatro divisões principais: pedagógica, médica, militar e estética. Seu método teve grande aceitação ao redor do mundo e evoluiu para um sentido mais eclético, começando a aparecer uma série de tendências novas. Ling foi também o fundador do Real Instituto Central de Ginástica (Instituto de Estocolmo), hoje Escola Superior de Ginástica e Desportos. Vide RAMOS. Op.Cit. pag.195-211

(...) a todos que assistiram às duas Lingíadas foi dada a rara oportunidade de ver reunidos, nas apresentações, diferentes modalidades de exercícios físicos e os maiores padrões de eficiência ginástica. Disse alguém que elas se converteram no ‘empório’ dos valores espirituais das atividade corporais”.

A tônica do evento eram as demonstrações de Ginástica, onde não havia medalhas, nem ganhadores, já que o intuito era o de ver e ser visto. Olhar para a Ginástica como espetáculo (ainda que seja um espetáculo controlado, diferente dos funâmbulos da Idade Média), como corpos em movimento a serem vistos é uma informação que devemos considerar para entendermos manifestações mais contemporâneas da Ginástica, como é o caso da Ginástica Geral.

Voltando às escolas de Ginástica, chegamos a **Escola Francesa**, pois sendo a França um país com tradição nas concepções liberais clássicas de educação, encontra terreno fértil para justificar a prática do exercício como “parte indispensável à educação do homem universal” (Soares 1994, pg.75).

Baseada nas idéias da Escola Alemã, D. Francisco de Amóros y Ondeano¹⁰, sistematiza uma Ginástica que deveria atender não só aos militares, mas a toda a população. Tinha as mesmas características das outras escolas citadas anteriormente pois via na prática da Ginástica um remédio para todos os males – para desenvolver a moral, a parte física e psicológica do indivíduo, para torná-lo forte, para reerguer o orgulho nacional. Como bem nos lembra Soares (1994, pg.33): “Da flexão muscular ao sucesso nas lutas industriais e na guerra, este era o slogan da Ginástica na Europa no século XIX”.

Amóros fez uma divisão muito parecida com aquela que Ling propôs. Na Escola Francesa, a Ginástica poderia ser:

- a) Civil – para toda a população, com os objetivos já citados acima, acabou por constituir-se como a base da Educação Física no Brasil.
- b) Industrial – para os trabalhadores com o intuito de manter o físico produtivo
- c) Militar – com caráter de preparação para a guerra, para a constituição de corpos ágeis e resistentes no manejo de diversas armas.

¹⁰ Francisco de Amóros y Ondeano (1770-1848) era espanhol naturalizado francês. Militar, criou o primeiro regulamento militar de ginástica francesa. Sua ginástica foi feita de forma original, sem conhecimento do que faziam Ling e Jahn. Vide Ramos, J. J. Op. Cit pág 215-217

- d) Médica – como aliada na construção da saúde do indivíduo, usando exercícios musculares e respiratórios.
- e) Cênica ou funambulesca, sendo essa última extremamente criticada por Amóros, como sendo uma forma de exercitar-se sem uma utilidade aparente, e por isso devendo ser condenada a sua prática.

Como vultos da Escola Francesa, devemos citar também Georges Demeny, tendo colaborado ao olhar para o movimento de forma diferenciada da de seus antecessores, Georges Hebert, que lutou sempre contra a implementação da Ginástica sueca e do desporto em sua pátria e, finalizando, Philippe Tissié, que era ligado fortemente a Escola Sueca, trazendo desta linha algumas características que foram acopladas à Ginástica francesa.

É curioso pensarmos a forma como tais escolas foram estruturadas e de que fontes beberam para sistematizar um conhecimento que outrora estava vivo, mas ainda não possuía o “selo” oficial que a legitimava. No caso da Escola Francesa, é sabido que Amóros usou as práticas dos funâmbulos e mambembes para estruturar um método aceitável pela burguesia do século XIX. Sua metodologia tinha uma utilidade e isso é o que diferenciava esta prática das atividades circenses:

“... enquanto na Ginástica se aprendia a adquirir forças, armazenar e economizar energias humanas, no circo os artistas faziam o uso desmedido de suas forças e gastavam inutilmente energia. Contraditoriamente, porém, é nas atividades circenses que a Ginástica tem um de seus mais sólidos vórtices”.

(Soares 1998, pg.26)

Neste aspecto percebemos as histórias individuais ganhando vulto, pois mascaradas pela legitimidade oficial, elas passam a ter, apesar de outra roupagem, uma penetração muito forte na sociedade. Se antes o exercício estava no campo dos divertimentos, agora ele é transportado para o plano da utilidade e sua prática difundida.

Vemos que desse modo, tanto na Alemanha bem como na Suécia e na França, a Ginástica teve uma grande penetração alcançando toda a população pois dialogava com valores e anseios presentes na época de sua sistematização. Como ela podia atender a diversas finalidades, suas correntes foram sendo cada vez mais aperfeiçoadas e ganhando cada vez mais independência. É neste ponto que iremos nos centrar agora, pois

acreditamos que a partir dele será possível fazermos um estudo do aparecimento da (s) Ginástica (s) que temos atualmente.

Que correntes da Ginástica atual podemos identificar ao longo dos tempos? As Ginásticas que temos hoje são derivadas de um núcleo comum, que entendia este termo como sendo sinônimo de um conjunto de atividades físicas. Na sua gênese, Ginástica significava exercitar-se. Posteriormente é que foram acrescidas finalidades diferentes para o exercício e é neste ponto que começamos a identificar as adjetivações que nasceram do termo Ginástica e que tornam o termo atualmente passível de diversos olhares e interpretações.

Defini-la, com uma única sentença, torna-se cada vez mais difícil dada a esta amplitude de significados citada acima. Num esforço de tentar ordenar as diferentes possibilidades da Ginástica, Souza (1997, pág.24) divide as ginásticas que temos na atualidade em cinco categorias:

- 1) Ginástica de Condicionamento Físico: englobam todas as modalidades que tem por objetivo a aquisição ou a manutenção da condição física do indivíduo normal e/ou do atleta. (hidroginástica, aeróbica não competitiva, step, spinning, enfim, as diversas formas de Ginástica que hoje são encontradas nas academias e na preparação física em geral)
- 2) Ginástica de Competição: reúnem todas as modalidades competitivas (Ginástica Artística, Rítmica, Acrobática, Aeróbica, entre outras).
- 3) Ginástica Fisioterápica: responsáveis pela utilização do exercício físico na prevenção ou tratamento de doenças. (RPG, Rolfing e outras técnicas).
- 4) Ginástica de Conscientização Corporal: reúnem as novas propostas de abordagem do corpo (antiginástica, eutonia, feldenkrais etc).
- 5) Ginástica de Demonstração: é representante deste grupo a Ginástica Geral, cuja principal característica é a não competitividade, tendo como função a interação social.

Ao longo deste trabalho, algumas pistas já foram dadas apontando para os caminhos que culminaram com as modalidades atuais da Ginástica. A seguir, utilizando as classificações propostas por Souza (1997), iremos evidenciar estes caminhos na tentativa de entender a Ginástica na atualidade como fenômeno multifacetado nas suas

aplicações, mas que continua tendo o mesmo cerne – a prática de algum exercício sistematizado.

As **Ginásticas de condicionamento físico** têm sua gênese nos primórdios da sistematização do exercício. As finalidades que tínhamos há milhares de anos e que a originaram parecem ser bem atuais se colocarmos a forma como ela foi criada e os princípios que levam uma pessoa nos dias de hoje a praticá-la. Se antes a Ginástica entrava em cena para preparar corpos para o combate, para resistir às doenças, para criar um país forte, hoje em dia é “necessário” um corpo sadio principalmente por questões de saúde ou por questões estéticas. Talvez esteja aqui uma das heranças do mundo grego!

Por isso, é necessário ressaltarmos que a idéia de “culto ao corpo” não é totalmente contemporânea. Além das funções utilitaristas citadas acima, ter um corpo bonito também era parte da vida dos gregos e de outros povos que olhavam o corpo como templo que abriga o espírito. Outro ponto importante a considerar é que, ao longo da história, esta idéia de corpo belo também foi alterada segundo a estética de cada época.

A manutenção da saúde é o elo que as liga. Fazer Ginástica para adquirir ou manter a saúde é a tônica contemporânea para uma criação milenar. Nos tempos modernos, todas as correntes que sistematizaram a Ginástica, contemplaram também este caráter. É deste pensamento que vê a Ginástica como uma forma de se adquirir ou manter a saúde que se originou a maioria das atividades que temos hoje nas academias.

As **Ginásticas Fisioterápicas** são as que ainda mantem o vínculo mais forte com o caráter médico que os exercícios ganharam no século XIX. No entanto, é interessante lembrarmos que a Índia, a China e outros países orientais há muito tempo utilizam massagens e movimentos respiratórios para o restabelecimento da saúde. Se olharmos para as três escolas que analisamos no texto, duas tem este caráter médico bastante evidenciado, mostrando-nos que ele ainda é extremamente forte na contemporaneidade.

Nas **Ginásticas de Competição**, cada modalidade teve seu caminho diferenciado principalmente a partir das sistematizações criadas nas escolas Alemã, Sueca e Francesa. A gênese da Ginástica Artística pode ser encontrada na escola Alemã quando Jahn, para criar obstáculos para os seus exercícios, constrói aparelhos específicos que mais tarde dariam origem aos modernos aparelhos de competição nesta modalidade.

A Ginástica Rítmica também tem sua origem nesta escola por meio dos trabalhos de Bode e Medau, que colocaram música, movimento e aparelhos juntos em séries femininas e que dariam origem a este esporte, no âmbito das competições. Desta forma teremos também a Ginástica Acrobática, que provavelmente teve suas origens na China e a Aeróbica que passou a ser considerada modalidade competitiva devido a grande disseminação de sua prática principalmente dentro das academias de Ginástica nos anos 80 e 90 do século XX.

Existem ainda outras modalidades de Ginástica que são competitivas como o Tumbling, o Trampolim Acrobático, a Roda Ginástica entre tantas outras. No entanto, não é nosso objetivo definir a origem de cada uma, mas sim mostrar as diferentes linhas da Ginástica que surgiram ao longo do tempo.

Paralelamente às Ginásticas de Competição, temos a de **Demonstração**, na qual aparece a Ginástica Geral como exemplo. Este tipo de Ginástica teve sua origem tanto na Escola Alemã como na Sueca, mas alcançou proporções continentais num movimento em que a Ginástica era vista como um conteúdo que deveria ser praticado por toda a população.

Tibeau (2000, pg.22), volta no tempo para achar os primórdios da Ginástica Geral:

“No leste europeu, especificamente na antiga Tchecoslováquia, na Escandinávia e na Europa Central se inicia uma tradição de Ginástica massiva, que forma parte integrante da tradição de cultura européia: as Espartaquiadas, os Turnenfest, as Lingíadas. (...) surge então, um tipo de ginástica que prioriza o trabalho coletivo em formações organizadas, com diferentes tipos de materiais de pequeno e grande porte, reflexos das idéias pedagógicas de Jahn e alicerçadas nos diferentes ideais políticos operantes na época”.

A criação de diversas associações ginásticas por toda a Europa, faz com que este movimento ganhe cada vez mais força e aceitação por parte da população. Aliado aos ideais de Esporte para Todos, a prática da “Ginástica para Todos” torna-se uma constante no continente europeu, tendo hoje grande número de participantes também em outras partes do mundo.

As **Ginásticas de Conscientização Corporal**, não possuem um vínculo com os movimentos de sistematização da Ginástica durante o século XIX, pois são uma vertente relativamente recente. A forma como os conteúdos e os objetivos desta Ginástica são

trabalhados é realmente novo, mas devemos considerar que elas são baseadas em atividades milenares como o Yoga, o Tai-Chi-Chuan, e outras. No caso da antiginástica, ela trabalha com um conceito de corpo que se opõe àquele que é trabalhado atualmente nas academias de Ginástica. É um corpo mais liberado dos preconceitos da sociedade contemporânea pois há uma busca pelo autoconhecimento que passa necessariamente pelo corpo. A saúde está relacionada ao bem estar global e não necessariamente aos padrões estéticos.

Como havia dito no início deste capítulo, é uma tarefa extremamente árdua definir a Ginástica. No entanto, chegando agora no final deste meu caminho pelo tema que escolhi como norteador da minha pesquisa vejo que não há a necessidade de defini-lo nisto ou naquilo. A Ginástica é este conteúdo multifacetado desde os seus primórdios e talvez nunca haja uma única definição que dê conta de explicá-la em sua totalidade.

Fico com a possibilidade de que, mais importante do que defini-la é entendê-la nas suas diferentes expressões. Vê-la como simples prática de exercício pode ser limitante. Vê-la somente no seu âmbito competitivo é excluir a possibilidade de formas não competitivas. Não incluí-la na escola é renegar a própria história já que essa foi a base da Educação Física¹¹. Enfim, é difícil olhá-la como algo linear, estático e acabado.

A Ginástica está em constante movimento, expandindo-se em algumas áreas, retraindo-se em outras, mas está viva e isso é que torna interessante o seu estudo. Vê-la como este conjunto de coisas é que torna a experiência de escrever mais do que simples juntar de fatos. A Ginástica é dinâmica, da mesma forma que são os homens, as suas práticas e o seu pensamento.

Espero que a partir de agora, todos estejam prontos para adentrar no tempo munidos desta compreensão de Ginástica como sendo algo que deve ser entendido nas suas diferentes expressões. Todas as possibilidades da Ginástica devem conviver, sem que uma exclua a outra. Nela existe a possibilidade de ser encarada como exercício físico, com caráter terapêutico, educacional, artístico ou social pois tudo isso é o que a compõe.

¹¹ É interessante salientarmos neste momento a compreensão da palavra Ginástica como sinônimo de Educação Física. Em seus primórdios, principalmente no Brasil, a Ginástica entendida como o exercitar-se de forma sistematizada incluindo jogos, brincadeiras, exercícios ginásticos e corridas, foi a base das aulas de Educação Física. Utilizando-se de diferentes métodos ginásticos (Alemão, Sueco e Francês) esta se constituiu na forma de exercício proposto nas escolas civis e militares. Para maiores informações vide GOELLNER, Silvana V. *O método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna a escola*. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1992.

Abro finalmente, então, as portas da minha cidade para vermos como a Ginástica transitou por aqui ao longo destes cinquenta anos e quais marcas deixou registradas na história dos personagens que trabalharam, praticaram e viveram com a Ginástica neste período.

Campinas e as Expressões da Ginástica da década de 20 à década de 70

Os anos que antecedem o período proposto por este estudo são de fundamental importância para entendermos os fatos que determinaram, tanto no Mundo, como na história da Ginástica, da Educação Física e da própria cidade de Campinas na escolha dos anos 20 como ponto de partida desta história. Percebemos, assim, que seria necessário voltarmos um pouco no tempo para fazermos as ligações que antecederam os fatos que marcaram o início desta pesquisa.

Existem marcos, pessoas e histórias que só poderiam ser entendidas se olhássemos o contexto em que as coisas aconteceram, os meios pelos quais a Ginástica se desenvolveu no município de Campinas, permitindo assim a sua expansão de diferentes formas. Sendo assim, esta introdução servirá como ponto de partida para que o leitor entre na “modernidade” e acompanhe a trajetória da Ginástica no nosso município.

No entanto, a contextualização da segunda metade do século XIX é de fundamental importância para entendermos os caminhos, “os cantos e os antros”, como nos diz Lapa (1996) por onde as diferentes histórias transitaram e compuseram o cenário campineiro. Entender a atmosfera e as nuances que fizeram de Campinas um dos principais centros econômicos do Brasil, é de extrema importância para o desenrolar de outras histórias...

Sendo assim, é neste clima um tanto quanto confuso, mas extremamente envolvente que iniciaremos nosso passeio por Campinas, uma cidade que viveu mudanças profundas ao longo de sua história, por estar no eixo central das confusões e acertos gerados pelo progresso. No início do século XX, Campinas era uma cidade que estava ressurgindo. Praticamente se encontrava em um período de reorganização após os seguidos surtos de febre amarela que aconteceram sucessivamente em 1889, 1890, 1892, 1896 e 1897 de acordo com os estudos de Filho e Novaes (1996). Tais surtos apontavam para um problema muito maior que era o da falta de saneamento básico nas cidades brasileiras no início do século XX, fim do século XIX.

No entanto, foi graças ao dinheiro acumulado e à estruturação econômica produzida na segunda metade do século XIX, que Campinas encontrou forças para se reerguer, após tantas tragédias. Neste período os engenhos de açúcar deram lugar às

fazendas de café, desenvolvendo desta forma todo o oeste paulista e fazendo desta cidade um entroncamento privilegiado entre a capital e todo o interior do Estado.

A riqueza de Campinas, no entanto não podia ser medida apenas pela presença de uma economia bastante forte. Podemos dizer que a cidade teve o privilégio de contar com uma intrínseca rede de relações sociais e culturais que fizeram com que a cidade se tornasse a “Princesa do Oeste”.

A presença de imigrantes alemães desde 1846 contribuiu para que a urbe ganhasse outros ares, novas idéias e impulso empreendedor que aliados ao dinheiro dos produtores de café, proporcionou um desenvolvimento tão grande quanto o da capital em termos culturais, sociais e econômicos.

Mas o que faziam tais alemães na região de Campinas? Qual a importância deles para este estudo? Quem eram estes que vieram para cá e ajudaram a construir a estrutura de uma cidade que desponta como um dos berços do pensamento republicano no Brasil?

Para isso, recorro as palavras de Karastojanov (1999, pg.70) que elucida a vinda deste fluxo imigrante de maneira pontual ao afirmar que:

Nessa época, praticamente inexistiam indústrias no Brasil. Para os imigrantes havia, portanto, a possibilidade de exercer, em cidades ou em colônias, as mesmas profissões que desempenhavam em suas localidades de origem em vez de se alienarem no meio da crescente multidão de operários que invadia as cidades européias. Aqui poderiam iniciar um negócio próprio ou continuar sendo donos de seus próprios meios de produção e, por consequência, alçar ou manter o status de certas profissões.

Apesar desta imigração não ter sido tão numerosa como foi a do sul do país, ela teve sua importância de forma qualitativa, pois os alemães que vieram habitar os centros urbanos, como é o caso de Campinas, eram em sua maioria pessoas instruídas e que trouxeram para a vida na América muitos de seus hábitos, principalmente, os culturais. Tais alemães eram formados basicamente por trabalhadores autônomos, técnicos, artesãos de vários tipos, pequenos empresários e até alguns profissionais liberais. Ainda de acordo com Karastojanov (1999,pg.29)

A estruturação e o estilo de vida das comunidades e principalmente das colônias de imigrantes no Sul foram diferentes daquelas que se fixaram em solo paulista, pois lá a maioria tornou-se colono, depois pequeno proprietário de terra e participou de maneira diversa do processo de formação e

crescimento das localidades. Em Campinas o que ocorreu foi uma ‘simbiose ativa’, pois a cidade e a sociedade onde os teutos se estabeleceram e se adaptaram já existia.

Encontraram aqui, portanto, uma sociedade que necessitava de mão de obra nos setores de serviço, artesanato ou trabalho fabril e que deu espaço para que eles se integrassem a população e a vida da cidade. Consituía-se desta forma, a “simbiose ativa”¹² onde ambas as partes eram beneficiadas. É interessante lembramos que nesta época, a imigração ocorreu sem ter uma ligação com a substituição do trabalho escravo, haja visto que a abolição só ocorrerá em 1888. Foi, portanto, num fluxo anterior a este período que tais alemães chegaram na cidade.

Desta forma eles entram na vida social, sendo agentes ativos da modernização da cidade, contribuindo principalmente no setor de prestação de serviços. Karastojanov (1999) afirma que em 1873 havia, pelo menos uma cervejaria, uma fábrica de chapéus e um armazém de propriedade de alemães, além de indústrias, estabelecimentos comerciais, serrarias e grande número de oficinas de artesãos.

Importante é salientar que dentro do universo germânico da cidade, havia suíços, austríacos, italianos do norte, franceses da Alsácia e Lorena, judeus alemães, húngaros, dinamarqueses, enfim, uma gama de etnias que trabalhavam juntas em prol de um bem comum, que era o de conquistar espaço na sociedade campineira. O elo entre estes diferentes povos era a língua falada – o alemão.

A riqueza trazida pelo “ouro verde”, o café, possibilitou crescimento econômico, desenvolvimento político e social, proporcionando melhorias materiais e preocupações de ordem cultural e artística começam a aflorar. Vemos em 1850 a inauguração do Teatro São Carlos e decorrente disso, começa a existir na cidade uma forte movimentação artística de grupos que também circulavam pela Corte Imperial no Rio de Janeiro.

Vemos, portanto, que este grupo chega em Campinas e encontra as ferramentas necessárias para contribuir para a modernização da cidade: possuíam um conhecimento

¹² Este termo é usado por Karastojanov (1999, p.49) tendo a seguinte explicação: “utilizamos aqui o termo simbiose no mesmo sentido usado até algum tempo atrás pela biologia, mais especificamente pela ecologia, ou seja, o de associação de dois ou mais seres de espécies – no presentecaso, de culturas – diferentes, o que lhe permite viver com vantagens recíprocas e os caracteriza como um só organismo. (...) Utilizamos a palavra ativa no sentido de que tais culturas estão sempre em processo de alteração, de mudança, seja no âmbito político, econômico ou social ou, até mesmo, na maneira pela qual se reconhecem e se aceitam ou não como culturas diferentes”.

prático e intelectual que ia ao encontro das demandas que só uma sociedade rica poderia exigir e propiciar: o aparecimento de comércios, criação de escolas, desenvolvimento artístico e criação de clubes que perpetuassem (lembrando-os!) a sua origem alemã.

Sendo assim, em 1860 estes alemães sentem a necessidade de se organizarem em uma associação. Foi criada então a Sociedade dos Alemães Voluntários de Campinas que foi o embrião para que em 1863 fosse criada a SAIL – Sociedade Alemã de Instrução e Leitura, que tinha como objetivo principal manter uma escola para filhos de alemães nascidos no Brasil, a fim de que estes pudessem aprender o português e também o alemão. Esta escola se chamaria Deutsche Schule.

No entanto, a Sociedade mantinha também um clube de leitura, uma biblioteca com 700 volumes e o cemitério para os acatólicos, já que em sua maioria eles eram protestantes e não poderiam ser enterrados em cemitérios católicos.

Para Karastojanov (1999, pg.35), estas associações tinham um caráter muito mais amplo ao afirmar que:

Mais do que uma Associação de Instrução e Leitura para as crianças teutas ou para descendentes de alemães, a Sociedade era também um local onde a comunidade germânica se reunia para tratar de vários assuntos de seu interesse, referentes à sua existência dentro da cidade, às questões sobre imigração, às condições de vida de outras colônias alemãs, à Guerra Franco-Prussiana, ao cemitério acatólico, à educação dos jovens alemães nascidos no Brasil, à manutenção do *ethos* cultural de seu povo.

Podemos dizer que foi na manutenção deste *ethos* que encontramos um dos maiores legados deixados pela comunidade alemã em Campinas: a contribuição no âmbito educacional pela criação da Escola Alemã (Deutsche Schule) e pelo incentivo dado a criação de tantos outros colégios neste período e por ter passado para a sociedade campineira alguns de seus hábitos culturais, como foi o caso da Ginástica e por consequência disso, da vida em associações (clubes).

No aspecto educacional, vemos que além da criação da sua própria escola em 1863, houve a presença de alemães na fundação dos principais colégios da época. Também em 1863, segundo Ribeiro (1989) temos a fundação do “Colégio Florence” por Carolina Florence, membro da comunidade alemã e que funda um colégio secundário destinado à educação leiga de meninas. O Colégio “Culto à Ciência”, fundado em 1873

como “Associação Culto à Ciência” também contou com a presença de alemães em sua fundação, entre eles o irmão mais velho de Carolina Florence, Jorge Krug.

A prática da Ginástica, ou melhor, do Turnen vai se constituir como parte da cultura alemã no município deixando marcas que se perpetuarão ao longo do século XX, influenciando sua prática nas escolas e nos clubes. No entanto, discutiremos este aspecto mais à frente.

Ainda sobre a educação no município, Nascimento (1999) aponta que a rede de ensino da cidade, durante a época imperial, abrangia a educação tanto para os filhos de fazendeiros como para as crianças pobres. Por este fato, Campinas é a segunda cidade do Império com menor números de analfabetos, vindo atrás apenas do Rio de Janeiro.

Tal afirmação mostra a vocação vanguardista da cidade, uma vez que praticamente em todo o resto do Brasil quase não existiam escolas e a preocupação com a formação do cidadão é dirigida apenas para os filhos da elite. Goellner (1992, p.109) afirma que neste período:

a instrução primária configurava-se em aulas de leitura, escrita e cálculo atendendo por volta de um décimo da população que deveria ser atendida e a instrução secundária se caracterizou por ser predominantemente para alunos do sexo masculino.

É interessante notarmos no caso de Campinas, a criação de um colégio destinado à educação secundária feminina e que foi idealizado e administrado por uma mulher estrangeira – Carolina Krug Florence. Outros exemplos podem ser tomados no âmbito educacional de iniciativas privadas para solucionar a falta de escolas. Ribeiro (1996, p.53-54) nos diz que:

Proporcionar ensino gratuito às classes desfavorecidas, criar suas próprias escolas sem prestar contas à Monarquia era um dos principais posicionamentos de combate ao governo vigente que a ala radical dos liberais campineiros praticava. A cidade de Campinas, aliás, era considerada reduto dos liberais.(...) Muitos republicanos, liberais, maçons fundariam escolas gratuitas para as camadas de baixo poder aquisitivo tendo inclusive, alguns fazendeiros que começaram a fornecer escolas para seus escravos.

Campinas é então em meados de 1887 uma cidade bem diferente daquela tipicamente colonial que assistiu à chegada dos primeiros alemães. Graças à somatória de fatores já apresentadas acima, ela se transformou em uma cidade mais dinâmica,

progressista, pronta para entrar no novo século como uma das urbes mais importantes do Brasil.

As ferrovias, segundo Carpintero (1996) chegam em 1872 com a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a fim de escoar mais rapidamente a produção do café e também fazer o trânsito entre a capital e o oeste paulista. Graças às escolas, que produziram uma sociedade cultural e politicamente ativa, aliado à riqueza da região, e ao fato de muitos filhos de fazendeiros terem ido estudar na Europa trazendo assim, novas idéias para a região, Campinas torna-se também um centro político muito forte.

E é como uma cidade que desponta nos ideais republicanos que Campinas se apresenta neste final de século. Como mentores de tal movimento, temos Campos Salles e Francisco Glicério, filhos da cidade que participaram ativamente dos governos republicanos, idealizando a nação e perspectivando seus rumos. Vale lembrar que o advogado Manuel Ferraz de Campos Salles foi presidente da República e Francisco Glicério de Cerqueira Leite tornou-se membro do primeiro governo Republicano assumindo a poderosa pasta da Agricultura.

Planos de urbanização e saneamentos estão nas metas da cidade e assim, a arquitetura européia, ganha as ruas. Campinas recebe novos contornos, se transforma a olho nu, sendo vista e vivenciada por uma leva de escravos livres após a abolição da escravatura em 1888, imigrantes, fazendeiros, mulheres, crianças todos que circulam pela malha urbana. Campinas cheira a progresso.

No entanto, esta mesma cidade que festeja a República em 1889, vai sofrer com as epidemias de febre amarela que assolam a cidade e colocam os sonhos de todos em estado de espera. A cidade para. Além das mudanças ocasionadas pela República, os campineiros têm que, concomitante a isto, lutar contra um mal que se abateu sobre grande parte de sua população. Segundo Filho e Novaes (1996), entre 1889 e 1900 morreram 3.641 pessoas, o que representava 6% da população. A cidade ficou vazia. Muitos mudaram para outras cidades, principalmente os que podiam e tinham condições financeiras para isso.

Mas foi como a Fênix, que até hoje está na bandeira do município, que Campinas se reergueu e iniciou o século XX com forças para recuperar o tempo perdido no combate às epidemias. Muitas coisas haviam mudado. Com a República, os alemães, segundo

Karastojanov (1999) se tornaram cidadãos brasileiros, salvo aqueles que mostraram desejo de continuar tendo nacionalidade alemã. Segundo a mesma autora (pg.261):

Não queremos, todavia, dizer que estes dois fatos – epidemia e proclamação da república – extinguiram a influência teuta em Campinas, mas entendemos ter havido, nesse período, um decréscimo de sua participação, tanto nas atividades culturais como econômicas.

A mão de obra escrava foi sendo substituída pela estrangeira. Os negros foram colocados a parte não havendo um processo efetivo de integração. Um novo tempo, com estruturas totalmente diferentes se iniciou e é nele que vamos entrar.

O início do século XX trouxe, não só para Campinas, mas para o mundo todo uma série de revoluções que acarretaram mudanças profundas no modo de ser e de pensar. Uma avalanche de fatos e acontecimentos mudou de forma drástica o início deste século. Segundo Sevckenko (1998, p.7):

Nunca em nenhum período anterior, tantas pessoas foram envolvidas de modo tão completo e tão rápido num processo dramático de transformações de seus hábitos cotidianos, suas convicções, seus modos de percepção e até seus reflexos instintivos. Isso não apenas no Brasil, mas no mundo todo tomado agora como um todo integrado.

O Brasil inicia o século XX sob o signo da República e com profundas mudanças que acabaram sendo impostas à população de modo geral. O turbilhão ocasionado pelas mudanças em tantas esferas fez com que os primeiros anos do século XX vivessem um estado de euforia por um lado e de extremo torpor por outro. Euforia com o surgimento, ao longo do século, do veículo automotor, dos transatlânticos, dos aviões, da iluminação elétrica, da fotografia, do cinema, do rádio, da televisão, dos arranha-céus, da liberação feminina, dos esportes, da difusão da Ginástica, da seringa hipodérmica, da anestesia, dos processos de pasteurização entre tantos outros. Torpor ocasionado principalmente pela vertiginosa mudança de uma estrutura econômica basicamente agrícola para o universo capitalista e as suas regras modernas impostas principalmente pela Europa. Para o brasileiro, habitante dos principais centros urbanos, o século iniciou-se como uma tremenda reviravolta em suas vidas e corpos, estabelecendo assim uma nova mentalidade.

Os primeiros anos do século XX tiveram que se adaptar velozmente à grande quantidade de mudanças tanto internas quanto externas. Considero mudanças externas, aquelas que foram mais visíveis aos olhos: a urbanização das principais cidades, a

segregação dos negros após a sua libertação e a conseqüente criação de bairros negros, a imigração européia, como parte do novo cenário econômico aliado ao desejo de se criar uma população que geneticamente tivesse uma predominância do padrão europeu e toda a sorte de novas tecnologias citadas acima. O período que vai de 1900 a 1920 assinala no país segundo Sevckenko (1998, pg.37):

(...) a introdução de novos padrões de consumo, instigados por uma nascente, mas agressiva onda publicitária, além desse extraordinário dínamo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas desportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais e, por último, mas não menos importante, a popularização do cinema.

As mudanças internas demoraram a ser sentidas, mas tiveram papel fundamental por atuarem em um espaço sagrado e ao mesmo tempo aberto a intervenções: o corpo.

O corpo de homens e mulheres passou a ser olhado como mais um espaço no qual a modernidade deveria agir. Os próprios ideais republicanos repelem a idéia de ter no Brasil uma geração de “*fracos e enfezados, de lânguidos e raquíticos*”, segundo Sevckenko (1998). Era necessário criar uma geração que compactuasse com a idéia de dinamicidade imposta pela República. A idéia de ciência como norte para todas as coisas¹³, também esbarra nas questões corporais, uma vez que o exercício é visto como algo útil para manter ativa as engrenagens da sociedade. Os próprios termos usados são baseados na ciência como veremos a seguir nas palavras de Sevckenko (1992, pg.43):

“De par com as últimas descobertas tecnológicas, de fato como um desdobramento delas, se destacou a noção de que o corpo humano em particular e a sociedade como um todo são também máquinas, autênticos dínamos geradores de energia. Quanto mais se aperfeiçoassem, regulassem,

¹³ Esse uso da ciência para justificar um sem número de atitudes e pensamentos vai ser uma constante durante todo o início do século (e, diga-se de passagem, tal idéia se perpetuará por uma boa parte do século XX como um todo), pois não podemos nos esquecer que a visão positivista de mundo foi a que embasou a elite governante brasileira durante a gestação da República. C.f. Soares, 1994, pág.11 “*Nesse processo de (re)construção da sociedade, o homem, um ser que se humaniza pelas relações sociais que estabelece, passa a ocupar o centro de criação desta nova sociedade. Porém, passa a ser explicado e definido nos limites biológicos. É o homem biológico e não o homem antropológico o centro da nova sociedade. E é o homem biológico que se torna o ponto de referência: tudo o que o envolve, tudo o que se altera, será entendido como domínio seu sobre o mundo. Não existem mais milagres divinos para explicar o curso dos acontecimentos, existem leis próprias que o mundo físico e humano deve obedecer e que a ciência deve descobrir*”.

coordenassem esses maquinismos, tanto mais efetivo seria o seu desempenho e mais concentrado sua energia potencial”

Um corpo saudável seria um ótimo veículo para tais idéias e a escola seria o local ideal de educação do corpo. Mais uma vez os olhares voltam-se para a Europa e é lá onde veremos a Ginástica como aliada nesta missão.

Por outro lado, vemos as outras intervenções criadas principalmente para o corpo da mulher, tais como o espartilho, ainda muito usado no início do século passado, as cintas que moldariam o corpo feminino e alguns anos mais tarde a defesa do exercício físico para a própria mulher. A citação feita por Maluf e Mott (1998, pg.371) ilustra bem este fato:

(...) condenava-se sumariamente a Ginástica. Considerava-se perigoso o sport, por mais brando que fosse. Foram necessárias menos de três décadas para que a Revista Feminina alardeasse as mudanças: Nosso fim é a beleza. E a beleza só pode coexistir com a saúde, com a robustez e a força.

As primeiras décadas deste século carregam consigo, portanto, mudanças nunca vistas antes e a população demorou a assimilar todos estes novos conceitos e conviver com eles de forma tranqüila. Apesar de anunciar um novo tempo, a República caminhava com “calçados velhos”, moldados ainda sob a estrutura arcaica do Império. Castanho (1993, pg.47) nos oferece uma reflexão deste vasto panorama quando afirma que:

De um lado, o que era velho mantinha-se: a estrutura de dominação da sociedade agrária e escravocrata. De outro lado, o que era novo, como conteúdo, exigia seus direitos e suas formas próprias: os trabalhadores assalariados, os imigrantes, a nova burguesia industrial, a pequena burguesia heterogênea, toda uma constelação social nitidamente urbana. E este era um câmbio significativo, que aos poucos ia se manifestando: a urbanização. De uma população maciçamente rural no fim do Império, o Brasil passa a contar, em 1930, com uma significativa parcela de sua gente habitando em cidades

Começo agora redirecionar meu olhar tendo como pano de fundo este cenário um tanto quanto caótico, olhando para uma dessas manifestações culturais iniciadas na Europa –a Ginástica.

A Ginástica foi introduzida no Brasil por diferentes caminhos, mas todas as direções apontavam para a Europa, uma vez que este foi o continente onde a Ginástica floresceu mais fortemente e de lá foi espalhada para as outras partes do mundo.

Identificamos no país, três linhas principais que serão desenvolvidas no discurso da Ginástica: uma que virá pela esfera militar e que se ocupará de dar condições físicas aos soldados da nação e que posteriormente entrará na escola; outra que se ocupará de fazer a interface entre as ciências médicas, o asseamento corporal, a saúde e a prática de atividades físicas; e a última, mas não menos importante, a Ginástica trazida pelos imigrantes alemães com uma conotação nacionalista, mas fortemente voltada para o lazer.

Inserida na vida militar brasileira desde a vinda da família Real Portuguesa, a Ginástica, baseada nos moldes alemães adentra a caserna e começa a fazer parte do dia-a-dia desta instituição. A razão maior para que este fosse o método utilizado, vem do fato de que a primeira Imperatriz do Brasil, D. Maria Leopoldina de Habsburgo incentivou a formação da Guarda Nacional com soldados prussianos e esses, por sua vez, trouxeram a prática da Ginástica feita nos moldes alemães. José Bonifácio de Andrade e Silva, um dos baluartes da república, também compactuava com as idéias propostas pela Imperatriz pois ele estudou na Alemanha, tendo portanto um traço teuto em sua formação. Paralelamente a isso, a sociedade começava a se organizar e a educação civil começou a ganhar cada vez mais espaço nas discussões sobre os rumos do país. É importante ressaltarmos que esta educação foi pensada para as elites para que essa, segundo Goellner (1992, pg.108):

(...) não apenas mantivesse a estrutura social hierarquizada, mas que também exercesse um papel significativo no refinamento da raça e na consolidação de uma sociedade urbana com condições de, no futuro, exercer as tarefas de governar o Brasil independente.

Educar o corpo do cidadão foi também prioridade no contexto escolar. Encantados com os países da Europa onde a Ginástica, potencializada pelos diferentes Métodos Ginásticos, crescia forte e vigorosa, políticos influentes da época defendiam a apropriação de exercícios de Ginástica nas aulas, pois só deste modo formaríamos uma nação de homens fortes e prontos para administrar um país novo. Na realidade, outros objetivos estavam por trás desta pretensa preocupação com a educação. Para Toledo (1999, pg.82):

O objetivo principal era ‘homogeneizar’ aquela miscigenação existente entre brancos, negros e índios, embora fossem os portugueses que mais usufríssem do sistema escolar. A ordem emergente era preparar os cidadãos (crianças e soldados) para o nascimento de uma nova nação, embutindo-lhes uma formação física e moral através do ensino e, em particular, da Ginástica.

É interessante atentarmos para o fato de que os professores responsáveis pela implantação das aulas de Ginástica nas escolas a princípio eram militares e sendo assim, a forma de trabalhar tal conteúdo era feita de uma maneira extremamente militarizada, copiando, para os civis, praticamente os mesmos exercícios feitos na caserna. Desta forma, o Método Alemão parecia extremamente pesado para os jovens, o que levantou críticas fortes especialmente feitas por Rui Barbosa, que achava o método Sueco mais apropriado para o nosso clima e para o nosso físico.

No entanto observamos que esta troca de métodos, na realidade não muda de maneira radical a ideologia presente e implantada pelo poder na escola. Percebemos desta forma que se mudam os personagens mas o pano de fundo ainda é o mesmo. Goellner (1992, pg.118) faz uma reflexão belíssima sobre isto ao nos mostrar que apesar do repúdio de Rui Barbosa ao método Alemão:

(...) é possível perceber que na essência o objetivo não se modificou, pois o modelo sueco de ginástica foi também encarado frente aos mesmos pressupostos, que estavam centrados na formação moral e física do povo brasileiro acentuando também um caráter eugênico, higiênico e disciplinador abaixo de uma conotação militarista.

Mas havia ainda um terceiro método que encontraria no Brasil um terreno fecundo para florescer, tanto na sociedade civil como na militar: o Método Francês. Tal método chegou ao Brasil em 1907 por meio de uma missão militar e tornou-se um conteúdo a ser aplicado na escola. Dado o seu caráter relativamente recente e que engloba o período proposto no estudo, trataremos mais a fundo deste método nas páginas seguintes.

Podemos concluir que de certa forma, tais métodos foram usados e interpretados de acordo com a ideologia presente na época, muitas vezes sem serem entendidos nas dimensões que tiveram ao serem criados no continente europeu. Parece-nos que a parte foi tomada como o todo e a partir disso a Ginástica foi sendo desenvolvida nas escolas brasileiras. A Ginástica é entendida nesta esfera sob a ótica da dominação, como veículo para manter a ordem social, adestrar os corpos e atingir o sonho irreal de forjar nestes a ordem e o progresso.

Paralelamente a este movimento para a prática da Ginástica na escola, não podemos deixar de lado o esforço, diga-se de passagem, também carregado de vozes do poder, criado por médicos para que a saúde da população também fosse considerada e aí

a Ginástica entra novamente como parte do plano de desenvolvimento e salvamento do povo brasileiro. Aliás, esse pensamento médico-higienista foi o que também justificou a presença da Ginástica na escola, formando uma tríade fortíssima: educadores-médicos-militares.

Esta maneira de encarar a sociedade é filha do seu tempo, uma vez que toma como verdade absoluta os valores da ciência positivista e coloca a medicina e a biologia em pedestais elevadíssimos. Embranquecer a raça torná-la mais forte, mais européia e inserir hábitos de higiene e saúde passam a ser meta para o Brasil. Os exercícios respiratórios, posturais e a higiene pessoal passam a fazer parte da vida de um povo que, busca enquadrar-se em novos padrões. E a Ginástica torna-se também valiosa e ganha destaque na promoção da saúde. Acreditamos que a citação feita por Netto apud Goellner (1992, pg.106) ilustra sobremaneira o pensamento desta época. É um verdadeiro poema enaltecendo a ginástica:

Gymnastica

*“Gymnastica - Eloqüência geométrica do corpo,
Compondo, em ângulos e curvas,
O seu próprio poema
Sillabario de gestos,
Educando longos músculos elásticos,
Verticalismo estylizado,
Em sábios ritmos singelos.
Os braços, que se abrem para o alto,
Cavam a caixa do peito que o oxygenio invade, para aggredir os glóbulos do
sangue.
Mede o cérebro o esforço
E escorre pelos nervos
A eletricidade biológica,
Levando para a carne as ordens das idéias.
Plasmam-se em attitudes codificadas
Possibilidades de acção,
Numa disciplina de energias,*

*Que repetem o eterno milagre da vida glorificada
Na intensidade da própria vibração”.*

Esta política de europeização do povo brasileiro, buscando a miscigenação e o conseqüente embranquecimento, aliada às crises enfrentadas pela Europa após a 1ª. Guerra Mundial (1914-1918) faz com que o fluxo de imigrantes aumente cada vez mais e a Ginástica ganhe mais força dentro do Brasil por uma outra via: como parte da cultura alemã. Há registros de imigração desde 1846, com uma maior intensificação no período pós-guerra. É no seio destes grupos, que saem de sua terra natal para buscar uma outra vida na América do Sul, que os Grupos de Ginástica (Turnverein) vão introduzir, em larga escala, tanto a Ginástica de solo e com aparelhos como a Ginástica praticada como lazer aliada a outras atividades feitas em grupo. Esta noção de pertencimento a um grupo faz com que tais Turnverein transmitam à sociedade outras formas de fazer, ver e entender Ginástica, uma vez que não estavam inseridas em outros contextos da vida social brasileira.

A própria denominação adotada pelo idioma alemão, usando o Turnen ao invés de Ginástica já denotava a concepção presente na primeira. Enquanto a Ginástica é entendida como o conjunto de exercícios corporais sistematizados para esse fim, realizados no solo ou com o auxílio de aparelhos e aplicados com objetivos educativos, competitivos, artísticos ou terapêuticos o *Turnen* é visto como algo mais amplo constituído pela Ginástica (exercícios diversos em aparelhos, no solo ou em grandes grupos de pessoas), pelos jogos, pelas caminhadas, pelo teatro e pelo coral.

Para Silva (1997, pg.17)

O radical *Turn*, do qual são derivadas mais de sessenta palavras, tem um significado muito mais amplo do que a palavra ‘Ginástica’ pode expressar. É um certo tipo de ginástica – a ginástica alemã do século XIX: corporal, moral e nacional. (...) As atividades físicas que compreendiam o *Turnen* eram as corridas, saltos, equitação, lançamentos, lutas, esgrima, escalada e evidentemente a ginástica de aparelhos e em grupos. Tinha também grande consideração pelas caminhadas (ou peregrinação) como atividade preparatória para a vida. Além dos exercícios físicos, a formação educacional era complementada com o canto, a execução de instrumentos e o teatro. Este conjunto de atividades, ao serem transplantados para o Brasil, fortificava os

laços com a pátria de origem, preservando e recriando na diáspora, uma cultura alemã.

Carregados de ideologia, estes grupos mantinham mesmo tão longe de sua terra os ideais ginásticos simbolizados pelos quatro F - *Frisch, Fromm, Froh e Frei*, que significam respectivamente Saudável, Devoto, Alegre e Livre. Estas quatro palavras representavam o espírito que o ginasta deveria ter, tendo a força de gritos de guerra, sintetizando a essência da cultura ginástica.

A Ginástica não é, portanto, a finalidade exclusiva dos Turnverein, mas sim a vida em sociedade, passar o tempo livre com os seus compatriotas e a partir disso resgatar o elo com a pátria por meio de práticas esportivas e culturais. A convivência étnica e cultural é segundo Tesche (1996) a maior finalidade de tais grupos.

Desta forma vemos que, assim como já citado anteriormente, a Ginástica se apresenta desde sempre com múltiplas finalidades, abrangendo diferentes espaços e cumprindo funções próprias, de acordo com a época e com o grupo social que a pratica.

Potencializada sob diferentes aspectos, pois encontra meios legais para florescer nas escolas, sobrevive entre os grupos alemães e vai se constituindo cada vez mais como necessária para o fortalecimento do povo. Veremos que a Ginástica acompanhará a vida do cidadão republicano e campineiro, compondo algumas vezes por imposição e outras vezes voluntariamente, a sua cultura corporal. Acreditamos, assim, que sua entrada no município aconteceu por duas vias: uma direta, institucionalizada via escola e apoiada pelos médicos higienistas e outra indireta graças à cultura dos imigrantes alemães que trouxeram para o município os Clubes de Ginástica onde havia a prática do Turnen.

Em Campinas a presença dos alemães ajudou a moldar a cidade nos seus mais diversos aspectos e um dos legados foi sem dúvida a introdução da Ginástica no município. No início do século XX após os surtos de febre amarela, a presença deste grupo foi um pouco inibida, dado o número de mortes e a mudança de cidade por parte de algumas famílias alemãs. No entanto, segundo Karastojanov (1999, pg.262):

Lentamente, a população foi retornando para promover a reconstrução e, entre ela, os alemães. Aqueles que fundaram a Sociedade Alemã de Instrução e Leitura conseguiram fazer com que seus descendentes realmente se tornassem membros úteis da sociedade, como desejava Anton Exel. Muitos na verdade

deixaram a cidade para nunca mais voltar, mas outros nela permaneceram ou a ela retornaram, mantendo antigas Associações ou criando novos Clubes Recreativos, organizando novas festas e fundando novas Sociedades.

E foi através das imagens fotográficas que reconstruímos a história destes grupos, tentando entendê-las como documentos históricos carregados de significado. Os Clubs (grafia usada na época) que faziam parte deste cenário e que foram fundados por alemães foram o Club Concórdia em 1871, o Eintracht por volta de 1900 e o Turner Gruppe Campinas em 1904.



Figura 1 – Símbolo do Turner Gruppe Campinas

Localizado na rua Ferreira Penteadado, o Turner Gruppe, ficava próximo a Escola Alemã (Deutsche Schule) tendo, portanto uma ligação forte com este estabelecimento. Não podemos afirmar que todos os clubes possuíam a Ginástica como conteúdo, pois o Club Concórdia, por exemplo, era conhecido pela prática do “bolão” um jogo parecido com o boliche e muito popular entre os grupos alemães. Acreditamos ser o Turnen Gruppe o local onde a comunidade citadina formada por alemães se encontrava para a

prática da Ginástica. É importante lembrarmos o caráter associativo do povo alemão. Existe um ditado comum na Dinamarca e norte da Alemanha que diz que “onde existirem três alemães (ou dinamarqueses) com um mesmo objetivo, é criada uma associação”. Sendo assim, tais associações vão fazer com que as tradições da sua terra natal sejam mantidas em solo tropical. Para Silva (1997, pg.15) “durante o século XIX e no início do XX, ser teuto ou teuto-brasileiro era condição *sine qua non* para participar de uma sociedade de origem alemã”.

A força das palavras *Frich, From, Frolich e Frei*, os quatro F's centrais presentes na foto são colocadas não por acaso no centro, tendo o intuito de emoldurado por galhos de café e carvalho, fazer com que o ginasta realmente se sentisse Jovial, Devotado, Alegre e Livre, lembrando também a presença alemã em solo paulista, onde o carvalho simboliza a Europa distante com seus bosques e o café simbolizando o orgulho e a riqueza nacional. É um símbolo que remete a pátria distante fazendo com que o ambiente alemão seja reconstruído na cidade, mas que mostra, de certa forma, a integração deste povo no novo país.

Podemos perceber também algo de diferente nestas associações: a presença de homens e mulheres dentro dos clubes. Lembrando que o Brasil funcionava em uma estrutura extremamente patriarcal, na qual a mulher não tinha muito poder para além do círculo familiar, é interessante percebermos a presença de mulheres dentro das associações. Por outro lado, vemos que esta postura vai de acordo com o que o próprio pensamento de Jahn, pai da Ginástica alemã, que via na educação um papel importante para a mulher. Tescher (1996, pg.40) afirma que:

(...) para Jahn a menina deve sair da escola mais sábia e mais perfeita do que o menino. Para o menino permanece a vida após a escola no mundo turbulento, enquanto a mulher não tem nada disso. Para ele, o homem é educado por opção, a mulher por sua determinação.

Na foto que segue, temos 26 homens e 12 mulheres, com idades diferentes e ao que tudo indica, participavam das atividades de Ginástica no Turnen Gruppe. Outro ponto que devemos nos ater ao observarmos tal foto é a presença, nos cantos direito e esquerdo, de aparelhos de ginástica. Soares (1994, pg.67) afirma que: em suas formulações práticas para a execução dos exercícios físicos, Jahn cria ‘obstáculos artificiais’, obstáculos esses que mais tarde serão denominados ‘aparelhos de ginástica’.

Estes ainda são praticamente os mesmo utilizados pela Ginástica Artística, salvo algumas alterações. Vemos então no lado esquerdo da foto, um cavalo com alças e do lado direito uma paralela assimétrica.



Figura 2 – Grupo de alemães no começo do século no Turner Gruppe Campinas

Da Ginástica idealizada por Jahn, estes alemães trouxeram, sem dúvida aquela vertente que fora direcionada para a população em geral, na qual um grande número de pessoas poderia participar compondo muitas vezes formas, como no caso das pirâmides. Formada por 24 homens, a formação apresentada na foto a seguir mostra uma simetria e uma grande preocupação em criar algo bonito e que chamasse atenção, afirmando inclusive a masculinidade e virilidade de tais alemães.

Na falta de uma estrutura como as encontradas na Europa, a criatividade teve que ser muito utilizada para a elaboração de implementos que ajudassem a compor tais figuras. Duas escadas serviram de base para a criação da pirâmide no quintal do Turner Gruppe que, aliás, servia como local de apresentação e prática da Ginástica, uma vez que

as condições climáticas do Brasil possibilitavam que tal atividade pudesse ser praticada por muitos meses ao ar livre.

Tais figuras são carregadas de uma ideologia e de uma linguagem muito sutil que vai confirmar os motivos que levaram os alemães a se fecharem, a princípio, em um grupo próprio, mantendo seus valores e suas tradições. A pirâmide é um símbolo de força, de afirmação e mais do que isso, ela proporciona que todos possam se sentir fortes, juntos na criação de uma coisa em comum. Saber que é possível contar com o outro, diga-se de passagem, em qualquer outra situação fora da pirâmide, é motivo de conforto para todos estes que estavam longe de sua terra natal, na busca de uma nova vida.

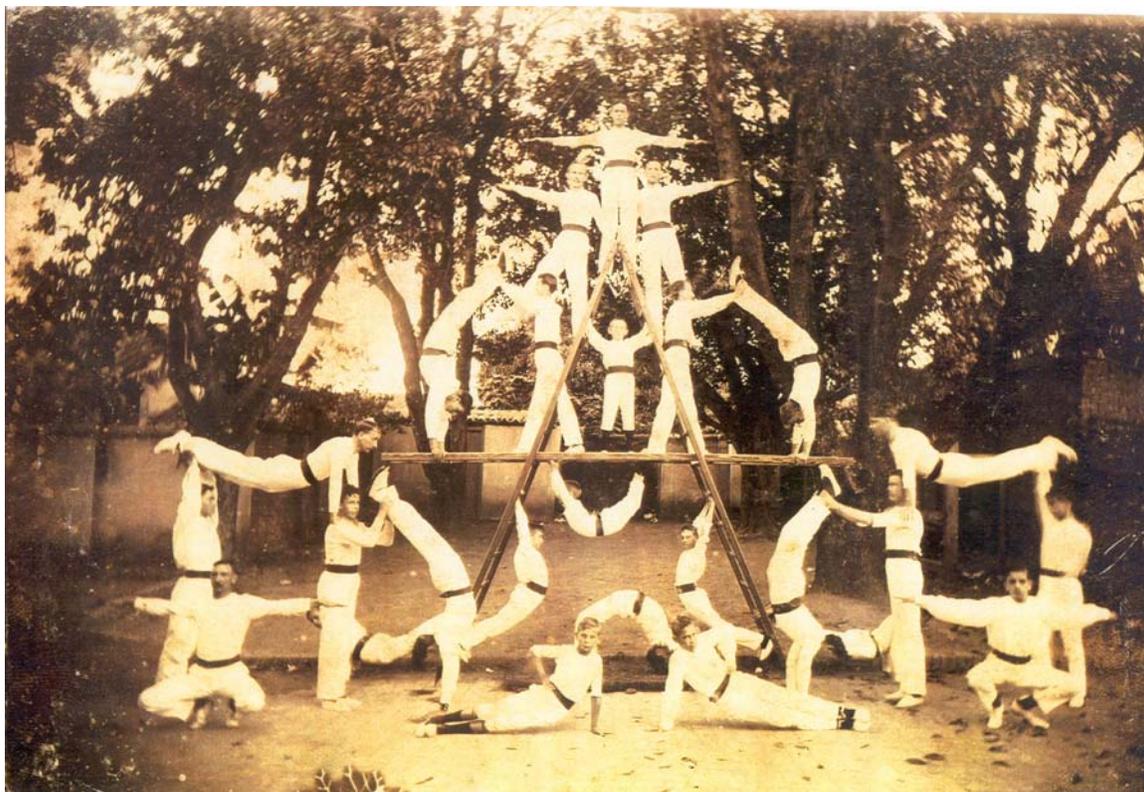


Figura 3 – Pirâmide masculina – Turner Gruppe Campinas

Como já dissemos anteriormente, a mulher também tinha espaço dentro da Ginástica, no entanto, devemos lembrar que este espaço aparentemente não era o mesmo destinado aos homens. Se por um lado, á eles eram destinados os exercícios de força, ás mulheres restava a prática dos exercícios de forma moderada. No entanto, devemos considerar que para a época, isto já era um grande avanço, uma vez que as mulheres brasileiras no mesmo período ainda eram vistas apenas como geradoras de filhos e a

prática de exercícios físicos e da educação de modo geral, ainda estava longe da sua realidade. A mulher alemã, vivendo no Brasil vivia um antagonismo muito forte, sendo respeitada dentro de seu grupo étnico, mas enfrentando vários problemas para se afirmar na sociedade machista.



Figura 4 – Grupo de moças em apresentação no Turner Gruppe Campinas

Mesmo com todo o discurso republicano embasado na necessidade de criar corpos fortes e saudáveis, tal discurso passava a milhas de distancia do corpo da brasileira. A educação escolar vale lembrar ainda, era um tanto quanto precária e destinada em sua grande maioria aos homens. No caso de Campinas, no entanto, tivemos um diferencial, pois muitas escolas foram fundadas por alemães ou com o apoio deles, tendo portanto a Ginástica um papel de destaque dentro de tais instituições. Mas não podemos afirmar que Campinas, neste aspecto, contrariou totalmente o que se pensava em termos nacionais no tocante à educação e principalmente a educação do corpo.

É importante lembrarmos que com a ascensão da classe militar após a proclamação da República, a Ginástica Militar Alemã (diferente desta praticada nos Turner Gruppe) tornou-se muito presente no exército brasileiro e conseqüentemente este

foi o modelo de exercícios físicos adotado como aquele que entraria nas escolas, educando os futuros cidadãos da pátria – as crianças e jovens.

Seus objetivos eram diferentes. Se nas Associações de Ginástica, os Turneverein, a vida em sociedade e a prática de exercícios por prazer, constituía uma atividade de lazer da comunidade alemã, por outro lado os objetivos desta “outra” Ginástica alemã iam em outra direção. E mais do que isso, a forma como ela foi utilizada serviu para propósitos totalmente diferentes. Segundo Sousa (1994, pg.26):

A ênfase nos exercícios físicos recaía sobre a saúde, que não era apenas individual, mas protagonista de um projeto de ‘assepsia social’. Com tal propósito, eles deveriam disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de se afastarem de ações que provocassem a deteriorização da saúde e da moral, ameaçadora da vida coletiva. Tratava-se assim, de mais um produto do pensamento liberal que depositava, na educação e na escola as esperanças das elites intelectuais de se construir uma sociedade livre dos problemas sociais.

Vale lembrar, entretanto, que apesar de terem encontrado expressões distintas – uma no exército e a outra na vida social, ambas são parte de um plano maior, idealizado por Jahn que via na prática do Turnen um caminho para melhorar a condição física do seu povo que estava ainda subjugado ao império napoleônico. De certa forma, elas têm uma ligação forte, pois partem de uma mesma ideologia. Chegam ao Brasil, realmente por vias diferentes, mas compõem a estrutura de um mesmo quadro.

Claro que Campinas, reduto dos liberais, seguiu à risca tais recomendações, mas com algumas outras nuances. Um dado importante é que neste período, com a necessidade de se incluir exercícios físicos nas escolas, muitos professores foram recrutados nos clubes alemães, pois estes indivíduos tinham experiência com a Ginástica... mesmo sendo esta dirigida a outros propósitos. Talvez por isso, encontramos expressões diferentes daquelas encontradas em outras cidades do país no mesmo período.

Outro dado importante é que se antes Campinas se caracterizou por ser uma cidade em que a quantidade de escolas particulares¹⁴ sempre foi maior do que as

¹⁴ Outras instituições fundadas na época: Colégio Progresso (1901) Colégio São Benedito (1902), Externato Tiradentes (1904), Colégio sagrado Coração de Jesus (1908), Externato São João (1909) e Escola Técnica de Comércio Bento Quirino em 1910. C. fonte Martins, J.P.S. Campinas, século XX – 100 anos de história. Campinas, SP: Diário do Povo e Correio Popular (2000)

oferecidas pelo governo, não por acaso, esse cenário muda durante a Primeira República. Nascimento et al (1999, pg.44-45) aponta que:

Campinas, durante a Primeira República, contou, na área de educação com iniciativas do governo estadual, do governo municipal e de entidades privadas (religiosas e leigas). Ao contrário do período anterior, ao lado das escolas particulares, cresce significativamente o número de escolas públicas em todos os níveis de ensino.

Circulavam então pela nação, e por Campinas, no caso, diferentes formas de expressar a Ginástica. Era possível vê-la sob o nome *Turnen* nos clubes alemães, como sinônimo de Educação Física, inserida no contexto escolar onde atendia a finalidades claramente relacionadas ao ideal republicano e claro, no exército, como forma de preparação física para os soldados. Mas é no ambiente escolar que vamos ver também polêmicas a respeito de que método de Ginástica (ou sistema de Educação Física) deveria ser o melhor para ser introduzido (oficialmente) nas escolas brasileiras.

Rui Barbosa condenava o Método Alemão e pregava a prática do Método Sueco, dado o seu caráter extremamente científico que dialogava perfeitamente com o ideário positivista que rondava a República. Na verdade, não importava o Método, mas sim a forma como ele seria utilizado, e isso não havia diferença entre um e outro. Apesar do Método Sueco ter sido posteriormente implantado, ambos atenderam aos mesmos fins, que segundo Goellner (1992, pg.119):

(...) Noutras palavras, Rui Barbosa, um representante da elite, defendia uma 'educação popular' entendida não como uma educação que proporcionasse a todos o acesso e a apropriação dos bens culturais universais mas dizia respeito a uma 'modelação' da grande massa que constituía o conjunto da população e que no seu bojo deveria contemplar a construção de um novo país, mais forte economicamente, produtivo e que ingressasse nos patamares da modernização, trazidos pela indústria. Para tanto, advogou a necessidade de mais escolas onde o binômio educação/higiene teria a tarefa precípua de suscitar essa transformação da sociedade brasileira. Por isso, não só aceitou a intervenção militar no processo educacional como também incentivou e se fez representante do pensamento higienista.

Mas, é o Método Francês chegado ao Brasil em 1907 e oficialmente introduzido na escola a partir de 1929 que vai ser o mais presente ao longo do século XX, sendo, portanto, o mais relevante para a contextualização da Ginástica no período

proposto por este estudo. Dada a sua importância, este será largamente discutido mais a frente.

Voltando aos clubes alemães, 1912 é uma data importante, pois marca a união dos três principais grupos: O Club Concórdia, o Eintracht e a Deutsche Schule. Percebemos na foto a seguir os próprios dizeres escritos em alemão: “Einigkeit macht stark” o que significa “A unidade faz a força”, mostrando que quanto mais unidos tais grupos se mantivessem, mais fácil seria passar pelas mudanças introduzidas no Brasil através das novas estruturas sociais e econômicas que estavam sendo implantadas. Percebemos inclusive que muitos dos que estão presentes nesta foto, também o fazem em outras, inclusive as do Turner Gruppe, o que vem a confirmar que apesar de fazerem parte de associações diferentes, o Turner Gruppe parece ser um ambiente onde todos se encontram. Ou também pode demonstrar que dentro dos grupos alemães existiam pessoas que transitavam fazendo talvez a ponte para que a união acontecesse em 1912. Interessante é notarmos também o significado da palavra Eintracht que pode ter muitos significados – unidade, solidariedade, harmonia, estar junto.

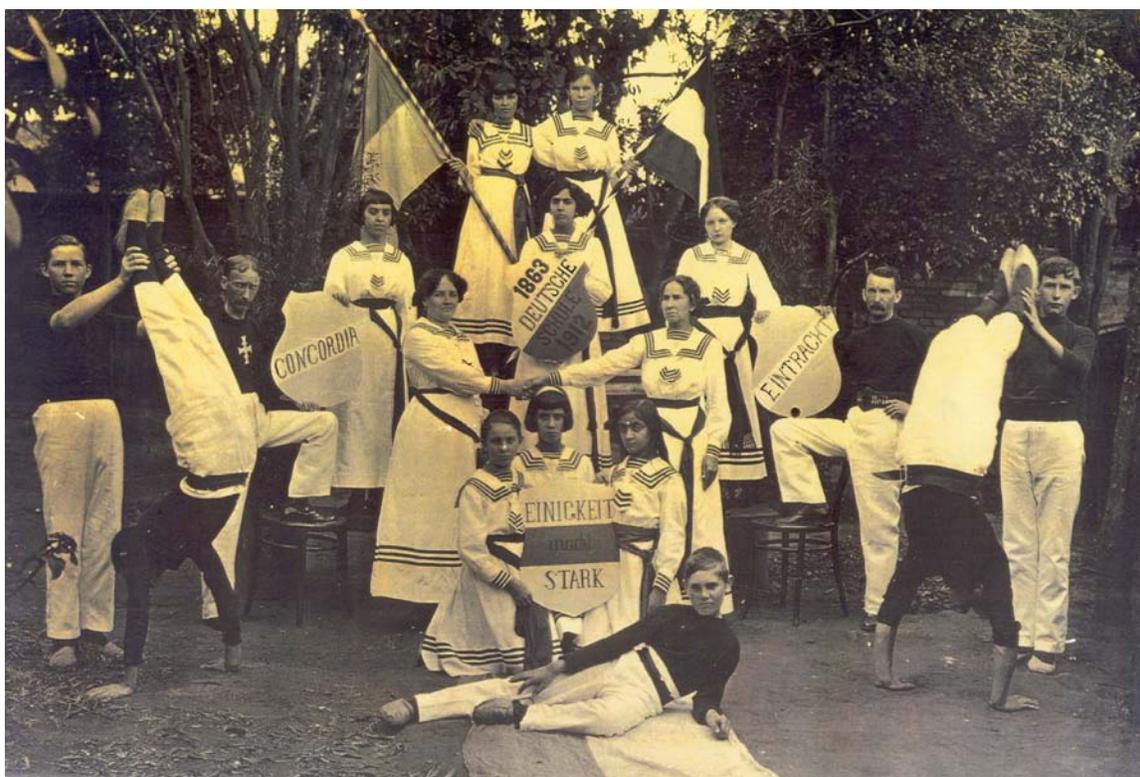


Figura 5 – Foto comemorativa da união dos diferentes clubes alemães em Campinas.

É também em 1912 que temos um outro marco importante para a pesquisa. A primeira entrevistada que nos ajudou a reconstruir a história da Ginástica em Campinas, nasceu neste ano e a partir de agora, além das fotos contaremos também com o depoimento oral desta mulher, primeira professora da região formada em Educação Física formada da região, descendente de suíço-alemães e que servirá agora de fio condutor para a nossa pesquisa. É através do seu olhar, das suas memórias e claro, das fotos e informações oficiais que seguiremos a caminho dos anos 20 pela cidade da Campinas.

Com suas memórias podemos aos poucos colocar outras cores no cenário campineiro. Seu olhar, contemporâneo aos fatos, mostra nuances diferenciadas e vivas daquilo que vemos publicado nos livros de história da Ginástica. No início dos anos vinte, **Otília Forster** está com oito anos de idade e estudando no ensino primário da Escola Alemã. Suas aulas de Ginástica/Educação Física nesta instituição são ministradas por professores alemães que segundo ela: “Ensinavam para a gente a ginástica com bastão e era uma ginástica de pular muito. Tínhamos uma vez por semana”.

A Campinas que floresce aos seus olhos é uma cidade que está cada vez mais conectada com a modernidade anunciada pelos anos vinte. A urbe passara por uma europeização, especialmente o centro da cidade, que tinha em seus prédios principais a assinatura do arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, formado na Bélgica e que contribuiu também com a arquitetura da capital no início do século. Podemos dizer que a Campinas da Belle Époque, não deixa nada a desejar em termos arquitetônicos e culturais as principais cidades do país.

As novidades tecnológicas também chegam e preenchem o gosto das classes mais abastadas: a presença cada vez maior de carros nas ruas, bondes, luz elétrica, vida social, festas, enfim, uma grande movimentação cultural. Esta é a Campinas no início do século, cheia de vida e com ares de cidade cosmopolita.

Uma nova ordem social começa também a despontar a partir de 1920 com o processo de urbanização e industrialização. Segundo Nascimento et al. (1999) vemos o surgimento do proletariado e da maior projeção da camada média, que aos poucos começa a abalar politicamente as oligarquias rurais, responsáveis até então pela República Café com Leite, dada a sua cada vez maior participação nos assuntos agrícolas, industriais e financeiros.

A imigração européia acentuou-se após a abolição da escravatura e Campinas passou a ter um contingente muito grande de estrangeiros na sua população. Acredita-se que em 1920, segundo Nascimento et al (1999, pg.33) “Campinas possuía 115.602 habitantes, sendo que 20,34% desta população era de estrangeiros”. Se antes os alemães predominavam, agora temos os italianos em maior número seguidos de portugueses e espanhóis.

Com esta nova estrutura, não eram apenas os clubes de lazer que florescia. Inúmeras associações com as mais diversas finalidades também surgiram neste período. Para Nascimento et al (1999, p.34):

É significativo o número de associações que foram constituídas na cidade de Campinas, principalmente nas duas primeiras décadas do século, tanto pela elite, como pelas classes populares: associações beneficentes, de auxílio mútuo, de categorias profissionais específicas. Entretanto o cotidiano da cidade não se constituía apenas de atos de cooperação. Existiram lutas esporádicas como greves, abaixo-assinados, ofícios, queixas e reclamações noticiadas e encaminhadas à Câmara Municipal.



Figura 6 –Largo da Catedral, 1928.

A presença de teatros confere à cidade um toque de vanguarda, típico dos anos 20 e podemos inclusive, ao olharmos para a foto ver a quantidade de pessoas usando chapéus, principalmente as mulheres, impecavelmente vestidas e tendo o teatro lotação máxima. Somente uma cidade culturalmente desenvolvida e rica poderia usufruir tal teatro, ou melhor, apenas uma cidade com a história de Campinas é que poderia em pleno interior paulista estar tão voltada para a Europa. Mas, voltemos a Ginástica...



Figura 7 – Interior do Teatro São Carlos, 1923.

O Clube Alemão de Ginástica nesta época ainda funcionava como centro cultural da vida alemã. Por ser a filha mais nova, de uma família de nove filhos, Otília não chegou a aproveitar tanto das atividades oferecidas, mas têm em sua memória as atividades desenvolvidas pelos seus irmãos:

Chamava-se Clube de Ginástica Alemão. Eles faziam ginástica lá, aprendiam muitas outras coisas também. Passeavam em excursões para Rio Claro, Valinhos, onde tinham outros alemães, enfim uma série de coisas que os alemães faziam. Eu tinha um irmão também que fazia canoagem no Regatas, até construiu um barco. Papai puxava muito a gente, ele nunca implicou com nada, tudo o que a gente pedia, ele procurava fazer.

Deste modo, percebemos que a vida social ainda era muito importante para tais grupos alemães. A reunião com outros conterrâneos em outras cidades favorecia os vínculos e preservava sua forma de se fazer presente na sociedade brasileira. Outro fato importante é notarmos que Otília não fala sobre o Turner Gruppe, mas sobre o Clube de Ginástica Alemão. Isso tem um motivo que vale a pena ser esclarecido pois vai mudar drasticamente, a partir da década de 30, a forma de atuação de tais grupos alemães por todo o país.

Especialmente após a 1ª Guerra Mundial, mas como resultado de um longo processo, as Sociedades Alemãs sofreram mudanças significativas no interior da sociedade brasileira. Ser alemão no Brasil poderia ter muitos significados: apesar de virem de um mesmo país, havia diferenças entre a forma de pensar, de agir e de se organizar politicamente.

Tais diferenças tornaram-se mais acentuadas especialmente no início do século, uma vez que o conceito de germanidade ganha uma outra conotação. Alavancado pela ideologia pangermanista, baseada principalmente em difundir doutrinas raciais e que visava garantir um núcleo de apoio no Brasil à expansão econômica alemã (Magalhães, 1993), os teutos que haviam se estruturado há muito tempo no Brasil passaram também a ser alvo de discriminação, sendo que suas sociedades, passaram a ser vistas como focos de apoio a esta ideologia.

A parte foi tomada como todo e mudanças tiveram que ser feitas a fim de que tais sociedades pudessem continuar existindo. Se antes o alemão era a língua oficial, vemos que as sociedades mudam seus estatutos a fim de contemplar também sócios brasileiros, mostrando sua abertura para com os assuntos nacionais e sua integração com o país. Mas são nas décadas seguintes que outras histórias irão se desenrolar dentro das Sociedades Alemãs...



Figura 8 – Jovens alemães, praticantes do Turnen em Valinhos.

Na foto anterior podemos ver um grupo de seis jovens descendentes de alemães em uma atividade de Ginástica em Valinhos no início dos anos 20. No entanto, a foto e a fala de Otilia nos levam a visualizar muito mais do que a prática da Ginástica.

É interessante observarmos mais uma vez a presença das mulheres usando trajes de Ginástica, ou melhor, trajes esportivos que denotam também a presença de outros tempos para a sociedade e a mudança de certos costumes, nos quais as práticas corporais passam a ganhar cada vez mais destaque.

A vida urbana propicia uma maior sociabilidade e as mulheres começam a se expor, a aparecer em lugares públicos e isso traz, especialmente para as mulheres outras preocupações como a aparência em geral. O advento do esporte proporciona também maior visibilidade corporal, mudando assim para a geração dos anos 20, o conceito de beleza do corpo feminino. Segundo Schpun (1999 pg.23):

A urbanização e a intensificação da vida urbana que daí decorre, é responsável pela significativa presença e frequência das mulheres no espaço da cidade. Essa ocupação da rua, dos locais de lazer e de comércio – e, especificamente em relação às mulheres burguesas, dos espaços dedicados à vida mundana – exige, preparação, trabalho prévio a ser realizado sobre o rosto e sobre o corpo.

Outro ponto de vista interessante sobre este período é apresentado por Sevcenko (1992, pg. 49) no que diz respeito à moda:

Por estar fortemente identificado com os mais jovens e lhes propiciar os indícios de um novo estilo de vida, desembaraçado dos entraves de um passado recente, mas já obsoleto, o esporte se torna a moda e a moda adquire um acento esportivo.

No caso campineiro, vemos a proliferação do esporte nos diversos clubes existentes na cidade: Clube Campineiro de Regatas e Natação, com os esportes náuticos; o Tênis Clube Campinas, com o tênis, a Sociedade Hípica de Campinas com os esportes equestres e a Associação Atlética Ponte Preta e o Guarani Futebol Clube com o futebol.

A juventude, os esportes, a versatilidade exigidos nestes novos tempos faziam com que as práticas corporais ganhassem cada vez mais destaque na sociedade brasileira. É interessante vermos nesta época também que o conceito de beleza e por conseqüência o uso dos exercícios para atingir tais padrões são cada vez mais usados. Ser gordo não condiz com a idéia de velocidade, agilidade e graça imposta pelos novos tempos:

A obesidade tornou-se ridícula para todos, sinal de inatividade, de improdutividade. Os novos tempos demandam pessoas ágeis, rápidas, prontas para 'agir'. Os corpos pesados e gordos, pessoas que movem lentamente o corpo parecem estar em contradição com o progresso. E isso refere-se tanto aos homens quanto às mulheres. (Schpun 1999 pg.109)

Outro ponto importante a ressaltar é a não uniformidade da prática do esporte, uma vez que ele a princípio não se destinava a população em geral. Para Schpun (1999, pg.34):

Com investimento público praticamente nulo, a prática esportiva organizada é desde o início restrita às elites e a certos setores das camadas médias, especialmente a certos grupos de imigrantes de origem urbana que buscam preservar seus hábitos esportivos. É o caso, por exemplo, dos ingleses e dos alemães que organizam times e equipam locais para a prática de esportes a partir do final do século XIX.

Após os estudos primários, Otília Forster ingressa na Escola Complementar em 1928 e conclue seus estudos em 1930, com o objetivo de se tornar professora primária, destino seguido pela maioria das moças de “boa família”. Interessante é compartilhar de suas memórias a respeito da Ginástica neste período:

Nossa professora de ginástica era D. Ondina Vilella, que era professora aproveitada e dava aula com uma saia apertada, blusa e salto alto...ela não gostava de fazer com a gente, conversava muito bem e tudo e por isso estava lá. Mas as aulas... eram em um porão e tudo tabelado. Era uma seqüência de Ginástica, movimento.

Mais interessante ainda é compartilhar de suas impressões a respeito de tais aulas:

Eu então, decorava aquela seqüência. Na escola, tínhamos as grades típicas do método sueco, os espaldares. Tinha no porão onde era a aula, os pilares que sustentavam os andares do prédio, então eu ficava atrás na aula de Ginástica. Eu dizia: ‘ Não vou fazer esta bobagem’. Então eu ouvia as outras colegas dizendo: ‘ Você é danada, heim?’ E então eu dizia: ‘ Mas eu não vou repetir esta coisa de sempre, porque ela (a professora) dizia – Você é o número um, você é o número dois!. É claro que tínhamos uma seqüência com Ginástica de abaixar, mas ela não estava nem aí se fazia certo ou errado. Era uma mistura, Ginástica Sueca, Ginástica Alemã.



Figura 9 – Colégio Carlos Gomes

O Colégio Complementar que Otília estudou foi transformado em 1936 no Colégio Carlos Gomes, situado atualmente na Avenida Anchieta. Consta que a princípio ele funcionava em um casarão no Largo da Catedral e depois foi transferido para este novo endereço com pompa e circunstância, tendo segundo Martins (2000) materiais importados da Itália, como o mármore para as escadarias, ladrilhos da Alemanha e móveis concebidos na Áustria.

Não podemos deixar de pensar em um ponto importante que é a velocidade com que os acontecimentos mudam e quais seus reflexos na prática cotidiana. Digo isso, pois apesar de em termos legais, o Método Francês ter se tornado obrigatório dentro da caserna em 1921, é apenas em 1929, segundo Marinho (s.d., p.52) que através do anteprojeto apresentado pelo General Nestor Sezefredo Passos, que se dá sua penetração na escola uma vez que, por ainda não existir um método de ginástica brasileiro, o Método Francês deveria ser aquele presente no ambiente escolar.

Vemos, no entanto, que realmente a narrativa linear dos fatos muitas vezes não exprime as nuances do real, homogeneizando aquilo que a princípio se mostra heterogêneo. No caso campineiro vemos que nesta mesma época, a maioria dos colégios ainda possui professores que, na sua maioria, tem ligação com o método alemão ou que são descendentes de alemães e isto é a influência que vai se destacar no período. Apesar do “oficial” ser o Método Francês, encontramos outras expressões dentro da escola.

Explicito este pensamento ao averiguar que, por exemplo, no Colégio Culto à Ciência, os dois professores, responsáveis pelo período de 1904 a 1947, Jorge Henning e Alberto Krum eram descendentes de alemães, sendo o último frequentador do Turner Gruppe Campinas. É fato, no entanto, que ambos tiveram que fazer um curso no exército para continuarem dando aulas, mas penso que na verdade, suas experiências deveriam ser muito maiores no campo da Ginástica Alemã do que no Método Francês o que caracterizaria, neste período de transição, uma mistura de métodos, de formas de praticar a Ginástica dentro do contexto escolar.

Imagino que na prática, cada professor responsável fazia o que era possível, ou o que sabia nestas aulas, não havendo tanta rigidez em relação ao método ou à forma de se ensinar. O que valia muito era a experiência prática anterior ou se o professor (a) era uma pessoa que “sabia falar bem”, como nos aponta Otília.

Ainda sobre a presença dos professores alemães, Otília nos conta que:

Depois que a Escola Normal (Colégio Carlos Gomes), mudou de prédio, aí ficou sendo o professor Fernando Tilli. Ele não era formado, mas ele era diretor do Clube de Ginástica, sabia muito de Ginástica... você sabe, alemão adora Ginástica !

Portanto ao olharmos para as expressões da Ginástica neste período podemos talvez enxergá-las em dois lugares de forma mais destacada: nas escolas e nos clubes de Ginástica, cada uma tendo características próprias. Cada ambiente possuía finalidades específicas que impossibilitavam que, apesar de tratarem do exercício de uma mesma atividade, estas tivessem as mesmas expressões. Fazer Ginástica na escola atende a finalidades higiênicas, médicas, de saúde e por que não, de defesa da pátria. A Ginástica presente nos clubes tem outra conotação e por conta disso, outras expressões.

No entanto, o papel da Ginástica em si, independente do local onde ela se desenvolve é bem diferente para homens e para mulheres. Aulas são separadas, pois cada gênero possui uma necessidade específica. Nos clubes, a Ginástica de aparelhos é destinada basicamente aos homens, sendo que para as mulheres a Ginástica tem que trazer graça, beleza e feminilidade.



Figura 10 – Grupo de moças se apresentando no Turner Gruppe Campinas

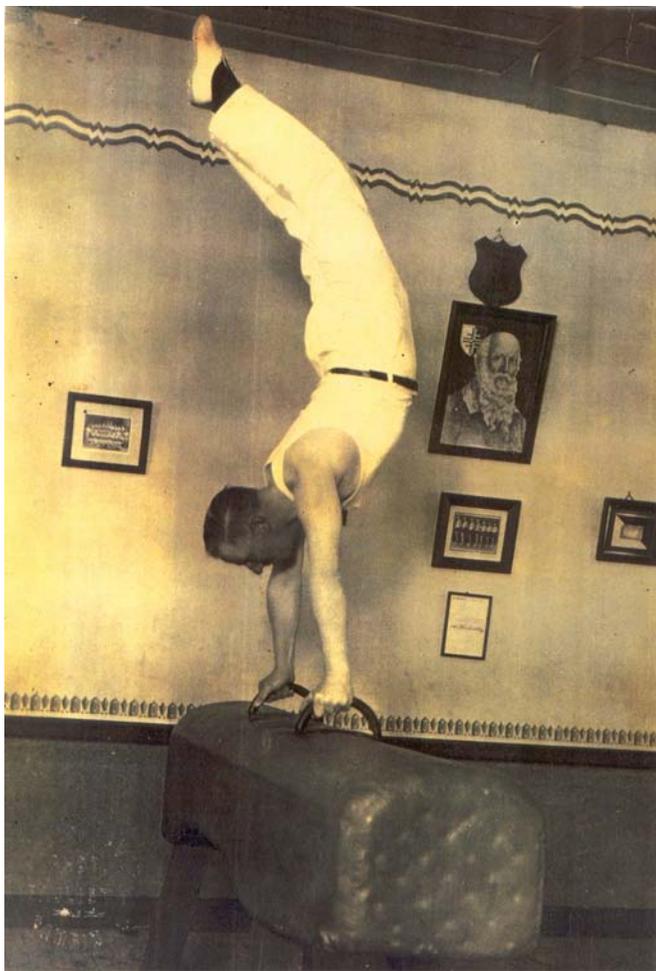


Figura 11 – Praticante de Ginástica usando cavalo com alças

Esta separação de gênero esteve presente desde a criação das primeiras sistematizações de Ginástica, nas quais o homem sempre foi visto como símbolo de força e destreza e o elemento feminino como sinônimo de movimentos graciosos e controlados. Portanto, no que diz respeito às diferenças de gênero a Ginástica se apresentava sob diferentes formas.

Fernando de Azevedo (1960, pg.67), educador e um dos incentivadores das atividades físicas no início do século XX deixa claro esta posição ao afirmar que:

Os exercícios, pois, que mais convêm à mulher são aqueles que aumentam a flexibilidade e a destreza da coluna vertebral, isto é, os movimentos que sujeitos às leis da cadência e do ritmo, se tornam, por assim dizer, a poesia da locomoção. É que da flexibilidade do tronco, da harmonia dos movimentos depende um dos maiores encantos da mulher: a GRAÇA. A educação física para moças deve ser, pois, higiênica e estética, e nunca ‘atléctica’, deve visar

sobretudo o desenvolvimento da parte inferior do corpo, dar a graça e a destreza dos movimentos, procurando antes a ligeireza do que a força.

Colocando homens e mulheres em pólos diferentes, a forma de se olhar para a Ginástica dialoga perfeitamente com o discurso do poder, que pretende transformar o brasileiro em europeu. Sendo assim, a Ginástica trazida pelo imigrante é olhada também com bons olhos pelo governo Republicano pois neste quesito ambos possuem a mesma ideologia. Em oposição a isso, devemos lembrar que a Belle Époque traz também consigo, além da influência européia, danças de salão, a presença cada vez mais forte dos negros nas ruas a prática de danças sensuais e que são extremamente condenadas, mas que proliferam cada vez mais e atingem sobremaneira o gosto do brasileiro, que é um povo miscigenado.

Época extremamente contraditória e por isso fascinante, a década de 20 marca a entrada do Brasil na modernidade, no sonhado mundo europeu, mas traz consigo também resquícios da escravidão, desigualdades sociais e a constatação de que o projeto de assepsia social e branqueamento da raça talvez não fosse tão fácil de ser implantado.

Os anos loucos, em seu turbilhão de atividades corporais, trazem o esporte como uma prática associada a valores masculinos. Tanto que o próprio Método Francês vai lançar mão de jogos como parte fundamental na educação dos meninos. Segundo Schpun (1999, pg.47):

Das mulheres espera-se, como já vimos, que elas se exercitem fisicamente na medida do estritamente necessário para a manutenção da saúde e da forma. Já os homens devem uma parte de sua identidade social à sua relação com o mundo dos esportes. Desse modo, o papel socializador do esporte oferece aos meninos diversas ocasiões para o estabelecimento de laços de amizade e de solidariedade, através da experiência dos jogos de equipe, permitindo-lhes, ao mesmo tempo, expressões de agressividade.

Paralelo a isso é interessante notarmos que os anos 20 trarão no seu desenrolar outras informações importantes para olharmos para as práticas corporais. Ao mesmo tempo em que temos em 1922 a Semana de Arte Moderna em São Paulo, trazendo ideais de valorização da arte e cultura nacional vemos que na escola e na vida social, muitas das práticas corporais são norteadas por padrões estrangeiros. Isso demonstra uma certa tensão existente no ar, típica do período, mas que de certa forma é tão vanguardista que não chega a influenciar em grande escala ou trazer grandes mudanças de imediato.

A Semana de Arte Moderna vem expressar também uma idéia de nacionalismo presente em todo o mundo. Silva (1997, pg.50) ao falar dos grupos alemães no Sul do Brasil nos aponta que:

A preservação da língua alemã era essencial para a preservação da germanidade que, na década de vinte do século XX, já se constituía como problema para os alemães e descendentes. A Primeira Guerra Mundial havia passado, mas a rivalidade dos campos de batalha alastrara-se pelas diferentes esferas do mundo social. O nacionalismo em moda por quase todo o globo, sobretudo nas nações beligerantes, não tardaria a virar bandeira também no Brasil, com a Semana de Arte Moderna no ‘carro abre-alas’ da nação brasileira.

Em termos políticos o mundo também passava por transformações. No Brasil a quebra da bolsa de Nova York em 1929 vai trazer fortes conseqüências para a economia campineira, uma vez que esta ainda é, neste período, um dos dínamos da nação em termos de exportação de café. Como conseqüência de um processo, a economia cafeeira sofre sua queda, dando lugar a outras transformações mais profundas. Nas palavras de Carpintero (1996, pg.37): “Em Campinas, em 1930, estava nitidamente instalada a crise urbana, cedendo espaço àquelas transformações profundas da estrutura social e econômica, nas quais se incluíam a industrialização e a urbanização”.



Figura 12 – Rua Barão de Jaguará

A República Café com Leite perde desta forma, um dos seus mais fortes pilares e prepara o terreno para ao golpe militar de 24 de outubro de 1930. Para Castanho (1993 pg.56):

1930 não significa a derrota completa da oligarquia em bloco. Foi mais claramente a oligarquia paulista, ligada ao comércio exportador, que se desalojou do poder, cedendo o passo a oligarquias dissidentes de outras unidades federativas, aliadas a setores populares e de classe média, civil e militar (os ‘tenentes’).

Com a queda do trabalho no campo, a cidade começou então a contar com uma mão de obra barata e relativamente qualificada, o que foi visto com bons olhos, uma vez que a industrialização começava então a ganhar espaço dentro do contexto da cidade. Desta forma há uma aceleração no processo de urbanização da cidade, pois Campinas passa a ter uma população essencialmente urbano-industrial (Baeninger, 1996)

Os acontecimentos que sucedem a subida de Vargas ao poder como a Revolução Constitucionalista de 1932, a criação da ANL (Aliança Nacional Libertadora) mostra a fragilidade do período, uma vez que as mudanças foram drásticas e em pouco tempo. Na

Europa, o movimento Nazista e Fascista colocam Alemanha e Itália no foco mundial e suas repercussões chegam ao Brasil.

No plano internacional Vargas mantinha um jogo duplo, ora pendendo para os Estados Unidos, ora pendendo para a Alemanha. Mas dado o seu posicionamento final contra a Alemanha na 2^a. Guerra Mundial (1939-1945), o Brasil também teve que lutar contra a infiltração nazista.

O primeiro alvo de repressão foram sem dúvida as associações de alemães. Mesmo não compactuando de idéias nazistas, muitas associações pelo país afora tiveram que mudar de nome, abrisseirando-se e abrindo suas portas a outros brasileiros, como prova do seu não comprometimento com qualquer coisa que viesse da Alemanha em termos políticos.

Podemos afirmar que isso fez com que aos poucos tais clubes perdessem sua identidade primitiva, descaracterizando o propósito para que foram criados – preservação do *ethos* do povo alemão. É verdade dizer que, em alguns casos, realmente houve uma tentativa de penetração nazista, mas era injusto afirmar que todos eram simpatizantes de tal movimento.

Ao descrever a situação no Sul do país, Silva (1997, pg.54) aponta que:

A perseguição policial a tudo o que lembrasse a Alemanha resultou em alguns exageros, prisões e apreensões infundadas e também no fechamento de algumas associações. (...) Certas atividades foram suspensas e os associados tiveram suas vidas vasculhadas pois eram alemães de nascimento.

Acreditamos que em Campinas, as buscas e repressões também foram fortes, e colaboraram para que a mudança de nome do Turner Gruppe acontecesse. Tal mudança não foi apenas de fachada, alterando o nome. Mudou também sua identidade cultural tornando-se aos poucos um espaço social não só para alemães, mas preferencialmente para brasileiros. A própria Deutsche Schule passa a se chamar Colégio Rio Branco, confirmando esta necessidade que o período impôs.

Mas voltando para as memórias de Otília Forster, após a conclusão de seus estudos na Escola Normal, Otília trabalhou em Potirendava, interior do Estado de São Paulo e em 1939, convencida por uma amiga de sua família, ingressou na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.

Sua turma foi a segunda que entrou no curso, já que a primeira iniciou em agosto de 1938. Em fevereiro de 1939, Otília Forster começa seu estudo na área em que a consagrou como uma das difusoras da Ginástica e Educação Física pelo interior do Estado.

Uma amiga íntima veio me visitar e nossas mães eram comadres, então durante a conversa ela disse que a filha estava estudando na escola de Educação Física e mamãe logo disse: ‘ seria tão bom se a Otília pudesse fazer, ela é a ultima da casa, seria muito bom’. Então mamãe acertou tudo e eu fiquei contente com aquela coisa nova. Entrei em 39 na segunda turma. Nossas aulas eram na Água Branca, onde a escola estava instalada.

A Universidade de São Paulo (USP) foi fundada em 1938 e a Escola de Educação Física iniciou suas atividades em 1938. Apesar de não ter sido a primeira faculdade no Estado de São Paulo, formou os principais professores das modalidades esportivas que foram atuar nos anos seguintes por todo o interior do Estado, difundindo e colaborando para a expansão de diversas práticas corporais, entre elas a Ginástica.

A princípio o exército foi um grande difusor do conhecimento nesta área, lembrando que as primeiras Escolas de Educação Física foram criadas sob a responsabilidade do exército. Como exemplo podemos citar a Escola de Educação Física criada pela Força Pública de São Paulo em 1910 e o Centro Militar de Educação Física (atual Escola de Educação Física do Exército - Rio de Janeiro) em 1933.

Goellner (1992, pg.144) aponta que a criação deste último foi “um agente formador do pensamento pedagógico da época, garantindo também o delineamento do corpo docente da Escola Nacional de Educação Física, criada em 1939”. Sua presença foi praticamente hegemônica até 1944, quando outros métodos como a Calistenia passam a ser estudados.

Nestes estabelecimentos o Método Francês de Ginástica era repassado para civis e militares a fim de que estes pudessem ensinar nas escolas e dentro do próprio exército os princípios desta metodologia. Podemos dizer que esta sistematização dos exercícios tornou-se praticamente hegemônica em todo o país, sendo que mesmo dentro de estabelecimentos não militares como a USP, este foi o método adotado. Otília Forster, ao lembrar do seu professor de Ginástica diz:

O meu professor de Ginástica, que era formidável, era também professor na Academia Militar de Águas Brancas. Eles recrutaram um monte de professores, elementos bons e mandaram estudar no Exército onde cada um pegou uma modalidade que se dava melhor. E, olha, eles procuravam sempre ensinar para a gente o Método Francês que eles aprenderam por lá. E este foi o (método) adotado para o nosso tempo.

É na USP também que em 1940 vamos nos encontrar com mais uma voz que virá contribuir para a narrativa. **Pedro Stucchi Sobrinho**, figura importantíssima para a pesquisa, dado o seu trabalho com a Ginástica em Campinas, que após cursar um ano de Engenharia na Politécnica muda para o curso de Educação Física. As razões desta mudança são explicadas quando este lembra que:

Eu jogava para a Politécnica basquete, vôlei, atletismo, natação e eu morava em uma pensão com três moços que eram da Educação Física e eles sempre me diziam: ‘Mas Stucchi, porque você está fazendo Engenharia? Você tem que fazer Educação Física!’ E eu dizia assim: ‘olha, eu gostaria mas tenho que falar com meu pai’. Então em 1940 mudei de curso e fui fazer Educação Física para ser professor.

Pedro Stucchi parece ter sido um aluno muito ativo dentro da Faculdade, fazendo parte de diversas equipes e se envolvendo em outras atividades. Ao falar do seu tempo como estudante, suas memórias passam obrigatoriamente por esta fase:

A Escola de Educação Física foi muito boa. Eu pertencia às equipes principais, representava o nome da USP. A Escola vivia sendo convidada para excursionar pelo interior, fazendo demonstrações de ginástica, de esgrima, de boxe...Uma porção de coisas que nós fazíamos.

Em suas memórias Otília não cita seu envolvimento com a faculdade em termos de apresentações ou de representatividade em equipes de esporte. Por ter sido professora primária, acreditamos que seu foco de interesse acabou sendo direcionado para esta mesma faixa etária sendo ela posteriormente a responsável na região de Campinas pela implantação das aulas de Educação Física no ensino primário. Por outro lado, ela foi uma professora que incentivou bastante as apresentações de Ginástica dos seus alunos como veremos mais à frente.

Poderíamos pensar que as equipes de demonstração se destinavam apenas aos homens, mas nos deparamos com uma fotografia que mostra as alunas da Escola de Educação Física fazendo uma apresentação no aniversário do Clube de Regatas Tietê.

Podemos observar que utilizaram na apresentação pequenos arcos que estão posicionados no chão, mostrando o trabalho com materiais difundido pela Ginástica Feminina Moderna. Vemos também que fazem elementos acrobáticos como se fosse uma pose final da apresentação na qual, sustentadas pela base, algumas moças fazem um exercício de equilíbrio.

Não podemos deixar de notar também a exposição do corpo, pois é interessante vermos um grupo de moças usando roupas bem curtas, deixando que seu corpo aparecesse. Esta foto é também especial, pois não coloca a mulher fazendo apenas exercícios de balanceamento que demonstrasse a graça e a beleza feminina. Ao fazer esta pose é necessário força das que estão servindo de base e porque não dizer, coragem, das que estão em equilíbrio na segunda altura. Vale lembrar que força e coragem, em uma época não muito longe dos anos quarenta, eram atributos exclusivamente masculinos...

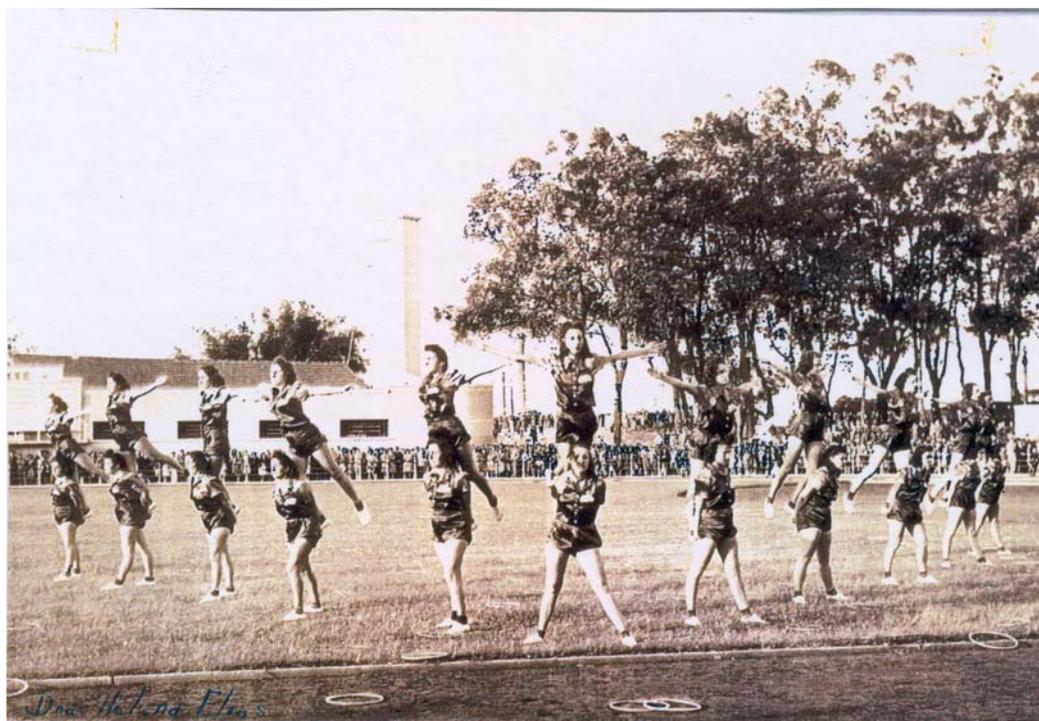


Figura 13 – Moças da ESEF da USP se apresentando no Clube de Regatas Tiete

Estar na Escola de Educação Física neste período é também ter contato com o que havia de novo. Por estar localizada em São Paulo centro emergente da indústria e do progresso na Era Vargas, era lá que as novidades chegavam primeiro para depois serem irradiadas para o interior do estado e muitas vezes para o resto do Brasil. Em termos de

novos aparatos de Ginástica, Pedro Stucchi nos conta sobre seu contato com a Roda Alemã:

Existia um clube de Ginástica Alemão na Rua Augusta e nós fomos varias vezes fazer apresentação por lá, mas foi num curso em Santos no Clube Atlético Santista que um alemão foi ensinar para a gente a 'Roda Gigante'. Tinha que ter muita força, pois era apoiada nas mãos e nas pernas. Precisa muita força no braço, mas é só questão de acostumar, porque depois que você faz o balanceio, não precisa fazer força nenhuma.

Podemos visualizar Pedro Stucchi no canto direito da primeira fotografia abaixado segurando a roda e depois sozinho na foto que segue. Esta foto, segundo o próprio informante foi tirada na USP por volta de 1943. Não conseguimos saber o que aconteceu com esta Roda depois, mas é interessante vermos que as novidades não tardavam a chegar aqui, uma vez que a Roda Alemã (*Rhonrad*) foi criada na Alemanha no final da década de vinte como mais um aparato extremamente criativo e que até hoje existe naquele país. Em sua fala ainda sobre os clubes alemães, este aponta que:

O nosso curso era dividido em dois lugares: a parte teórica na Água Branca e a parte prática no Germânia. Você sabia que este clube teve que mudar de nome por causa dos Alemães? Era época do Hitler e do Mussolini, então no Brasil não podia ter muitos nomes alemães aparecendo, então mudaram para Clube Pinheiros.



Figura 14 – Alunos da USP experimentando a *Rhonrad*

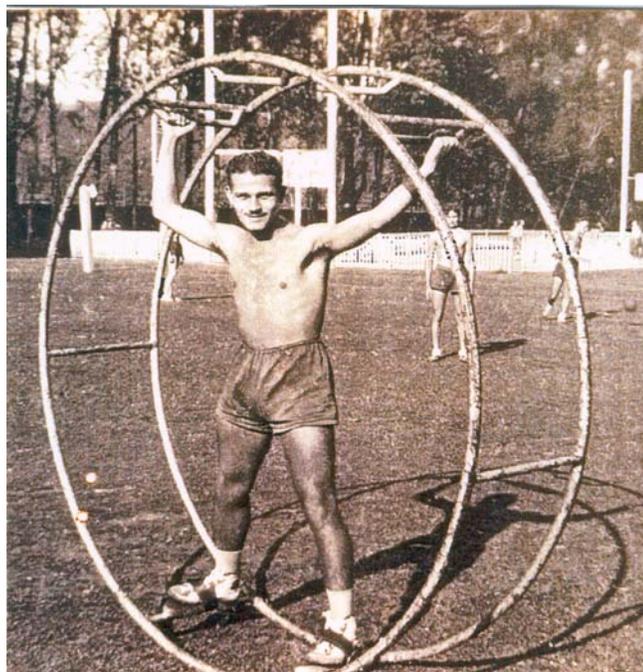


Figura 15 – Pedro Stucchi experimentando a *Rhonrad*

Parece-nos que as apresentações de Ginástica eram relativamente constantes. Interessante é vermos que a Ginástica que era apresentada era a de grande área na qual muitas pessoas participavam, geralmente executando movimentos fáceis, coordenados e que em conjunto formavam algum tipo de figura ou alguma palavra de ordem ou exaltação ao Brasil ou ao Estado de São Paulo.

Para este tipo de apresentação, a presença dos guias era fundamental:

Eu ainda era aluno e o professor Antônio Boaventura da Silva (professor de Ginástica) me escolheu como um dos guias da demonstração coletiva de Ginástica. Eu era um dos guias. Nós éramos em quatro. Era um na frente, outro atrás, um na lateral e outro na outra lateral, de modo que cada rotação que fazíamos o aluno sempre seguia o ritmo do guia e, além disso, apitava as ordens.



Figura 16 – Guia, professor e pianista do II Campeonato Colegial

Professor Boaventura e o Pianista ao centro e os quatro guias da demonstração. Pedro Stucchi é o último do canto direito. Sem dúvida a experiência como guia nestas apresentações vai influenciar em muito a sua forma de trabalhar no futuro. E vai também imprimir em suas memórias um carinho especial ao lembrar da Inauguração do Pacaembu:

Em 1940 ou 1941, não me lembro bem, desfilei pela escola na inauguração do Pacaembu. Olha, eu conhecia campos de futebol, mas quando eu... quando nós entramos na pista, que vimos aquele mundo de gente, colorido e maravilhoso...



Figura 17 – Alunos da USP posicionados para desfile no Estádio do Pacaembú

Ao olhar para esta foto não podemos deixar de ressaltar a influência médico-higienista dentro do Método Francês e por conseqüência disso, na vida privada dos cidadãos. Estes alunos não representam apenas a USP, mas sim um ideal de jovem brasileiro branco, forte, asseado e higiênico. Não é por acaso que todos usam branco e aparecem extremamente em ordem, em fileiras simetricamente organizadas prontos para entrarem no estádio. Interessante é notarmos que na realidade neste período o Brasil tem uma população basicamente mestiça, negra que compõe um cenário não tão claro como é o proposto.

Vale observarmos também que os que estão na linha de frente possuem o biotipo idealizado e até onde podemos observar através da foto, todos são claros, fortes e com bom físico. Talvez se existisse algum negro, o que é possível, ele estaria no final da fila, escondido. Num lugar onde os olhos oficiais imortalizados pela foto não se interessaram em registrar.

De acordo com esta concepção médica, Goellner (1992, pg. 145) diz que: “As atividades físicas passaram a ser regradas, mensuradas, observadas minuciosamente,

gerando um controle bio-médico que, como pano de fundo, apresentava também uma intencionalidade afim com os propósitos desejados”.

Apresentações eram também constantes, principalmente em eventos públicos ou comemorações cívicas, uma vez que estes dias conseguiam juntar um número grande de pessoas, tanto fazendo a Ginástica como assistindo, gerando uma certa comoção, um enaltecimento do Estado de São Paulo. Neste caso, transmitindo a idéia subliminar de que todos os cidadãos faziam parte do grande projeto de construção do Brasil moderno. É interessante vermos também que as figuras neste caso são muito fortes e mostram a mobilização de um grande número de estudantes, carregando, muitas vezes sem se dar conta, um conjunto de símbolos e palavras de ordem que vistas com os olhos de hoje são extremamente sérias.

Ao falar da educação no município de Campinas, mais precisamente da difusão da escola primária, Souza (1999, pg.130) revela que dentro da grade curricular das escolas neste período era possível ver a presença da Ginástica e seus peculiares desdobramentos:

Algumas matérias como Ginástica, Educação Moral, Educação Cívica e exercícios militares tiveram desdobramentos peculiares. A Ginástica e os exercícios militares foram introduzidos (...) tendo em vista sua influência moralizadora e higiênica. Além da preocupação com a educação física, havia uma forte conotação nacionalista voltada para o desenvolvimento do patriotismo. A formação dos batalhões escolares foi uma prática decorrente do ensino desta matéria. Estas corporações infanto-militares foram formadas no 1º. e 2º. Grupos Escolares de Campinas e tiveram presença marcante nas comemorações cívicas realizadas na cidade.

Desta forma vemos que não só nas Universidades, mas nas escolas também, era possível encontrar este mesmo tipo de manifestação. A formação de Batalhões Escolares nos remete também aos primórdios da formação da Ginástica na França, uma vez que podemos encontrar nos estudos de Amóros a formação dos “Bataillon Scolaire”. (Soares, 1998).

Apesar de serem próximas as duas fotos a seguir, são de anos diferentes, provavelmente a primeira dos anos quarenta e a outra já nos anos cinquenta, mas ambas trazem a força das palavras e das imagens que citamos no parágrafo acima: Um mapa do Estado de São Paulo ocupando todo o centro do gramado, emoldurado pela frase – Plano

de Ação, composto por mais de mil pessoas, é a nosso ver, uma forma de propaganda e de veiculação de idéias do poder.

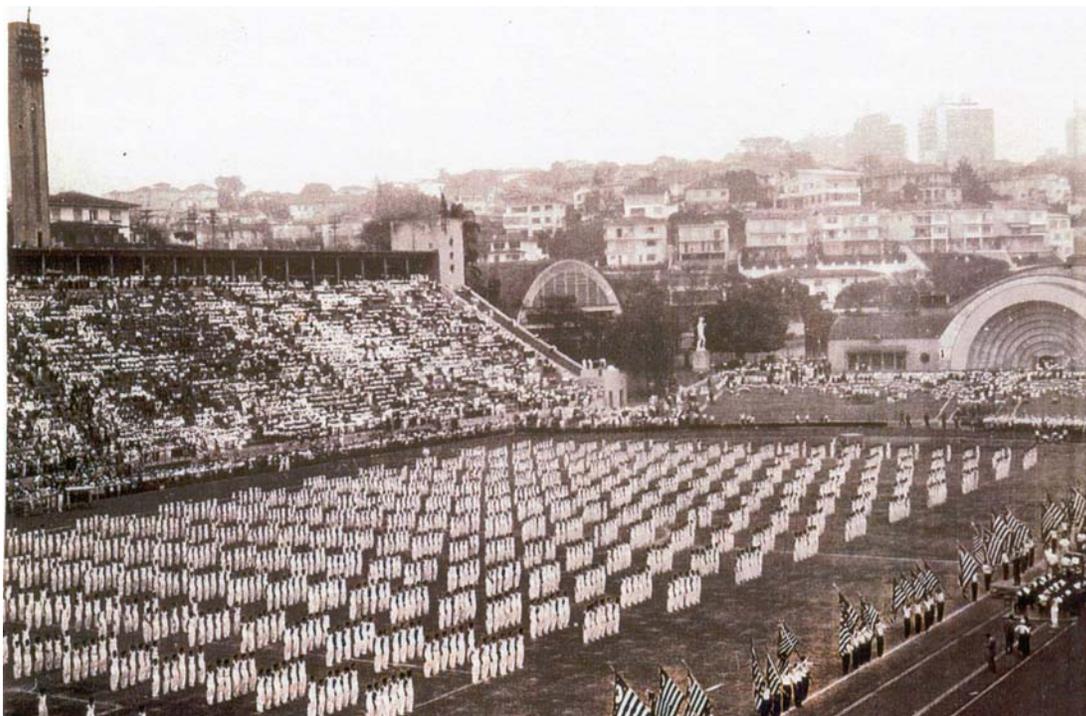


Figura 18 – Apresentação no Estádio do Pacaembú anos quarenta



Figura 19 – Apresentação no mesmo estádio nos anos cinquenta

Mas como tudo é filho do seu tempo, não é nosso objetivo julgar o que foi feito ou a forma como aconteceu. Acreditamos que nosso papel aqui é o de contar a história por diferentes óticas e com olhos de futuro refletir sobre o que passou para que possamos caminhar em solo firme, entendendo os motivos que nos levam a vivenciar certas situações no presente.

Ainda sobre a formação do Professor Pedro Stucchi Sobrinho, a Ginástica Calistênica teve um peso grande em sua vida. Convidado a dar aulas na Associação Cristã de Moços (ACM) assim que se formou em 1942, este teve contato então com outras formas de encarar a Ginástica, trabalhando nesta instituição até 1944. Se na faculdade o Método Francês dava a régua e o compasso, fora dela outras formas de exercitar já existiam:

Depois que eu me formei em Educação Física em 1942, no ano seguinte me convidaram para dar aula na ACM (Associação Cristã de Moços) e foi para mim uma escola excelente. Você conhece a Calistenia? Aquela corrida depois marcha como quiser, depois pára, faz só flexionamento carregando sempre mais uma abdominal.

Segundo Marinho (s.d.) a Calistenia que era muito comum nos Estados Unidos, chega aqui pelas ACM's e aos poucos vai ganhando espaço dentro das escolas de formação de profissionais. Podendo ser praticada por homens e mulheres, ela vai colaborar para que o exercício físico chegue ao cidadão, fazendo o papel de academias de Ginástica pois era possível fazer aulas de condicionamento para ambos os sexos. Havia um lugar específico para a prática, materiais como bastão, medicine ball, espaldares e com aulas dirigidas para determinado público. Vale lembrar que as ACM's tem um papel importante também na divulgação dos esportes, entre eles o voleibol.

Comentando esta foto, Pedro Stucchi nos diz:

Esta é uma turma de Ginástica da ACM, senhores, você vê pela idade que são todos senhores. A maioria era proprietária de loja da rua 25 de março de São Paulo. E aqui era o Ginásio da ACM da Rua Santo Antônio, o espaldar, aqui era o lugarzinho do juiz. Essa parte aqui (perto dos espaldares), ela descia para começar a Ginástica e o professor ficava em cima dela.



Figura 20 – Aula na ACM de São Paulo.

Deslocamos nosso olhar, momentaneamente, para São Paulo a fim de complementarmos o panorama da pesquisa, uma vez que os dois entrevistados tiveram experiências na mesma instituição de ensino e voltam nos anos quarenta para Campinas com o objetivo de trabalhar nas escolas, propagando e difundindo o conhecimento que haviam adquirido na capital. Sem dúvida, o período em São Paulo influenciou fortemente a vida profissional de ambos e trouxe reflexos concretos para o desenrolar da Ginástica em Campinas.

Um fato curioso que aconteceu em Campinas em 1939 foi a comemoração do bicentenário da cidade. Segundo Martins (2000), no dia 3 de setembro foi inaugurado no Hipódromo Campineiro uma exposição comemorativa que contou com o apoio de toda população, prefeitura e principalmente dos empresários que já projetavam para Campinas um futuro de glória e avanços tecnológicos. Foi uma enorme festa cívica envolvendo escolas, entidades e toda a classe política de Campinas. No entanto tal festa se mostrou um grande erro histórico pois foi confirmada posteriormente que a data de fundação de Campinas foi 1774, o que fez com que a festa “verdadeira” do bicentenário fosse em 1974.



Figura 21 – Alunos do Colégio Culto à Ciência em apresentação

A foto anterior registra um desses momentos em que as escolas fizeram apresentações, e neste caso é o grupo do Colégio Culto à Ciência. Imediatamente ao olhar para esta foto me lembrei de umas das primeiras imagens desta dissertação que mostra um grupo de alemães no Turner Gruppe fazendo pirâmide. Ao olharmos para esta foto é possível enxergarmos muitas semelhanças com aquela primeira: primeiro o fato de estarem fazendo pirâmides, o mesmo tipo de movimento; segundo a utilização dos materiais de suporte – escadas, banco para criar figuras diferenciadas; a postura semelhante, só que neste caso com uma nova leitura – a exaltação da pátria brasileira.

É sabido da influência alemã dentro do Colégio Culto à Ciência e por esse motivo é interessante vermos esta releitura em outros tempos. Alberto Krum é o professor de Educação Física neste período e como este era freqüentador do Turner Gruppe, acreditamos que a idéia de fazer pirâmide venha desta ligação. Mesmo estando sobre a vigência do Método Francês, é interessante vermos que muitas vezes a experiência pessoal valia mais do que o que era imposto pelo poder.

Não posso deixar de pensar também em como as práticas vão sendo assimiladas e tendo outras leituras, outras roupagens. São englobadas pelo discurso vigente e passam de

não oficial para oficial, de proibida para aceita e largamente difundida. A origem do método Francês é contra as acrobacias, mas vemos que estas passam a ser difundidas e incentivadas na medida em que se constituem em um instrumento extremamente eficaz em apresentações públicas.

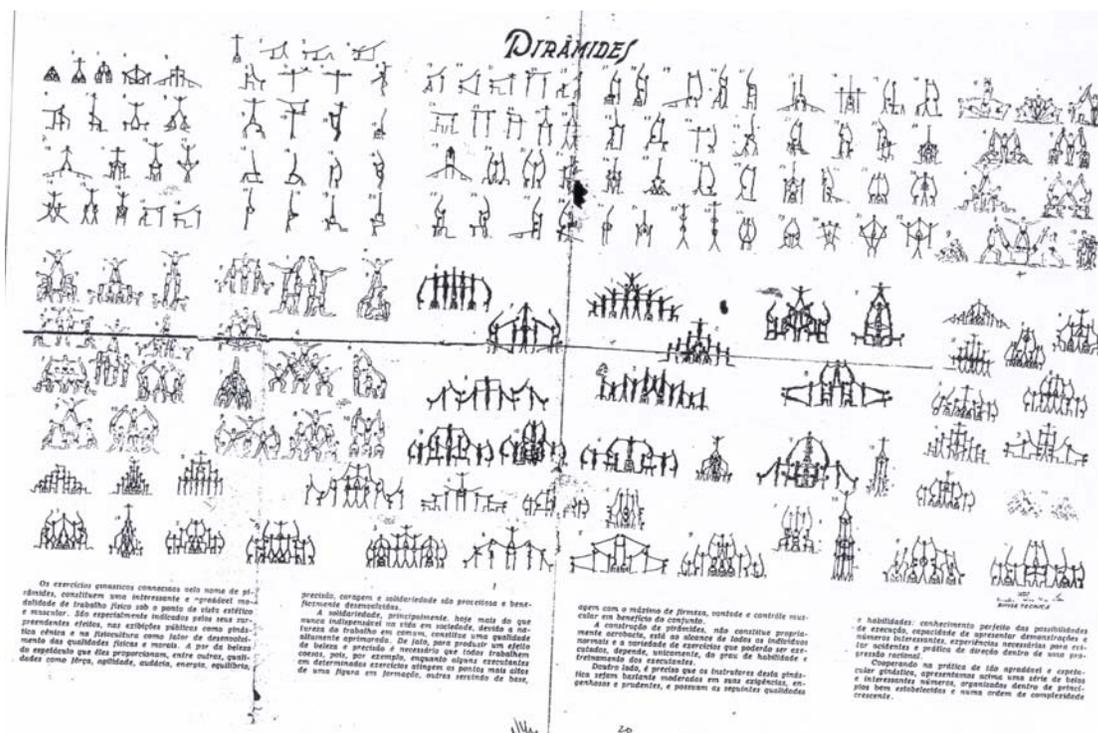


Figura 22 - Diferentes possibilidades para a pirâmide segundo um livro da época.

Otília Forster, após a conclusão do curso de Educação Física volta para Campinas em 1941 para trabalhar com a Educação Física nas escolas primárias. A cidade já estava no início do seu processo de transformação urbana com o Plano Prestes Maia que visava a melhoria da circulação no centro da cidade com a criação de avenidas, alargamento de outras e preservação do centro histórico, ganhando outros traçados para melhor adaptar-se à nova fase industrial (Carpintero, 1996). Tais alterações eram típicas de uma sociedade que emergia em pleno Governo Vargas e que compartilhava da mesma idéia de expansão industrial. Campinas teria que ser cada vez mais dinâmica, ágil e eficiente.

É uma cidade também que muda não só sua fachada, mas principalmente suas estruturas internas. Apesar da beleza aparente, Campinas já contava com inúmeros problemas habitacionais com pessoas morando em cortiços e vivendo em condições que

contrastavam com a imagem moderna da cidade industrial. Na verdade, como consequência desta nova estrutura é que houve o desenvolvimento de cortiços, já que muitas famílias começam a migrar para a cidade em busca de emprego. Infelizmente a cidade não estava preparada ainda para receber tantos novos moradores.

No cenário mundial, o Brasil declara seu apoio aos Estados Unidos colocando-se contra Alemanha e Itália e trazendo com isso problemas reais para os imigrantes que moravam na cidade. A atuação do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) foi grande na cidade, principalmente nas companhias ferroviárias que agregavam muitos italianos e nas associações teutas como já discutimos anteriormente.

Isto refletia, portanto, uma situação que ocorria em todo território nacional uma vez que os símbolos da Itália, Alemanha e Japão foram proibidos no Brasil. Alguns exemplos clássicos de mudança de nomes em outras sociedades é o caso do Palestra Itália em São Paulo que muda para Sociedade Esportiva Palmeiras e o Palestra de Belo Horizonte, atual Cruzeiro (Martins, 2000)



Figura 23 – Incêndio no Cine República e Figura 24 (abaixo) Teatro Municipal.



A inserção de Otília dentro das escolas aconteceu por via de indicação política, uma vez que segundo a própria “foram abertas oito vagas para professores primários: quatro no interior e quatro na capital”.

Após uma reunião com o delegado de ensino de Campinas, esta explicou seus objetivos e a necessidade de “dar alegria às crianças, ensinar uma coisa boa que eles possam fazer também em outros lugares”. Todos os diretores dos grupos escolares aprovaram, mas segundo ela, estavam preocupados com a questão do uniforme: “Então eu disse, o uniforme vai ser isso – a blusinha branca que eles já tem e o calçãozinho para as meninas”.

Seu papel neste período foi o de criar “aulas-modelo” para que as professoras primárias pudessem aprender a ensinar atividades físicas para os alunos:

Então eu dava aula para as crianças, elas (professoras) assistiam e eu dava um plano de aula. Depois eu explicava tudo direitinho como é que tinha que fazer. Eu dava o plano de aula, mas elas podiam criar em cima daquela idéia – Essas eram as aulas-modelo.

Mas Otília se interessava também pela Ginástica de demonstração, que julgava importante para a divulgação da mesma:

Nós formávamos também com aquelas meninas que mais se destacavam a equipe de demonstração. Estas ficavam depois da aula para ensaiar. Neste tempo eu só pensava na demonstração, já que isso era uma forma de incentivar o povo. A criançada ia toda para a cidade e por conseqüência as mães que queriam assistir, então isso tudo ia juntando um público bom. Eu me lembro que em 1941 ou 1942 eu levei acho que foram 250 crianças daqui para São Paulo fazendo uma demonstração de Ginástica, as meninas e os meninos pirâmides, que seu Vicente Ferreira do Grupo Orozimbo Maia me ajudou.

Seu trabalho sempre foi voltado para a Educação Infantil e é nesta faixa etária que vamos encontrar também suas contribuições e inovações no campo da Educação Física e da Ginástica. Ao contar-nos sobre seu trabalho nas escolas de pré-primário, esta se recorda de uma situação muito especial:

Eu dava aula numa escola próxima a Costa Aguiar e lá tinha o primário. Então a diretora veio falar comigo que ela queria uma apresentação no dia 15 de novembro e eu achei uma boa idéia para fazer com os pequeninos. Preparei então uma demonstração historiada com o Chapeuzinho Vermelho. Eu ia contando a história e eles iam fazendo os movimentos da Ginástica, todos com

o uniformezinho da Ginástica. As meninas maiores também foram, fizeram uma apresentação primeiro e depois vieram eles... foi ali no Cambuí no jardim (onde hoje é o Centro de Convivência)

Trabalhando em oito grupos escolares, escolas pré-primárias, Otília ainda era chamada para dar aulas nos colégios particulares como o Colégio Ave Maria e ainda era chamada para dar as diretrizes da Educação Física para a região de Campinas em cidades como Espírito Santo do Pinhal, São João da Boa Vista, Artur Nogueira, Mogi Mirim e Amparo, entre outras cidades. Dada a demanda de professores formados na área para trabalhar nas diversas escolas de Campinas, Otília acaba encontrando aqui um espaço privilegiado também para o desenvolvimento de sua vida profissional. Interessante é notar que o Método Francês acompanhava sempre suas aulas, mas havia uma certa flexibilidade:

Eu usava sempre o Método Francês, mas claro que mudei muita coisa porque a prática faz a gente adaptar às crianças, não é? Mas a seqüência era assim: braço, perna, tronco, corpo inteiro, depois as mãos, pés. Usava também outros materiais como corda e o que eu pedisse os diretores arrumavam. Mas eram aulas muito curtas, só vinte minutos. E não tinha nada de fazer acrobacias na minha aula, era outra Ginástica.

Otília também foi convidada a trabalhar no Instituto Cesário Motta. Mas foi durante sua fala que conseguimos pistas para mostrar a Ginástica sob uma outra ótica: “Quando fui convidada para dar aulas no Cesário Motta, antes só tinha um professor que era o Sérgio Trajado e ele dava aula para as meninas e para os meninos”. Após esta fala conseguimos reconstruir também um pouco desta outra história através das imagens que seguem:



Figura 25 – Fachada da Praça de Esportes do Instituto Cesário Motta.

Achamos extremamente importante incluir tais imagens pois apesar deste professor não fazer parte do nosso círculo de entrevistados, Sérgio Trajado parece ter feito um trabalho interessante com as meninas que estudavam nesta instituição. As fotos que observamos não são contemporâneas dos anos 40, na verdade são dos anos 30, mas resolvemos respeitar nesse caso os “vai e vens” da memória de Otília e incluí-las nesta parte da pesquisa.

Tais fotos apresentam uma riqueza a ser explorada, pois nos mostram diferentes situações em que as meninas estão fazendo exercícios. A seqüência de fotos foi tirada na praça de esportes do Instituto Cesário Motta e nos chamam atenção os aparelhos existentes neste local. Uma das primeiras fotos mostra as alunas fazendo uma pose diante de uma barra paralela que é tipicamente um aparelho masculino, mas mais interessante é constatar que as três meninas que estão usando o aparelho o fazem com poses e executando elementos com uma certa dificuldade como é o caso da menina no centro da foto.

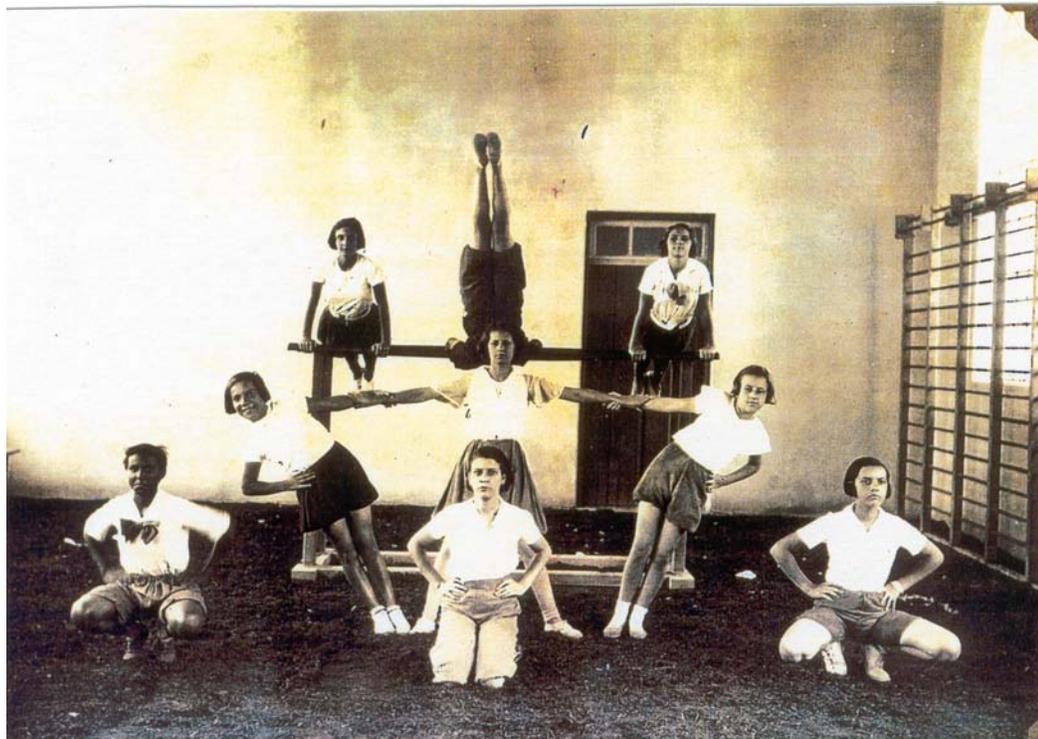


Figura 26 – Atividade de Ginástica no Instituto Cesário Motta

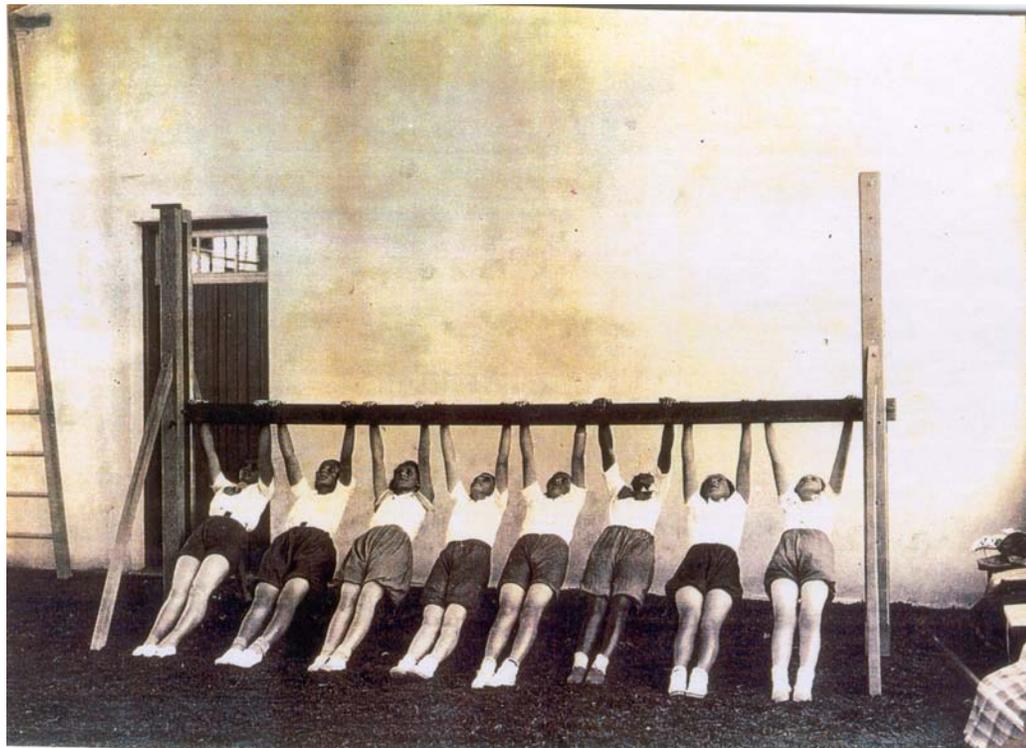


Figura 27 – Atividade de Ginástica no Instituto Cesário Motta



Figura 28 – Atividades de Ginástica no Instituto Cesário Motta

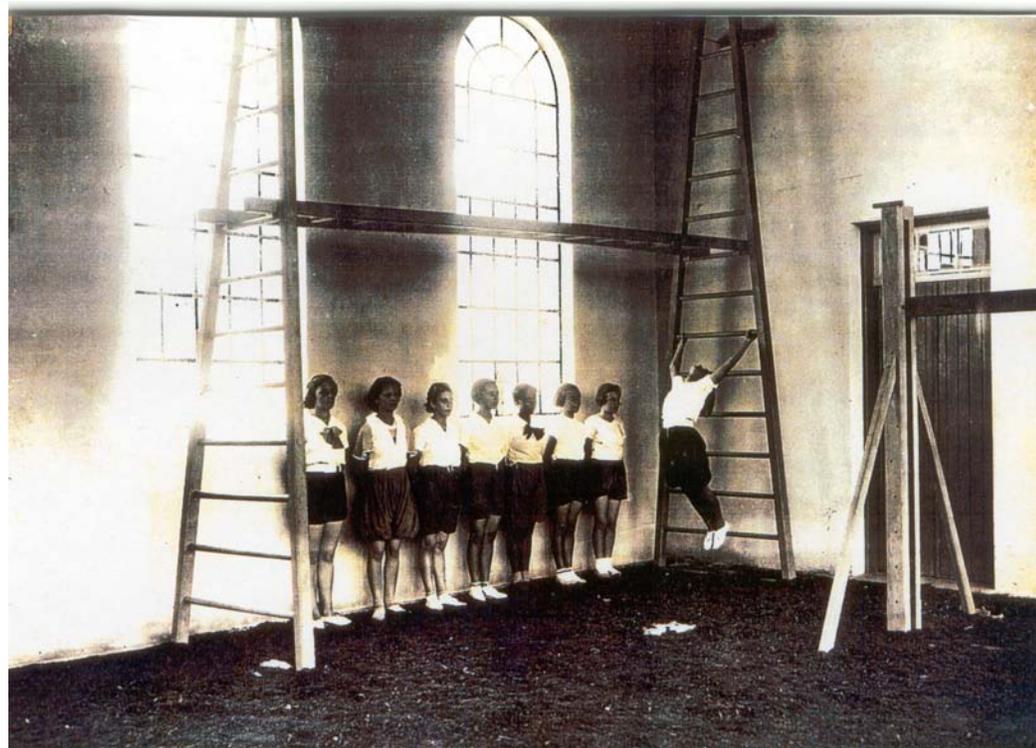


Figura 29 – Atividades de Ginástica no Instituto Cesário Motta.

Outro dado importante é que vemos pela primeira vez uma menina negra presente nas fotos oficiais, participando das atividades com outras. Parece-nos que esta é uma

estudante da classe já que participa das demais fotos também e é de certa forma um dado que nos conta um pouco também da história da comunidade negra na cidade, mesmo que distorcido, pois esta é apenas uma menina, que poderia ter sido utilizada apenas como efeito demonstrativo de uma suposta integração que muitas vezes não acontecia na prática.

Acreditamos que por terem tido um professor homem, que ensinou, tanto para meninos como meninas, uma forma de exercitar-se que talvez não fosse tão “suave e graciosa”, mas um pouco mais atlética o que se pode comprovar até pelo corpo das meninas. A riqueza de aparelhos presente no Instituto Cesário Motta também chama a atenção e imaginamos que de certa forma deveria ser muito proveitoso para as meninas terem tido contato com esta variedade e possibilidade.

Voltando a falar dos grupos de apresentação organizados por Otília parece-nos interessante a forma como eles eram estruturados e organizados. Neste momento, Otília denota um carinho especial:

Esta turma que se removia para as demonstrações, muitas vezes eu não tinha o direito de pegar, fazer um ensaio geral, então muitas vezes era complicado, mas no final era sempre prazeroso. Eu tinha umas amigas que me acompanhavam em tudo, uma que tocava muito bem piano e as demonstrações eram todas com piano ao vivo! Então, para acertar, eu fazia reuniões com as professoras, porque elas me ajudavam bastante e eu dizia: ‘Vamos fazer isso, o que vocês acham deste movimento?’. A gente ensinava primeiro os movimentos e depois perguntávamos sobre a música se elas achavam que aquela música era a correta. Desta forma elas ficavam mais entusiasmadas para poder trabalhar.

Dado este contexto, acreditamos que a Ginástica em Campinas durante este período encontrava-se decadente dentro das associações alemãs, porque estes já não podiam mais se reunir, mas aparece na escola de uma forma bastante viva, consistindo basicamente de apresentações escolares, onde era possível ver concretamente a sua existência. Interessante é notar que ela aparece dentro do contexto escolar nas aulas de Educação Física.

A presença de instalações que possibilitavam sua prática também ajudava na sua divulgação, mas é um erro afirmar que toda a população campineira tinha acesso a Ginástica e que esta era algo comum no dia-a-dia da cidade. Sua presença era percebida

em dias de festa, principalmente comemorações cívicas, e de resto ficava inserida na vida escolar.

Claro que o olhar do fotógrafo está a todo o momento sendo dirigido para aquilo que é bonito mostrar, o que convém ou direcionado por quem pagou pelas fotos e que vai mostrar um lado desta realidade. Por isso acreditamos que apesar das fotos mostrarem uma certa seqüência onde vemos a presença da Ginástica, na realidade sua prática ainda era muito restrita. No entanto é a partir deste ponto que a Ginástica vai começar a ser incorporada à vida da cidade.

No ano de 1943 o professor Pedro Stucchi Sobrinho prestou concurso para se tornar professor e ter estabilidade no local onde escolhesse ficar. Segundo suas próprias palavras:

Não podia mais político estar removendo professor para lá e para cá. Quem organizou este concurso foi o Dr. Ademar de Barros, governador do Estado de São Paulo na época, mas nós só fomos chamados em 1945. Esta foi a primeira vez que houve concurso aqui no Estado de São Paulo. Porque o Brasil começa sempre por São Paulo, não é?

Mas neste concurso, Pedro Stucchi ainda não vem para Campinas. Por motivos pessoais, decide se dirigir para a região de Capivari e é lá que começa sua carreira dentro do ambiente escolar. Como havia sido muito ativo na sua época de faculdade, essa experiência se refletiu também na sua postura como professor e as apresentações de Ginástica passaram a ser uma constante dentro da sua vida profissional:

Eu preparei uma demonstração de Ginástica com todos os alunos no aniversário da cidade. Nunca tinha havido isso em Capivari! O colégio inteiro desfilou e depois nós fomos lá para o campo de futebol fazer a demonstração, mas dentro da própria congregação da escola, havia pessoas que não gostavam de Ginástica, porque ocupava muito tempo no horário dos alunos. Eles respeitavam o professor, mas diziam que a Ginástica distraía muito os alunos. Então, estávamos lá indo para o campo de futebol, com tudo ensaiado, eles negaram o som! Imagina uma Ginástica sem som com 800 meninos? Só deram um piano e os que estavam no fundo não conseguiam escutar nada. Bom, ao final da apresentação eu falei que aquela tinha sido a primeira e a última apresentação pois meus colegas professores só entendiam da matéria deles e não queriam saber de mais nada.

Sobre a sua iniciação no universo do ensino da Ginástica, é importante ressaltarmos os seus esforços para que, na escola existissem materiais próprios para a prática. A improvisação de materiais foi necessária, principalmente no começo da sua vida como professor. Os campeonatos colegiais foram sem dúvida um grande impulsionador da Ginástica Olímpica na região:

No campeonato colegial, lá em Capivari, eu fiz também algumas demonstrações de Ginástica coletiva, fazia constantemente Ginástica de salto com o plinto. Plinto, em Capivari, o pessoal nem sabia o que era isso. Naquele tempo, a cerveja vinha em caixa com 48 garrafas. Como minha família tinha armazém, nós tínhamos muitas dessas caixas. Eu, então, peguei a base, depois a segunda gaveta, a terceira e a quarta. A quarta eu acolchoei e aí estava pronto. E o trampolim? Eu conhecia o Reuter, não é? Mas eu não tinha dinheiro para comprar. Então, eu fiz uma adaptação: peguei uma tábua de madeira larga mais ou menos nessa largura (mostrando com as mãos). Então eu coloquei essa perto do plinto e arranjei uma tábua flexível que encontrava com a outra. Coloquei as molas e estava pronto meu trampolim!.

Então, após quatro anos de trabalho na região, em 1950 houve a possibilidade de ser feita sua remoção para Campinas por meio de um concurso que possibilitou sua vinda para o Colégio Culto à Ciência. Ainda nesta época era considerado um privilégio poder estudar e mais ainda, lecionar nesta instituição que alcançara prestígio nacional ao longo de sua existência.

Politicamente Campinas respira novos ares no início da década de cinquenta, uma vez que as eleições gerais em 1947 marcam o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas e uma atmosfera supostamente democrática tomou conta do país. O que, diga-se de passagem, é uma contradição pois a década se inicia com a posse do próprio Getúlio Vargas, agora sim como presidente eleito. Mas é também uma década que vai ser extremamente modificada em termos políticos, uma vez que em 1956 temos a eleição de Juscelino Kubitschek e com ele o mote “cinquenta anos em cinco” vai funcionar como um dínamo para a industrialização com a participação das grandes multinacionais e, conseqüentemente, a crescente quantidade de pessoas habitando os centros urbanos.

Campinas se transforma definitivamente nestes dez anos em um centro urbano e sua expansão vai sendo cada vez maior. Apesar de algumas ruas, como a Delfino Cintra,

ainda parecerem como a de uma cidade pequena, percebemos que o centro da cidade vai sendo modificado de forma drástica com demolições, mais alargamento de avenidas, construção de prédios, enfim, um numero grande de mudanças arquitetônicas que denotam transformações principalmente em termos sociais. A criação das primeiras faculdades na cidade – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras iniciada pela diocese de Campinas, mostra o nascimento da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e posteriormente em 1966 a fundação da Universidade de Campinas (Unicamp) começa a definir o papel da região como futuro centro universitário, de pesquisa e tecnologia.



Figura 30 – Rua Delfino Cintra

Então desta forma, em 1951, Pedro Stucchi Sobrinho passa a fazer parte do quadro de professores do Colégio Culto à Ciência tendo permanecido nesta escola por vinte e oito anos, até 1979. Por este motivo, seu olhar irá nos acompanhar por toda a trajetória até o final da pesquisa. Otília Forster também esteve presente até 1974 no cenário educacional, mas consideramos que neste período quem realmente alavanca e projeta a Ginástica em suas diferentes expressões é realmente o professor Pedro Stucchi.

Otília Forster, sem dúvida foi uma colaboradora importantíssima para a expansão da Ginástica no ensino primário e sua contribuição também está nas memórias de Pedro Stucchi:

A Otília foi um baluarte. Ela cuidava mais desta parte primária, e também houve uma época em que o departamento dava a oportunidade a determinadas escolas do interior de irem para Santos passar uma temporada de 10 ou 15 dias, então ela ia com a meninada. Ela não era especialista em basquete, vôlei, nessas modalidades, mas na parte dos menores ela era muito boa.

Para entrar definitivamente na escola, ele teve que passar por uma banca de efetivação que foi constituída por cinco examinadores. Interessante é notar que o presidente da banca era um médico e a banca era constituída por mais dois outros médicos, pelo professor Alberto Krum e pelo diretor da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Nesta banca foi exigido que o professor apresentasse uma aula de acordo com o Método Francês.

Percebemos desta forma a nítida influência médica dentro do ambiente escolar, dando as diretrizes para o ensino nas aulas de Educação Física. Não é de se estranhar, uma vez que ainda nos anos 50 o Método Francês era extremamente popular dentro do contexto educacional brasileiro. Mas segundo Marinho (1943, p.193), outras formas de Ginástica já começavam a despontar, mas sua afirmação mostra o quanto o Método Francês já estava incorporado na vida escolar brasileira:

O Método de Joinville-le-Pont, vigente há 25 anos sob forma oficial foi finalmente assimilado, incorporando-se definitivamente à nossa cultura; a Calistenia dominando a Marinha, as ACM, os colégios de linha americana e já aceita pela Escola de Educação Física do Exército; a Ginástica Acrobática bastante desenvolvida na Aeronáutica, no Exército e nas forças auxiliares; a moderna Ginástica Sueca e a Educação Física Desportiva Generalizada estão ainda circunscritas no âmbito das escolas especializadas; a Ginástica Feminina Moderna, em apenas três anos de existência em nosso país, já representa a base de nossa Educação Física Feminina.

Pedro Stucchi era responsável pela parte masculina da Educação Física, uma vez que as aulas eram separadas por gênero e aos meninos ainda era colocado o papel da força e virilidade, enquanto que para as meninas restava a beleza e graça. Estes eram papéis estabelecidos desde a formação profissional dos professores, uma vez que algumas

disciplinas nas Escolas Superiores de Educação Física destinavam-se a um ou a outro gênero como, por exemplo, a Ginástica Feminina Moderna e o Judô.

As imagens abaixo retratam bem a dualidade presente no espaço escolar, uma vez que para as meninas a imagem que ficou retratada é de uma simples pose e que, diga-se de passagem, pela fisionomia das alunas não parecia ser algo muito motivante. Podemos pensar que talvez, estas meninas já começavam a vislumbrar outras possibilidades para elas mesmas, querendo também fazer algo interessante, descobrindo outras possibilidades corporais. No caso dos meninos, todos possuem corpos fortes e fazem questão de mostrar isso através de suas vestimentas e do tipo de exercício que fazem, mostrando força e controle corporal.

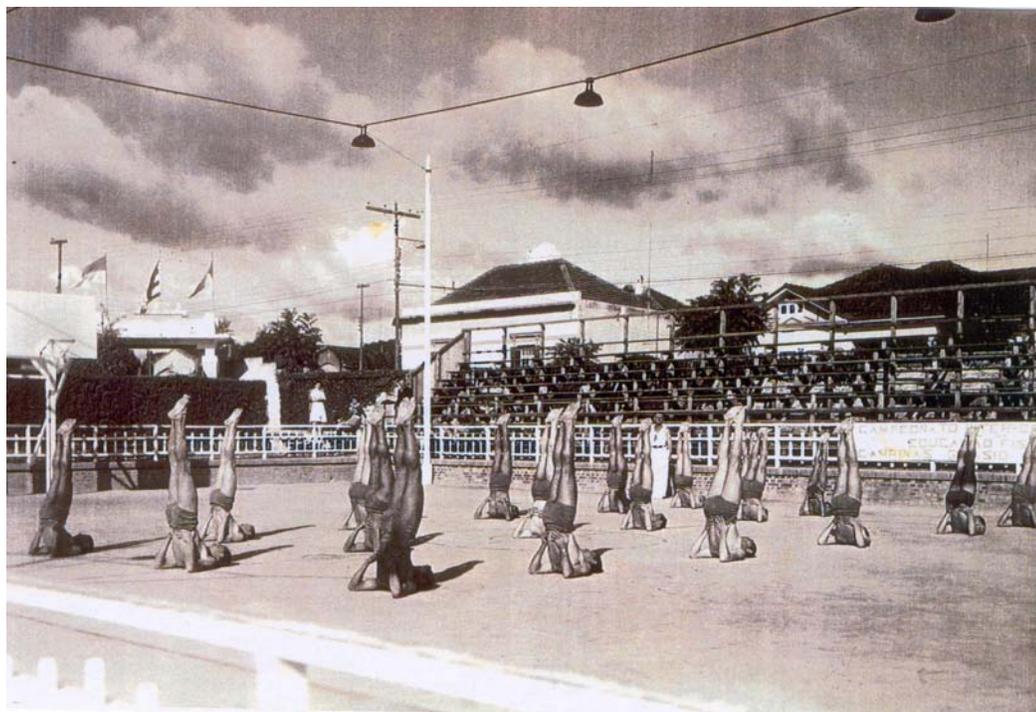


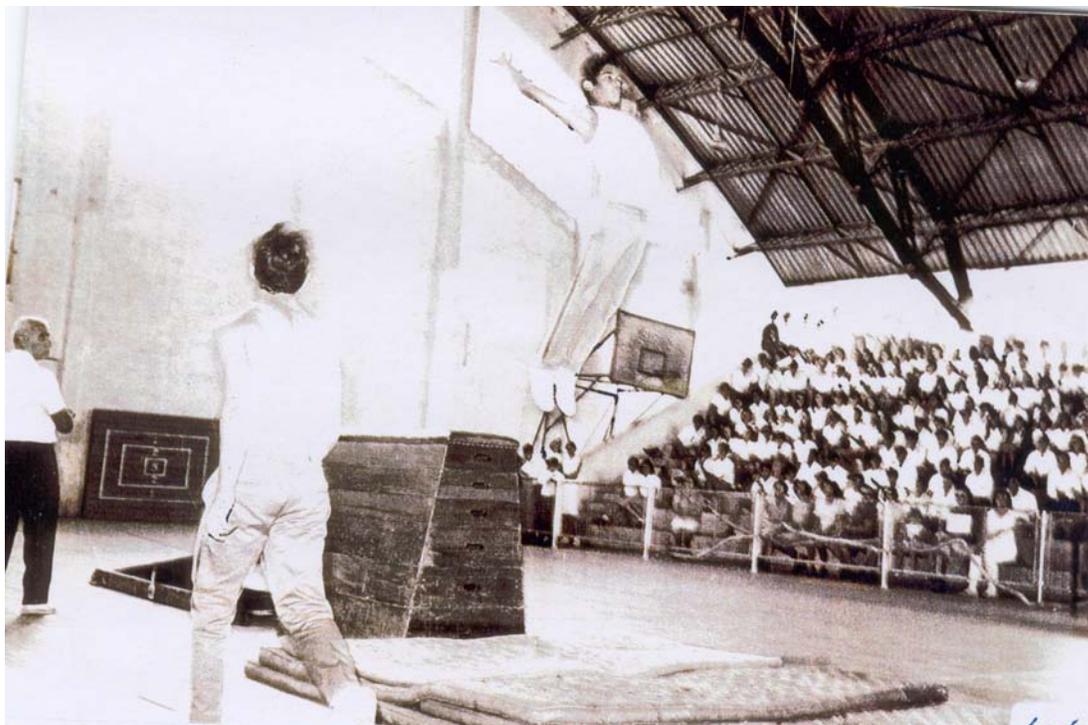
Figura 31 – Apresentação masculina



Figura 32 – Foto com as meninas que participavam da Ginástica

Estas fotos mostram dentro do próprio Colégio Culto à Ciência, como a Ginástica era encarada para homens e mulheres. Para os meninos a Ginástica de aparelhos, com saltos era a mais popular e também aquela que poderia demonstrar melhor suas qualidades masculinas. Já para as meninas, sob o comando da professora Lúcia Righer, a Ginástica Feminina Moderna era a mais indicada. Os dizeres de Marinho (1958, pg.388) ao falar sobre esta Ginástica ilustram perfeitamente a imagem:

Cumprir destacar, sobretudo a feminilidade que se sente em cada movimento, evidenciando que essa é a forma que melhor interpreta a natureza da mulher, traduzindo, por gestos suaves, cheios de encanto, a sensibilidade, a elevação de sentimentos, a doçura da expressão, a alegria do semblante que fazem da companheira do homem o verdadeiro motivo de sua existência.



Figuras 33 e 34 – Apresentação de Ginástica no Culto à Ciência

Ao lembrar de suas aulas, Professor Stucchi deixa transparecer toda a atmosfera que rondava o período, principalmente a semelhança entre a aula e o exército. Em uma parte do depoimento, percebemos o quanto os valores militares estavam mesmo inseridos dentro do contexto escolar. Apesar de oferecer várias possibilidades de praticar outras modalidades esportivas, a aula de Educação Física constituía-se como espaço para o

preparo do físico e as grandes apresentações de Ginástica, serviam como uma espécie de “parada militar”. A idéia de preparar o aluno com um certo conhecimento para que pudesse se sair bem no futuro também estava presente:

Todos os meus alunos faziam a marcha. Tínhamos uma evolução que era excelente! Por exemplo, uma coisa que eu nunca consegui fazer, não porque não tive capacidade, é porque eu não insisti nisso, e que me pesa como uma falha minha e que eu teria prazer em ter feito, era uma demonstração de ordem unida. Usando diversos ritmos porque os meus alunos eram treinados na ordem unida dessa maneira: em marcha, pá (som corporal que significa a ação que os alunos faziam), em frente, pá, em marcha! Direita, volver, todo mundo ao mesmo tempo! Esquerda volver, todo mundo ao mesmo tempo, entendeu? E, meia volta volver, todo mundo ao mesmo tempo também! Era uma verdadeira ordem unida e hoje se despreza e acha que não tem qualidade. Eu acho que tem porquê você saber fazer alguma coisa diferente. Por exemplo, eu dizia para eles: ‘ Se vocês forem para o exército, vocês não vão ser chamados de perna de pau nem de matraca porque vocês vão ensinar aos seus amigos a fazer ordem unida, porque coitados! Eles vêm de uma fazenda, de um comércio onde eles nunca fizeram isso e só o que o sargento dá, ele come a alma do camarada! Então vocês é que vão mandar

A estrutura do Método Francês era visível, e acompanhava todas as aulas como se fosse o fio condutor. Mesmo que existisse a possibilidade de utilizar outros métodos como a calistenia, a estrutura da aula era seguida com a sessão preparatória, a aula propriamente dita e a volta a calma:

Toda atividade aqui (no colégio) era precedida de uma sessão preparatória. Toda! De Ginástica Olímpica, basquete, futebol, atletismo... toda! Tinha uma sessão preparatória. Nessa seção preparatória nós dávamos o aquecimento, fazíamos exercícios de imitação e todo movimento que nós fazíamos era precedido de um enunciado, de modo que o aluno já sabia o que era para fazer assim que falávamos. Depois vinham os flexionamentos e eu intercalava, às vezes, quando não tinha a quadra, eu ia para o campo de futebol, aí dava uma aula completa de Ginástica, podendo ser do Método Francês ou da Calistenia que eu aprendi na ACM. No final fazíamos uma atividade de volta à calma, para abrir a caixa torácica, como por exemplo ‘cheirar uma flor’! E assim aconteciam as aulas.

Por esta fala, percebemos também que os esportes começam a ganhar espaço dentro do ambiente escolar e sua prática começa a ser misturado com os princípios do Método Francês. A entrada do Método Desportivo Generalizado, divulgado por Listello vai fazer com que nos anos seguintes haja uma mudança considerável dentro do panorama educacional, uma vez que os esportes começam a ganhar o espaço antes hegemônico da Ginástica. Sua entrada, no entanto foi facilitada no ambiente escolar, pois dentro dos princípios deste método já havia a possibilidade de se incluir os esportes, principalmente os jogos coletivos. No entanto, é bom esclarecer que não houve uma mudança drástica de um para outro, mas sim uma simbiose onde o primeiro permitiu que o outro entrasse dentro do seu contexto, fazendo parte das aulas, mas seguindo a mesma estrutura ainda proposta pelo Método Francês. A respeito disso Goellner (1992, pg.196) ressalta que:

Quero esclarecer que não estou atribuindo ao Método Francês uma concepção desportiva. Ao contrário, enfatizo que como um método ginástico centrou maior atenção neste elemento da cultura corporal. No entanto, pela forma que se desenvolveu no Brasil, acabou por afirmar-se enquanto aquele que proporcionou um trabalho com o esporte, fundamentalmente, porque consagrou-se como hegemônico nas instituições escolares por um longo período de tempo, favorecendo a sua entrada neste contexto.

Com o esporte estando tão em voga, no caso da Ginástica, é também neste período que a sua vertente esportiva vai ganhar mais força dentro da escola e posteriormente nos clubes. É interessante vermos as palavras do professor Pedro Stucchi ao lembrar da visita de Listello ao Brasil e suas repercussões:

Quando o Listello chegou aqui pela primeira vez trazido pelo Boaventura, nós dissemos que usávamos o Método Francês e ele caiu na gargalhada, ele disse: 'mas faz muitos anos que na França não se usa mais este método'. Teve professor aqui de São Paulo que ficou horrorizado com isso. Teve um que até chorou!

É também um período que, como já citado, muitas outras formas de olhar ou entender as atividades físicas começam a entrar no país. Em suas memórias Pedro Stucchi nos conta sobre cursos que eram oferecidos anualmente para os professores de Educação Física do Estado de São Paulo a fim de que estes pudessem estar atualizados com o que

acontecia de novidade pelo mundo¹⁵. A maioria dos professores que ministravam estes cursos eram estrangeiros – alemães, argentinos, suecos, dinamarqueses e traziam portanto novos olhares sobre a forma de se fazer Ginástica:

Estas coisas de balanceio nós não fizemos no nosso tempo de Escola (na USP), mas nós tivemos aula com o Johnson, que não me lembro se era sueco ou dinamarquês, durante um curso em Santos. O curso de férias em Santos era ma-ra-vi-lho-so! O que eu aprendi de coisas lá... me lembro até hoje!

Otília Forster também compartilha desta memória, mas com uma outra visão:

Nós íamos para Santos e então vinham os professores estrangeiros dar aulas, era uma vez por ano nas férias de julho. A turma feminina ficava alojada na Ponta da Praia e a turma masculina em um outro colégio. Todos os professores eram obrigados a fazer o curso e então vinham suecos, japoneses...mas para te falar a verdade, eu nunca aproveitei porque eles davam muita Calistenia e eu achava que isso não se adaptava ao nosso clima.



Figura 35 – Curso de férias em Santos – aula de Ginástica Sueca

¹⁵ Nestes cursos em Santos é que vieram também Ilona Peuker e Margareth Frolich, que introduziram a Ginástica Feminina Moderna no Brasil. Vemos portanto que tais cursos tiveram um caráter importante na expansão dos conteúdos da Ginástica, uma vez que possibilitavam que diversos professores pudessem posteriormente repassar este conteúdo para os seus alunos, expandindo assim as possibilidades da Ginástica em nosso país.

No entanto, apesar de todas estas novidades, o Método Francês até quase que o final da década de cinquenta, se mantém forte dentro da escola e sua vertente que lida com as apresentações de grande área também se mantém constante. Principalmente nas comemorações cívicas, com a presença de muitos alunos, ainda se mantém aquela estrutura da década de quarenta onde as apresentações escolares servem para veicular imagens do poder. Mais do que uma comemoração escolar, isto é uma propaganda que projeta uma imagem de glória para o Brasil. Goellner (1992, pg.171) faz uma bela reflexão acerca do Método Francês quando afirma que:

O Método Francês, vislumbrado como capaz de colaborar significativamente na construção de nova ordem social por inculcar a ordem, disciplina e submissão e por possibilitar o fortalecimento da raça frente ao seu rigor anatomo-fisiológico, foi eleito pelos governantes como aquele que uniformizaria a Educação Física que era, muitas vezes, dirigida segundo o livre arbítrio dos professores. Foi instrumento de controle da sociedade brasileira que a todo custo deveria manter-se em ordem e rumando para o nível de desenvolvimento dos países mais avançados. Foi alvo ideológico que ao longo da sua vigência desempenhou papéis distintos junto da população marcando profundamente a história da Educação Física escolar brasileira, até mesmo por ter estado em evidência por um longo período de tempo, não só nas instituições escolares como nos cursos formadores de profissionais.

As comemorações cívicas eram sempre oportunidades para que as escolas “desfilassem” pela cidade e sendo o Colégio Culto à Ciência, uma referência quase que nacional nesta época, a escola ia com pompa e circunstância participar de tais apresentações. Todos os alunos participavam, compondo figuras interessantíssimas e a evolução era composta por movimentos do Método Francês, mas também, como disse o professor Stucchi, “com outros movimentos que aparecessem”. As imagens que seguem são de um desfile em sete de setembro de 1956, com uma apresentação que culminou no estádio da Ponte Preta.



Figura 36 – Desfile dos alunos em comemoração ao Sete de Setembro

A frase que ilustra a primeira foto **“Amar a Pátria é Trabalhar pela Felicidade do Povo”** mostra que mais do que uma simples comemoração, tais encontros servem para veicular um sentimento patriótico. É bom lembrar que em 1956, com o governo de Juscelino Kubitschek cria-se uma esperança e um nacionalismo no Brasil. Segundo Castanho (1993, pg.77):

Durante o quinquênio que coincidiu com o governo Kubitschek, era importante elaborar e difundir no país o que chamávamos de ‘ideologia global do desenvolvimento’, quer dizer, o nacionalismo. (...) a nação já não era uma coisa, mas um processo, um projeto, a ser realizado com esforço, trabalho e luta”

As fotos que seguem mostram em momentos diferentes a apresentação masculina e feminina, que segundo o professor Stucchi conseguiu juntar cerca de 800 alunos fazendo as evoluções. Percebemos na segunda foto na arquibancada um grupo de pessoas vestidas de branco que segundo o depoimento de Pedro Stucchi, tinham uma função durante os intervalos:

O Colégio Alencastre, com o Professor Herculano fazia um trabalho muito bonito na assistência (platéia). Durante os intervalos, entre um exercício e outro que era apresentado no campo, ele tinha seis ou sete figuras diferentes que os meninos só levantavam o cartaz e você podia ver cada vez uma imagem. Era muito interessante.

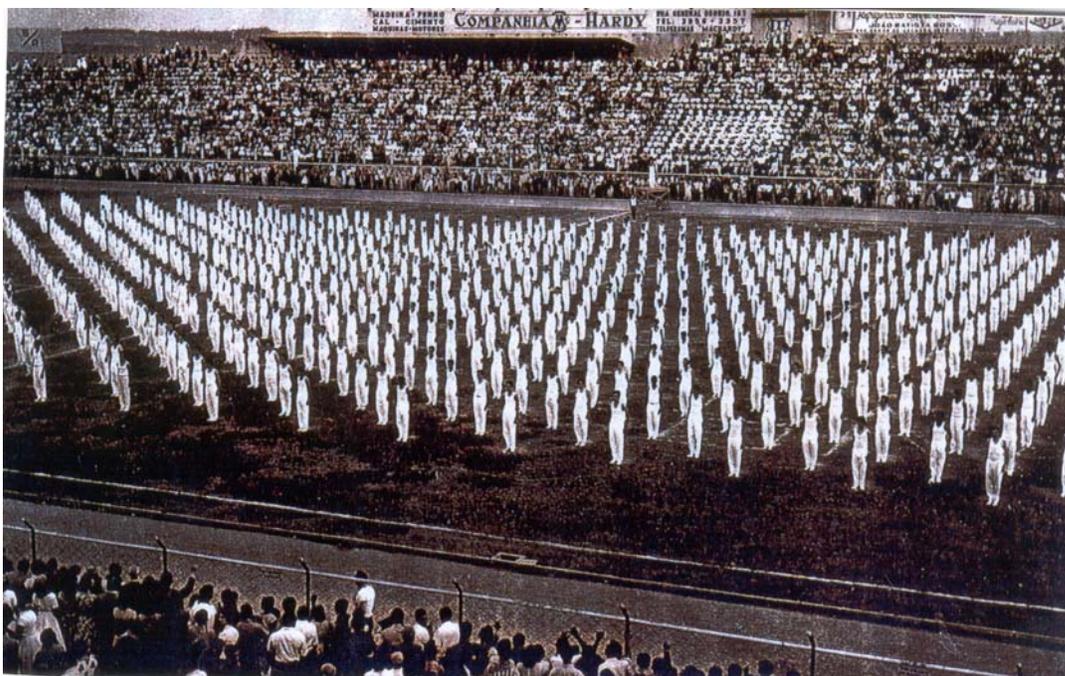


Figura 37 – Apresentação do Colégio Culto à Ciência no Estádio da Ponte Preta.

Outra passagem interessante é vermos a forma como eram treinadas tais apresentações. Controlar e fazer com que todos os alunos se movessem da forma certa exigia uma série de medidas:

Cada pontinho é onde ficava um aluno fazendo Ginástica. Então tinha os guias que orientavam e falavam o comando: ‘aos seus lugares!’ e assim mudava de figura, de formação. Fazíamos figuras belíssimas, mas Ginástica assim (de grande área) tem que ter comando senão não dá.



Figura 38 - Apresentação do Colégio Culto à Ciência no Estádio da Ponte Preta.

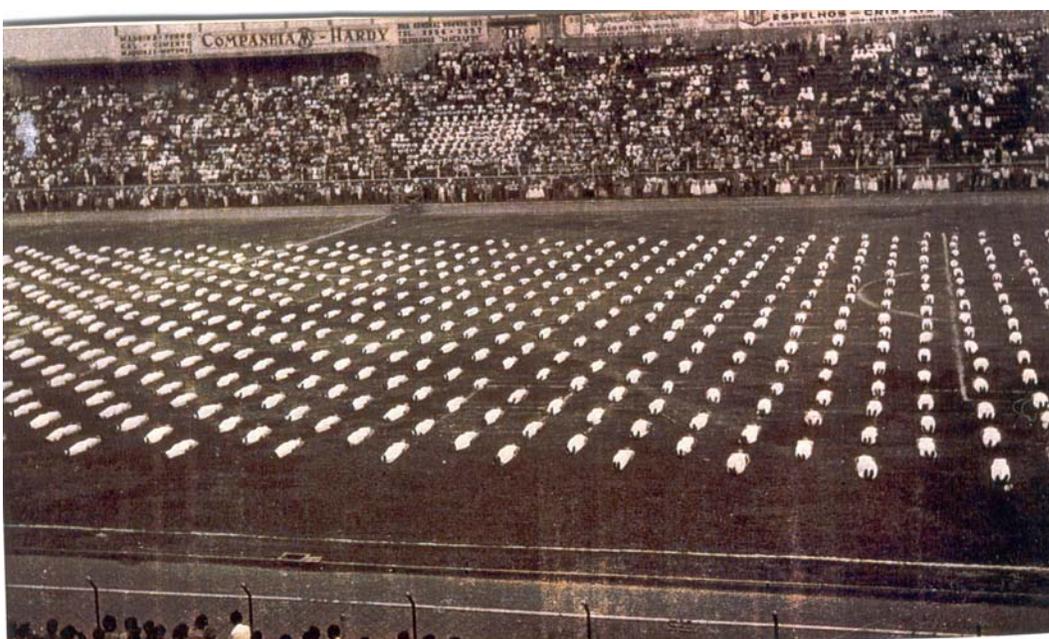


Figura 39 - Apresentação do Colégio Culto à Ciência no Estádio da Ponte Preta.

Compondo diferentes formações, homens e mulheres faziam com que a comemoração se tornasse além de tudo, um espetáculo, algo bonito de se ver pois havia um beleza nas formações, na simetria que os exercícios sugerem. Quando todos fazem os movimentos juntos, existe uma plasticidade que cativa o espectador. As evoluções não são difíceis, mas feitas por muitas pessoas juntas e coordenadas, faz com que se crie uma

atmosfera extremamente estética. Sem dúvida, é também uma forma de mostrar o nome da Escola, de difundir a Ginástica e conseqüentemente ganhar mais adeptos.



Figura 40 - Apresentação do Colégio Culto à Ciência no Estádio da Ponte Preta.

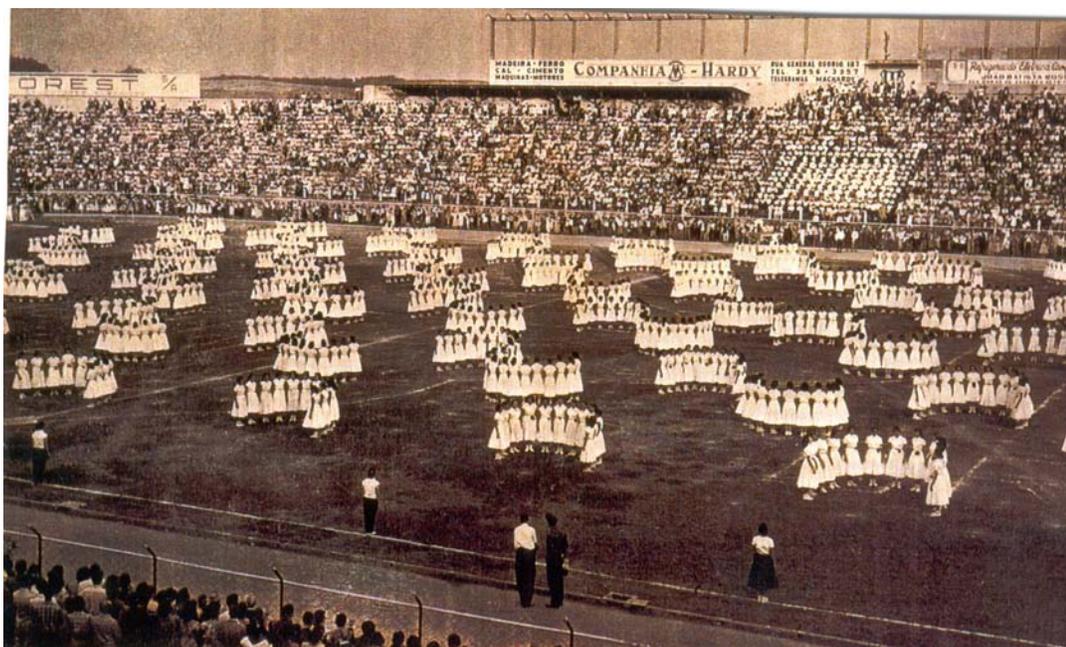


Figura 41 - Apresentação do Colégio Culto à Ciência no Estádio da Ponte Preta.

Professor Pedro Stucchi nos conta ainda que o dia-a-dia das aulas de Educação Física era um pouco diferente do que era visto nas apresentações. Todos os alunos faziam

a Educação Física e depois podiam ser convidados para integrar as equipes de competição, caso fossem bons em determinada modalidade. Desta forma, quem se destacasse nas aulas participava das equipes principais do Colégio Culto à Ciência que representavam a escola em campeonatos e torneios. Existiam equipes de basquete, vôlei, futebol, ginástica e natação. A presença de equipes começava a evidenciar a transição para a prática quase totalitária do esporte durante as décadas seguintes.

O Método Desportivo Generalizado divulgado por Listello contribuiu para que a Ginástica Artística começasse a ser difundida também dentro do ambiente escolar, uma vez que após o curso dado por ele aqui no Brasil, o Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo ofereceu aos professores uma apostila com todo o roteiro de como aplicar o método e um dos capítulos da apostila tratava justamente da Ginástica: “Ginástica, Ginástica só de aparelhos, cambalhotas, pequenas rotinas”. Sem dúvida, isto contribuiu para que as suas aulas fossem modificadas, tendo cada vez mais a parte esportiva um grande peso.

No primeiro semestre, todos os alunos que entravam, portanto os da 5ª. série, faziam Ginástica. Era uma Ginástica Geral pois incluía não só a Ginástica Olímpica. Em julho, nas férias, eu fazia um campeonato de Ginástica – solo, salto e barra fixa. Bom, de duzentos, trezentos alunos que entravam saíam mais ou menos dez para participar da equipe. Eu convidava e eles perguntavam: ‘mas eu não vou fazer vôlei, basquete?’ e eu dizia: ‘claro que vai, mas mais para frente’.

Um fator interessante é ver que mesmo a falta de materiais não impediu que Pedro Stucchi implantasse a Ginástica Olímpica no Culto a Ciência. Muito pelo contrário, isso o motivou a buscar meios para que tal esporte realmente fosse viável dentro do Colégio:

Então quando eu comecei a Ginástica Olímpica, era tudo na grama. Eu só tinha uma barra fixa que eu montei debaixo da quadra e mais nada. Depois é que, indo para São Paulo, consegui mais material. Como eu tinha bom relacionamento com o pessoal do Pacaembu, eu trouxe para cá, bolas de diferentes esportes, colchão de Ginástica, uma paralela masculina e outra barra fixa. Aproveitei para arranjar tudo isso.

Suas lembranças mostram também que seu caminho com as equipes de competição começou com os esportes tradicionais, principalmente o basquete e o vôlei,

tendo sido também pioneiro na implantação deste último na região. Sua fala mostra também que a Ginástica em sua forma competitiva ainda não era possível de se detectar:

Quando eu comecei a ir para campeonatos de voleibol com a equipe, eu não podia fazer um jogo preparatório pois não tinha ninguém que fazia voleibol na região. Quando nós começamos com o vôlei, nem tinha Ginástica aqui.

Isso vem mostrar que de certa forma, realmente houve uma lacuna grande entre o período em que os clubes alemães de Ginástica eram ativos, que se finda nos anos 30, até o seu “renascimento” através da forma competitiva iniciada por Pedro Stucchi. Nos parece que após o fechamento dos clubes a Ginástica foi um pouco deixada de lado, retomando no entanto mais tarde seu papel, mas agora com o caráter esportivo. É interessante ver como as diferentes expressões da Ginástica vão aparecendo, crescendo, sumindo e dando lugar a outras formas. É bonito ver que em sua essência ela persiste, mudando apenas a sua forma de se expressar dentro da sociedade.

Os anos sessenta vão selar definitivamente o papel da Ginástica, especialmente a Olímpica na região e vão preparar terreno para outras formas de Ginástica. O período que iniciamos agora é extremamente rico na medida que mostra o desenvolvimento da Ginástica de uma forma extremamente diversificada, podendo encontrar realmente diferentes formas de expressão: dentro da escola, seu despontar nos clubes brasileiros, o surgimento das primeiras academias de Ginástica Estética e seu ensino dentro da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, centro formador da maioria dos profissionais que atuaram nas décadas seguintes. Entender como esta trama se desenvolveu é o grande desafio para esta parte da pesquisa.

Falar dos anos sessenta é começar a entrar em um período de grandes transformações em todos os níveis: na política mundial, na política brasileira, nos costumes, na moda, na música, nas artes. Em 1961 temos na Alemanha a construção do Muro de Berlim, anunciando a Guerra Fria entre o mundo capitalista e o comunista que perduraria por mais vinte e oito anos. Na América Latina, a vitória da Revolução Cubana em 1959, trouxe uma certa tensão para os setores capitalistas que viam na conquista de Cuba uma ameaça que poderia se expandir para toda a América do Sul e Central, subjugadas ainda pelo poder imperialista dos Estados Unidos.

No Brasil, a tensão é grande também com a eleição de Jânio Quadros e João Goulart, uma vez que os segmentos empresariais viam com desconfiança a presença de

um vice-presidente do Partido Trabalhista. Uma série de ações vistas como inapropriadas pelos empresários brasileiros, detentores agora de todo poder uma vez que o Brasil encontrava-se em pleno período de industrialização, com a Reforma Agrária proposta por Goulart, colabora para que seja articulado o golpe de estado em 1964, mudando definitivamente a estrutura política do Brasil nos anos que seguem.



Figura 42 - Demolição do Teatro Municipal.

Em Campinas as mudanças também são fortemente sentidas e tem seus reflexos até na arquitetura da cidade. Podemos destacar dois pontos principais inspirados nesta imagem: primeiro, a cidade ganhou definitivamente ares de metrópole com a criação de grandes edifícios, criação de amplas avenidas, demolições, entre elas a do Teatro Municipal, a fim de ampliar a malha urbana que visivelmente já não dava conta do seu crescimento urbano. Um segundo ponto, que nos traz uma outra história a respeito da demolição nos mostra que Campinas sofre também com a tensão do período e as classes empresariais aliadas com os militares, sentem muito medo da “ameaça comunista”. E não demoraria muito a se iniciar o período de ditadura na política brasileira, mudando definitivamente a sociedade nos anos que seguem. Martins (2000, pg.129) nos diz que:

No início de 1964 aconteceu uma polêmica envolvendo o então prefeito Ruy Novaes que autorizou a utilização do Teatro Municipal para um encontro da União Campineira dos Estudantes Secundaristas e tal encontro foi classificado como de 'inspiração comunista' pelo General Guilhermino dos Santos.

Após levantar várias polêmicas a este respeito, o fato é que, coincidência ou não, o Teatro acabou sendo demolido em 1965, como parte do Plano de Melhoramentos Urbanos. Este Plano buscava também, de certa forma, criar um processo de higienização de centro da cidade, afastando moradores pobres e negros para zonas mais periféricas da cidade.

Isto mostra também que Campinas passa cada vez mais a se distanciar daquela cidade que outrora fora tão envolvida com as artes, com a música, tendo sua arquitetura também transformada para abrigar uma cidade predominantemente industrial.

No cenário esportivo/educacional os esportes vão ganhar cada vez mais força aliados agora a uma idéia que transcende a beleza pura e elevada do gesto esportivo e do atleta. Ligados também a ideologia dominante do período, o esporte terá suas dimensões ampliadas e em um olhar mais aprofundado, será o reflexo de uma sociedade que se torna cada vez mais competitiva e socialmente injusta.

Como produto desta sociedade, o esporte, carregando a bandeira do olimpismo, será divulgado, experimentado, utilizado, mas não por todos, uma vez que o modelo competitivo não permite que todos possam participar. No pódio só existe um lugar para o número um! Sobre o Olimpismo, Goellner (1992, pg.179) nos diz que:

O Olimpismo desponta como aquele pensamento que situa-se além da valorização dos atletas e dos Jogos Olímpicos. Reside num conjunto de idéias, que calcado no liberalismo, reconhece no esporte o fomentador da beleza física e da saúde corporal, a serviço do indivíduo e da sociedade. Procura ainda passar como real um entendimento acerca de competição esportiva como que absolutamente pacífica e leal, capaz de criar um movimento universal que promova a paz entre os povos, raças e nações. Implícito a esta visão está o nacionalismo, a exaltação à dimensão competitiva que, em analogia, remonta aos valores veiculados pela sociedade capitalista industrial, onde vemos que, muitas vezes os resultados das competições servem para medir não a união fraterna entre as nações, mas o seu potencial técnico e científico.

O Culto à Ciência ainda sob a batuta do Professor Pedro Stucchi, entra na década de sessenta investindo forte nas equipes de Ginástica. O que antes era apenas feito para incentivar a prática interna da Ginástica, com competições dentro do próprio colégio, passou a ganhar, a partir da metade da década de sessenta, uma nova conotação quando este professor conheceu pela primeira vez o campeonato colegial de São Paulo:

Então eu fui assistir ao campeonato de Ginástica que estava acontecendo no Campeonato Colegial de São Paulo. Foi a primeira vez, inclusive que teve Ginástica neste campeonato, chamava Ginástica de Aparelho. Então eu vi e falei: ‘Mas isso daí é campeonato de Ginástica? Mas estes meninos estão fazendo parada de mão, rolamento, salto mortal, isso é campeonato? Ano que vem vou estar aqui!’. E comecei a treinar, escolhi alguns, o que tínhamos de melhor, dei uma peneirada e comecei então o mirim. Eu já nem ficava com os esportes coletivos mais, pois só ficava com a Ginástica. Isso foi em 1967 e no ano seguinte eu fui para o Campeonato Colegial. Fomos vice-campeões. Depois desse ano eu ganhei todos os campeonatos, desbanquei até o Mackenzie, porque eles eram o ‘papa-tudo’.

Desta forma, percebemos que a Ginástica passa a ter um peso maior até para o próprio professor, que acaba se direcionando mais para o ensino desta modalidade esportiva do que para os jogos coletivos. Como ele mesmo disse: “Por muito tempo eu era o Stucchi do vôlei, mas depois de um tempo as pessoas me conheciam como Stucchi da Ginástica”.

Um outro fenômeno interessante é que as meninas passaram a querer também participar das aulas de Ginástica. A professora Lucia Righer, responsável pelas meninas, começou também um trabalho com a Ginástica de solo que motivou algumas alunas a iniciar a carreira dentro da Ginástica Olímpica. Uma delas também se tornou uma das nossas entrevistadas na pesquisa, **Vilma Nista Piccolo**. Um fato interessante é que ela teve uma ligação com os dois professores já entrevistados: Otilia Forster foi sua professora durante o primário no Colégio Imaculada e Pedro Stucchi, além de ter sido seu treinador em conjunto com Lucia Righer, serviu de inspiração para que ela seguisse posteriormente o caminho da Ginástica.

Em seu depoimento Vilma Nista Piccolo lembra que no início da década de sessenta não se ouvia muito falar em Ginástica em Campinas, a não ser no Culto à Ciência e no Colégio Vitor Meirelles a partir de 1967 com a professora Tânia Marotta.

Lembra também que quando conheceu a Ginástica de solo nas aulas de Educação Física, ficou apaixonada:

(...) tanto que eu comecei a treinar com a Profa. Lúcia de manhã, estudava a tarde e treinava a noite com o Prof. Stucchi na turma dos meninos porque eu fiquei apaixonada por aquilo, queria treinar o tempo todo. Uma coisa interessante é que eles me levavam para todos os lugares. Em 1968 ou 1969, quando um grupo de dinamarqueses veio para cá, eu fui com eles. Me levavam também para treinar no Pinheiros em São Paulo com o Públio e com a Yumi, que nos corrigiam.

Interessante é perceber a humildade com que o professor Pedro Stucchi fala de suas próprias fraquezas, pois mesmo não sabendo executar todos os movimentos da Ginástica, este era capaz de pedir ajuda, ou ir atrás de formas para melhorar o desempenho de seus alunos/atletas:

Tinha um senhor, um alemão, se não me engano chamado Kupfer, ele fazia barra fixa e então ele me procurou e disse: 'Olha Stucchi, se você precisar, eu não digo esta parte de solo, mas a parte de barra fixa, eu faço tudo na barra fixa'. E não é que ele veio fazer uma demonstração! E com isso nós continuamos a evoluir. Depois de dois anos eu conheci o Fernando Brochado, que era atleta de Ginástica e também dava aula no Pinheiros, então eu pedi se podia levar meus alunos lá, para que eles tivessem uma outra experiência. Eu pegava meu carro, uma Brasília e ia para São Paulo com os meninos. Treinamos muito tempo no Clube Pinheiros. Outro fato interessante é que nesta época não existia muito livro de Ginástica, então eu me lembro que fui para São Paulo e achei um livro, só que era em japonês! Mas eu compreí assim mesmo e pelas figuras eu ia me orientando.

Claro que tanto esforço, gerou resultados rápidos e logo o Colégio Culto à Ciência já contava com turmas mirim, infantil e juvenil, criando assim uma tradição forte nesta área. Cada vez que os alunos voltavam de uma competição, havia uma exibição dos troféus e uma apresentação para toda a escola a fim de que todos compartilhassem a vitória. Pedro Stucchi ainda nos diz que as aulas eram suspensas para que todos pudessem assistir e o ginásio do colégio Culto à Ciência ficava lotado de alunos.

Vemos, portanto nesta imagem, umas destas apresentações onde os alunos estão fazendo uma série de tumbling. Vemos na primeira foto os meninos fazendo uma seqüência de parada de mãos e na outra foto, um dos alunos fazendo um salto mortal.

Penso que para os alunos que assistiam, estas apresentações serviam para dois propósitos: mesmo os que não tinham habilidade para estar na equipe, no mínimo ficavam sabendo o que era a Ginástica Olímpica e aqueles que se entusiasmavam podiam tentar participar das equipes, trazendo assim mais praticantes para a Ginástica. Era uma forma de divulgar o seu trabalho dentro do próprio colégio.

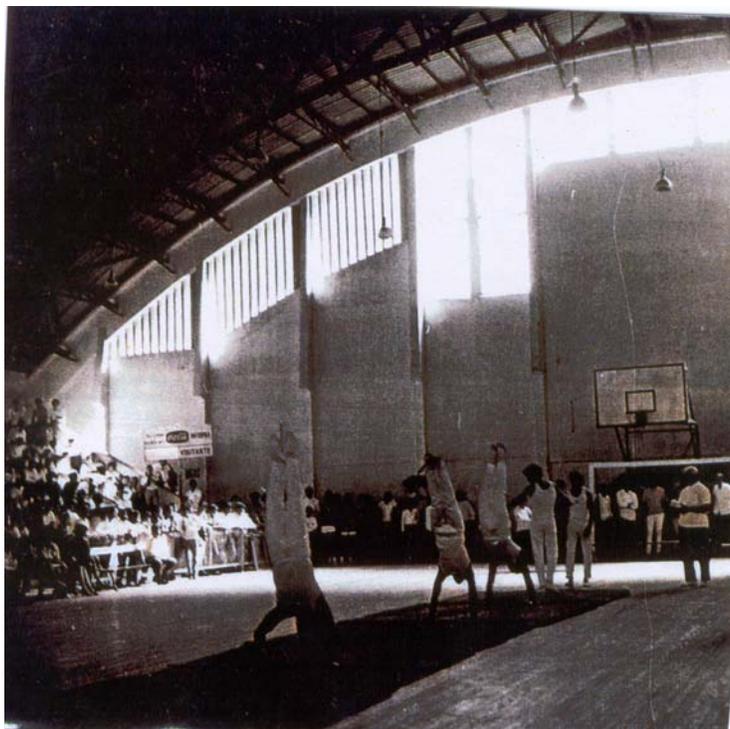


Figura 43 – Apresentação de Ginástica Masculina no Ginásio Alberto Krum, que pertence ao Colégio Culto à Ciência.



Figura 44 - Apresentação de Ginástica Masculina no Ginásio Alberto Krum, que pertence ao Colégio Culto à Ciência.

Com os símbolos esportivos em alta, o colégio investia cada vez mais em suas equipes pois isso levava também o nome da instituição para qualquer lugar que a equipe fosse. Um fato interessante é que mesmo a Ginástica Olímpica sendo um esporte em que é necessário ter qualidades ditas como masculinas, como força, coragem e ousadia, os ginastas ainda sofriam um certo preconceito em relação às outras equipes, principalmente as dos esportes coletivos:

Os que faziam parte das equipes de basquete, futebol, vôlei falavam assim: ‘Olha as bailarinas do Stucchi’. Puro preconceito! Acho que eles é que queriam estar lá! E, no entanto, todos os familiares que eu tive contato vieram me agradecer o porte físico do filho. Porque o basquete, o vôlei, nem sempre dão postura, mas para os meninos da Ginástica, era uma coisa impressionante. Isso fez com que eu me apaixonasse pela Ginástica, o benefício que a gente trazia para estes meninos.

Um outro nome também aparece como um grande colaborador do professor Pedro Stucchi: Fernando Brochado. Fernando, além de atleta era também técnico das equipes masculina e feminina do Clube Pinheiros e estava se formando em Educação Física pela

USP. Nestor Soares Publio foi que o levou para trabalhar no Pinheiros, uma vez que este era um aluno que se destacava nas aulas e excelente ginasta. Juntos estes dois colaboraram direta e indiretamente para a expansão da Ginástica Olímpica em Campinas.

Neste meio tempo, Vilma Nista Piccolo se destacava nas aulas de Ginástica e seu conhecimento na área ia aumentando a cada dia graças aos treinos extras na escola, no clube Pinheiros e a experiência que ia ganhando ao ajudar a professora Lucia Righer com a iniciação das meninas menores. É no início dos anos setenta que ela vai começar a sua caminhada para que a Ginástica encontre também vozes fora do colégio – começamos a ver então, a Ginástica se iniciando nos clubes de Campinas.

Interessante é pensarmos que no caso campineiro, ela se iniciou nos clubes no começo do século e volta a ter seu papel dentro dos mesmos, alguns anos mais tarde, alcançando então um status diferenciado. A sociedade havia mudado consideravelmente desde 1900 e com certeza, as práticas corporais acompanharam tais mudanças. O esporte, principalmente com a conquista do tri campeonato mundial no futebol, passou a ganhar cada vez mais espaço na sociedade e seu papel é questionado por muitos estudiosos que o consideram alienante, um produto largamente veiculado em plena ditadura a fim de esconder do povo brasileiro as barbaridades produzidas pelo governo militar. O fato é que, os anos setenta vão figurar como aqueles em que as mudanças iniciadas ainda nos anos sessenta começam a tomar forma e fazem uma verdadeira revolução nos costumes, na mentalidade, fazendo com que novas formas de exercitar o corpo comesçassem a surgir. Mais uma vez a Ginástica vai ganhando, definitivamente, outras formas de expressão...

A década de setenta nos traz, no entanto, um novo personagem de importância fundamental: a mulher. Com o advento da pílula anti-concepcional, a mulher pôde ganhar um maior controle sobre a sua própria vida e em última análise sobre o seu próprio corpo. Poder planejar, sendo dona de seu próprio destino fez com que as mulheres comesçassem o seu caminho de independência, saindo cada vez mais da rotina doméstica e galgando postos e alargando espaços na vida em sociedade. Emprego, cuidados com o corpo, uma crescente onda publicitária que já vê a mulher como um forte alvo de consumo prepara o terreno para a explosão das academias de ginástica estética. Sousa (1994, pg.176) reafirma o papel importante da mulher ao dizer que:

Uma das maneiras de compreender o ressurgimento das mulheres nos anos setenta é conhecer que mudanças estruturais na sociedade brasileira afetaram as condições de vida das mesmas. Isso pode ser visto na participação das mulheres no mercado de trabalho, na política, no acesso à educação formal, nas mudanças em legislações específicas sobre a mulher e na ampliação do seu acesso aos meios anticoncepcionais, entre outros.

A moda também teve um papel fundamental para que uma nova concepção de mulher fosse colocado em voga. Revistas femininas veiculam um corpo magro, em forma e a moda também exige que a mulher tenha um determinado tipo de corpo para que as roupas se ajustem. Frequentando cada vez mais novos espaços sociais, aparecer e bem, tornou-se o mote da maioria das mulheres nos anos setenta. Segundo Coelho Filho (2000, pg.2)

Com o desenvolvimento das técnicas de comunicação em massa a produção cultural deixa de atingir um nível local e passa a abranger um mercado consumidor muito maior. Esses conteúdos, que devem sensibilizar grandes massas de pessoas de diferentes culturas, ficam assim internacionalizados. Toda esta situação pode ser verificada nas academias de Ginástica desde o seu boom, nas principais cidades brasileiras, a partir da década de setenta.

Mas, voltando à Ginástica e seu desenrolar em Campinas, nossa história agora transcorrerá por outros caminhos, atingindo outras esferas, tendo outras formas e contextos. Em termos escolares, a equipe do Culto à Ciência ainda desponta e seus frutos começam a ganhar resultados inimagináveis. Vilma Nista Piccolo nos conta que “o primeiro ginasta a ir para um campeonato mundial em 1974 na Bulgária foi o Abramides (José Fernando Costa Abramides), que era aluno do Culto à Ciência. Foi o primeiro ginasta brasileiro a ir para um campeonato mundial”.

Desse fato é possível avaliar a dimensão que tomou o trabalho iniciado por Pedro Stucchi. Apesar de não ter sido o técnico de Abramides no mundial, seu início só foi possível, porque o colégio oferecia possibilidades para que os alunos vivenciassem a prática da Ginástica e também porque Pedro Stucchi era um grande incentivador de seus alunos/atletas, levando-os para treinar em outros lugares, ampliando suas possibilidades no mundo esportivo.

Vilma Nista Piccolo em 1970 estava se formando no Culto à Ciência e já começava a levar a Ginástica para fora dos muros do colégio. Foi no Clube Campineiro

de Regatas e Natação que a primeira porta se abriu para que a Ginástica Olímpica começasse a ser desenvolvida:

Como meu pai era presidente do clube neste período, ele me propôs abrir uma turma de Ginástica de solo, mas eu não poderia receber pois era filha do presidente. Então eu e a Cleide, que era a diretora da parte de Ginástica, fomos para São Paulo comprar um colchão de Ginástica. Era só isso que a gente tinha no começo. Então em 15 de dezembro de 1970 nós iniciamos a primeira turminha, com duas alunas – minha prima e a amiguinha dela!

Neste mesmo período a Ginástica Estética começa a ser uma prática procurada pelas mulheres que queriam ter um corpo bonito. **Odenise Emmanuelli**, que vivenciou fortemente os anos setenta no que diz respeito à Ginástica Estética se constitui como uma outra voz que vem nos ajudar a contar esta história. Ela nos diz que neste período não havia muitos lugares onde era possível encontrar esta Ginástica, mas sua prima dava aulas na Fisioterapia Campinas e lá havia aulas de Ginástica Estética. Esta Ginástica era baseada principalmente nos movimentos ritmados, exercícios com arcos, bastões e também atividades específicas para os músculos da perna, braços e abdominal. Foi um começo tímido, mas que já anunciava o que estava por vir. Sua escolha profissional também foi pautada por esta experiência com a Ginástica Estética:

Se você me perguntar porque eu entrei na Faculdade de Educação Física, posso te dizer que foi pela Ginástica. Eu amava tudo o que era relacionado com a Ginástica e muitas vezes eu e uma amiga dizíamos ‘nós estamos aqui só pela Ginástica’. Eu adorava fazer exercícios! Mas como eu tinha que trabalhar, comecei a perder algumas coisas que a faculdade oferecia de Ginástica aplicada, Ginástica olímpica, mas a Ginástica era meu sonho.

Vilma também lembra que as academias iam surgindo timidamente, no fundo de casa e sua base estava na Ginástica Feminina Moderna. Concomitante ao trabalho no Regatas, Vilma ingressa na Faculdade de Educação Física da PUCC e lá começa a ter contato com outras possibilidades da Ginástica.

Eu fui convidada para fazer parte do grupo da Vera Lacerda, que era de Ginástica Feminina Moderna e a gente fazia uma série de demonstrações com bola, pandeiro... isto era considerado Ginástica Feminina Moderna, era o início aqui em Campinas do que a gente conhece hoje como Ginástica Rítmica.

Mesmo sendo aluna do primeiro ano, Vilma foi convidada para ser monitora de Ginástica e dava aula para todos os outros alunos, auxiliando a professora:

Quando eu cheguei na PUCC, primeiro dia de aula, a professora de Ginástica que era a Flaris, me convidou para ser monitora dela. Eu nem sabia o que era ser monitora! Ganhei bolsa de estudos e assim não precisei pagar a faculdade. Eu ensinava o que eu sabia, o que eu tinha vivenciado nestes anos todos, de treino no Pinheiros, com o Stucchi, a D. Lúcia, nos cursos enfim, que eu tinha tido contato com a Ginástica

Mas o ano de 1971 trouxe outras recompensas para Vilma. Sua equipe que começou com duas meninas já contava com cinqüenta e durante o ano todo ela divulgou a Ginástica de solo com estas alunas a fim de aumentar o número de praticantes e tornar conhecido o trabalho desenvolvido por ela no clube.

Neste primeiro ano no clube, eu levava as meninas para tudo o que era demonstração. Fizemos umas setenta cidades do interior, onde tinha convite a gente ia. Com isso, acabamos virando o cartão de visitas do clube. Quando tinha algum jogo, sempre vinham me perguntar: 'Será que as meninas podem fazer a abertura'?

Enquanto isso, Prof. Pedro Stucchi continuava seu trabalho no Culto à Ciência, Otília estava no Imaculada, se aposentando em 1974, e assim a Ginástica ia sendo desenvolvida agora por uma nova geração. Inclusive, nos anos setenta Pedro Stucchi passa a dividir suas funções com outros ex-alunos que agora já começavam a se formar também em Educação Física. Um dos motivos era sua ascensão ao posto de Delegado de Esportes, então não poderia exercer as duas funções. Um dos colaboradores na área da Ginástica foi Fernando Brochado. Quando este decide vir para Campinas, Pedro Stucchi oferece a ele suas equipes de treinamento e também como era muito convidado para iniciar a Ginástica em outros clubes, passa para Fernando Brochado um convite para iniciar a Ginástica Masculina no Tênis Clube.

Desta forma, dois clubes tão próximos passam a desenvolver um trabalho com a Ginástica. No entanto, segundo Pedro Stucchi houve uma falha por parte de Fernando Brochado que não desenvolveu um trabalho forte de base:

O Fernando nunca gostou de iniciante. Ele queria começar no mínimo com o avançado. Então ele tem esta qualidade, mas na qualidade é um defeito pois não tem renovação dos alunos. Então ele veio para cá, meus meninos continuaram a ser campeões mas chegou um momento em que não tinha gente

nova. A fase forte da Ginástica no Culto à Ciência foi de 1967 a 1976, depois foi diminuindo até sumir.

Por outro lado, Vilma começa a fazer um trabalho diferenciado no Regatas que traz frutos em um curto espaço de tempo. Em 1972 sua equipe se torna campeã juvenil estadual, abrindo espaço para o seu crescimento dentro do clube:

No começo de 1972, nós já tínhamos mais aparelhos no clube, uma infraestrutura melhor, então fomos à primeira competição, um campeonato estadual juvenil. Este campeonato a gente entrou para competir, já filiado a Federação Paulista de Ginástica e quando nós chegamos lá, vi as meninas do Banespa, do Palmeiras, clubes que tinham equipe na época e todo mundo olhando para a gente meio de rabo de olho, falando 'quem são essas aí do interior'? Era a primeira equipe do interior, não existia nenhuma outra no interior do estado de São Paulo... e nós ganhamos! E a Silvinha, que foi minha primeira ginasta, classificada para ir para o (campeonato) brasileiro.

Pedro Stucchi sai então da linha de frente e no seu trabalho como delegado, continua contribuindo com a expansão da Ginástica, mas em outros níveis, fazendo com que a modalidade fosse divulgada de diferentes formas:

Então quando eu estava no departamento, quando eu passei para delegado, nós tínhamos reuniões mensais de todos os delegados do interior e outros delegados de regiões administrativas. A gente opinava no campeonato colegial, jogos regionais, jogos abertos, pró-esporte, pró-ginástica. E nos jogos regionais não havia Ginástica. Eu numa dessas, insisti para que a Ginástica fosse introduzida. No primeiro ano não consegui, aí no segundo ano insisti de novo, falei com eles 'olha vamos fazer uma fase experimental, no primeiro ano não vão ter muitas equipes, mas isto tende a crescer' E foi o que aconteceu. No primeiro ano teve quatro ou cinco equipes, com uma competição fácil, mas no ano seguinte não duplicou, triplicou. E depois foi um sucesso! Depois no 45º. Jogos eu fui assistir e já tinham umas cinquenta equipes.

Além disso, Pedro Stucchi em conjunto com a professora Vilma Nista Piccolo organizavam cursos para outros professores que quisessem aprender mais sobre esta modalidade, aumentando assim o número de multiplicadores pelo Estado:

Em 1975, eu dava curso para professores de Educação Física. O Sr. Stucchi me pedia pois ele era delegado regional, eu organizava no clube de sábado. Ensinava a Ginástica e aí algumas escolas começaram, já era uma sementinha.

Sempre tinha um professor que vinha e dizia ‘posso aprender com você?’, então treinava e depois eles traziam as equipes deles para aprender. Aí o que eu fazia, pegava as minhas meninas do Regatas e punha cada uma delas com uma menina, para que elas ajudassem a ensinar, então era legal pois elas tinham esta visão de ensinar os outros.

Pedro Stucchi além de todas estas funções ainda foi técnico na década de setenta da equipe de São Paulo nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs):

Eu esqueci de te falar, mas eu também fui durante uns quatro ou cinco anos, técnico da equipe de São Paulo no JEBs. JEBs era competição escolar que era realizada em diversos Estados do Brasil. O primeiro foi no Paraná, o segundo foi em Belo Horizonte e eu quando comecei foi nesse de Belo Horizonte. Essa é a minha equipe com alguns elementos já do Estado e alguns alunos meus.



Figura 45 – Pedro Stucchi e os atletas do JEBs

O fato de ter assistido a três Olimpíadas fez com que Pedro Stucchi tivesse também um senso de organização de eventos esportivos que fazia dele como delegado, uma peça fundamental para a boa apresentação dos jogos. Ele disse não saber porque nos Jogos Regionais, antes da premiação, ninguém fazia uma homenagem bonita, com uma cerimônia e ele lutou então para que houvesse um momento especial, que simbolizasse a glória do atleta. Suas memórias sobre as Olimpíadas valem a pena ser vertidas para esta parte do texto:

“Assisti três Olimpíadas: México em 1968, Munique em 1972 e Montreal em 1976. Vi nascer coisas maravilhosas... por exemplo, assisti o 10 da Nadie Komaneci, vi a primeira vez na prova do salto em altura ser usado o salto de costas que depois levou o nome do atleta, Flocksbury. Quando ele saltou, um olhou para o outro e disse: ‘você viu, você viu?? O camarada saltou de costas!!!’

Voltando para Campinas, percebemos que nestes anos setenta existia uma efervescência acontecendo no campo da prática esportiva e as formas de se olhar para a Ginástica acabam tomando proporções significativas. Devido ao já grande número de praticantes em suas diferentes possibilidades, é possível olharmos para esta prática como um mosaico de significados, pois sua abrangência e objetivos se diferenciavam.

Na escola, como parte das aulas de Educação Física, vemos que a Ginástica é trabalhada de uma forma esportivizada, especificamente no caso da Ginástica de solo. Dentro do que ainda havia de resquícios do Método Francês, a Ginástica sob este aspecto era diferente da Ginástica de solo, pois se relacionava a outros objetivos. Segundo Pedro Stucchi, mesmo nos anos setenta, ele ainda utilizava a base do Método Francês para as suas aulas e ressalta que:

A ginástica do Método Francês, na realidade era uma lição propriamente dita e era mais forte: marchar, trepar, saltar, levantar, transportar, correr, lançar, atacar e defender, mas eu dava também muita Calistenia. Isso era Ginástica também.

Nos clubes, principalmente com esta nova geração que começava a expandir o conhecimento da Ginástica, outras formas de expressão também começaram a surgir. Participando dos grupos de apresentação de Ginástica Feminina Moderna, Vilma Piccolo também considera o aspecto demonstrativo quando se lembra da Ginástica em Campinas:

Nesta época não existia este nome Ginástica Geral como sinônimo de Ginástica de demonstração. O que nós fazíamos era Ginástica Feminina Moderna e eu como tinha ido fazer um curso na Argentina com a Beatriz Martins, fazia parte deste grupo coordenado pela Vera Lacerda e tinha tido experiência com os diferentes grupos dinamarqueses que vieram aqui, pois as meninas nestes grupos também faziam Ginástica Feminina Moderna com bola, arcos, maçãs. Eu então comecei a levar isso para o clube também. Nossas apresentações eram constituídas de um tumbling, uma seqüência de arco e uma dança final, sendo que nesta dança eu colocava algumas acrobacias e isso encantava o público.

A Ginástica começava a se desdobrar e Vilma chama então a Profa. Elizabeth Paoliello para cuidar da parte de Ginástica Rítmica dentro do clube, pois não dava mais para controlar sozinha tantas facetas que a Ginástica começava a ter. Era necessário uma especialização, uma divisão de tarefas que desse conta de trabalhar com a Ginástica em

suas diferentes manifestações. Então em 1975 Vilma passa a parte de Ginástica Rítmica para Elizabeth:

No ano de 1975 eu comecei a definir mais a equipe para competir, começou a ficar mais difícil seguir com este trabalho de rítmica, que agora já tinha este nome, já tinha mudado. Em São Paulo já havia uma equipe de GR e eu conhecia a Beth lá da PUCC, pois ela era monitora de Neila e tinha um trabalho bom com esta parte da Ginástica

É importante vermos que a Ginástica Rítmica, sendo encarada como um esporte, passa a ter também o seu lugar. Vilma nos conta ainda que em 1974 a técnica da equipe de São Paulo pediu para que ela indicasse uma ginasta que pudesse fazer parte da equipe de Ginástica Rítmica que eles estavam formando. Então ela mandou uma de suas atletas – Salete Cypriano. Ela nunca mais saiu da área da Ginástica Rítmica, alcançou resultados excelentes em campeonatos brasileiros e mundiais, iniciando posteriormente, um trabalho de Ginástica Rítmica no Clube Semanal de Cultura Artística.

Desta forma, o Clube Regatas foi mais outra instituição da cidade que começou a criar uma tradição no trabalho com a Ginástica. Em 1975, 350 pessoas praticavam Ginástica no Clube divididas entre as Ginásticas de solo, a Rítmica e a Estética. Foi o momento ideal para alçar outros vãos:

Em 1974 eu convidei o presidente da Federação Paulista de Ginástica, o Gianini para vir assistir nosso primeiro festival. E este festival teve uma razão de ser: a Silvinha que foi minha primeira ginasta, era a oitava do Brasil, e eu chamei as outras sete para participarem da apresentação para que o público assistisse. Então quando o presidente do Regatas viu o tamanho que aquilo tudo estava tomando, com 350 pessoas envolvidas em algum tipo de Ginástica, ele cobriu a quadra de vôlei para eu dar aula, criando assim um espaço para a Ginástica de solo. Uma outra conquista foi termos conseguido por parte da federação que eles deixassem o tablado oficial conosco. Foi também em 74 que Campinas recebeu o título de **Capital da Ginástica no Estado de São Paulo**, pelo número de praticantes do Regatas, do Tênis Clube com o Fernando Brochado e a Mônica, do Culto a Ciência, o Vítor Meirelles, enfim de todos os lugares que tinham a Ginástica. Nesta época eu também dava aulas no Imaculada de Ginástica, enfim ela estava sendo propagada para muitos lugares

Interessante é percebermos que a Ginástica Feminina Moderna vai seguir rumos diferenciados dentro do universo da Ginástica. Tanto Vilma Piccolo como Odenise

Emmanuelli falam dela, mas percebemos que para cada uma delas, tal Ginástica teve um significado diferente. Esta mesma base foi usada pela Ginástica estética, pela parte demonstrativa da Ginástica e posteriormente pela Ginástica Rítmica ganhando, assim, expressões diferenciadas.

As academias de ginástica, que começam timidamente passam a ganhar mais espaço ao longo da década, se firmando como uma tendência que se consolidará nos anos oitenta. Quando Odenise lembra de suas primeiras aulas na Fisioterapia Campinas, diz que “no começo só tinha uma barra e mais nada, não tinha peso e nenhum outro aparato como bastão, arco, nada. Mas eu amava e tinha um prazer imenso de trabalhar com aquilo”.

Buscando em sua memória diz que no início dos anos setenta eram poucos os lugares que ofereciam Ginástica Estética, entre elas a Arlete Cervone que era uma academia ainda “de fundo de quintal” e algumas outras isoladas, das quais ela não se lembra o nome. A forma como essas aulas eram elaboradas também é interessante, uma vez que ainda não havia um conhecimento estruturado que possibilitasse ao professor refletir sobre como criar sua aula. Então a inspiração vinha da imitação:

Naquela época não tinha livro, o que a gente fazia era ir fazer aula em Santos com o professor tal, via outras aulas para poder copiar e assim ia, um copiando a criatividade do outro. A Ginástica era estética, com abdominal, cintura, perna, braço, tinha até uma seqüência.

Mas em 1977 Odenise e sua amiga Regina resolvem montaram uma academia – Forma Ginástica Estética. Nesta época, segundo ela, não havia muita concorrência ainda e todas as academias se conheciam de nome a “academia da Ângela (Estética)” “a da Arlete”. Talvez o fato da cidade ainda ser relativamente pequena, fizesse com que todos os que trabalhavam na área se conhecessem pelo nome.

O ponto de encontro que esta geração toda teve em comum foi o envolvimento com a Faculdade de Educação Física da PUC. Centro propagador do conhecimento em Educação Física na década de setenta, esta universidade formou os principais professores que difundiram, nos anos seguintes, o conhecimento da Ginástica nos seus mais diversos aspectos. Um olhar mais aprofundado sobre a PUC vai nos trazer alguns dados interessantes sobre a formação profissional em Ginástica neste período.

Através dos depoimentos colhidos, pudemos perceber que por ser uma instituição nova, que possuía a Ginástica como uma disciplina, o quadro docente também era composto por pessoas jovens e muitas vezes os monitores que ajudavam na disciplina, traziam um conhecimento ainda mais recente, apresentando tendências e ajudando a divulgar o que conheciam dentro do universo da Ginástica, como é o caso da profa. Vilma Nista Piccolo e da Profa. Elizabeth Paoliello, monitoras da cadeira de Ginástica.

Uma última voz que veio contribuir para a nossa pesquisa foi a do **Prof. Carlos Roberto Luz**. Sua importância está no fato de que ele foi professor da PUCC durante esta década, e seu ponto de vista é fundamental para entendermos as dimensões de seu trabalho dentro do universo acadêmico. Em 1974 trabalhava com o módulo Ginástica de Aparelho dentro da Faculdade de Educação Física:

Eu entrei no lugar do Prof. Clodoaldo que tinha sido meu professor na USP, mas de futebol e o Clodoaldo era da linha do professor Boaventura (da USP). Então como eu tinha sido “peixinho” dele já estava ali meio trabalhando com a Ginástica Geral, a (Ginástica) Olímpica embutida nela. Era uma linha muito rígida mesmo a do professor Boaventura, um sistema muito autoritário e a medida que o Clodoaldo saiu nós fomos mudando, criando um sistema diferente. Mas eu tenho muita influência do Boaventura, sem dúvida, do professor estar sempre uniformizado, bem vestido barbeado, porque você é um modelo.

Nesta época, as aulas na PUCC eram separadas entre masculino e feminino, portanto Carlos Luz tinha contato apenas com a parte masculina, enquanto a Profa. Elizabeth Paoliello, depois de se formar, assumiu a cadeira de Ginástica para a turma feminina. Claro que o conteúdo era o mesmo, mas a ênfase era diferenciada:

Era muito diferente o que era dado para o masculino e para o feminino. As meninas tinham mais a parte de ritmo, danças e os meninos ficavam com a parte mais forte, mais viril.

Nos cinco anos que vão de 1974 a 1979 a PUCC continuou trabalhando da mesma forma, difundindo o conhecimento na parte de Ginástica separando por sexo. Se foi inovadora por um lado, pois foi a primeira faculdade de Educação Física em Campinas, era retrógrada no sentido de que por muito tempo manteve a divisão por sexo, refletindo uma postura que ainda ocorria em outras universidades do Brasil. Pois apesar de despontarem os primeiros sinais com o movimento feminista, de que a mulher e o homem

eram ou deveriam ser iguais, os órgãos de ensino mantinham esta distinção de gênero, colocando a mulher em uma esfera ainda não muito longe daquela do começo do século.

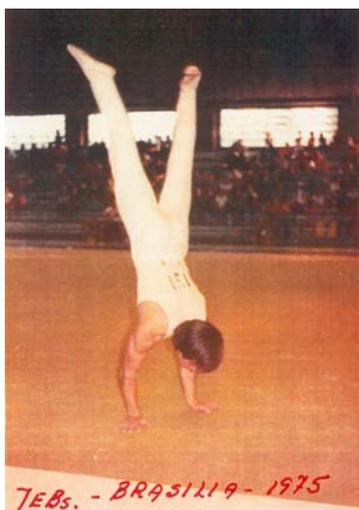
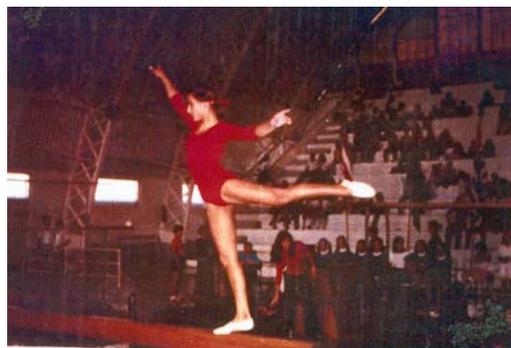
Interessante é notar que existia uma disciplina chamada Ginástica e dentro dela era possível ver as suas diferentes manifestações. Desta forma, os alunos podiam ter uma visão global sem ser especializados nesta ou naquela Ginástica. Vilma Piccolo tem uma visão interessante sobre este aspecto:

Nesta época (o conhecimento do universo ginástico) ele era um todo. Quando você falava que era professora de Ginástica era professora de **Ginástica**. Tanto que quando eu comecei a conhecer, ter contato com a faculdade, eu tenho contato com a Ginástica Moderna, conheço a Ginástica de solo, aí vinha um professor de São Paulo para dar aula também, aí eu me intero com ele, então era professor de Ginástica. Eu tinha que saber tudo era um conhecimento único.

Creio que ainda nesta época, o conhecimento desta área não era tão grande na parte científica, o que possibilitava que tudo ficasse sob um mesmo teto, mas nos anos seguintes há a necessidade de uma especialização pois o conhecimento relativo a cada parte da Ginástica torna-se grande demais. Para Vilma Nista Piccolo a década de setenta trouxe uma inovação: a entrada do conhecimento acadêmico na Ginástica através da publicação de livros, leitura de teses etc . Mesmo que ainda de forma tímida, ela acredita que foi uma virada fundamental que possibilitou a sua expansão posterior e trouxe mudanças, como o caso do método Cooper que passa a trazer para o dia-a-dia das pessoas, a necessidade de incluir a atividade física em seu cotidiano 1979 as academias de Ginástica ganham muito mais destaque, mais alunos e assim um conceito de saúde passa a ser aliado àquele do corpo estético.

Por conta disso, começa a haver a presença de homens nas academias que até então eram espaços exclusivamente femininos. Vilma nos conta que em 1979 sendo sócia da Academia Arlete Cervone, ela se recorda que tal estabelecimento já contava com uma boa porcentagem de homens, mas que freqüentavam a parte de musculação. Aos poucos as academias de Ginástica se preparavam para a sua grande expansão nos anos oitenta com a veiculação dos vídeos de Jane Fonda e a onda da Ginástica Aeróbica que vão dominar o cenário que antes era todo da Ginástica Estética.

O ano de 1979 marca também a aposentadoria de Pedro Stucchi do Colégio Culto a Ciência afastando-o das aulas e treinos com as equipes de Ginástica. No entanto, suas sementes já estavam bem plantadas, umas já tinham se transformado em grandes árvores e já ofereciam sombra para que outras sementes pudessem crescer.



Figuras 46, 47 e 48 – A Ginástica esportiva ganhando espaço no cenário da cidade e do Brasil.

O Clube Regatas já oferecia boa infra-estrutura para que fossem feitas as competições que reuniam diferentes clubes e escolas que tinham a Ginástica Olímpica como conteúdo. A presença de homens e mulheres no esporte, quebra de vez aquela imagem de que as mulheres não podem fazer exercícios fortes. Em uma década onde Nadia Komaneci encanta o mundo, a presença feminina dentro da Ginástica Olímpica cresce bastante.

No entanto, ao me preparar para fechar as portas que abri ao longo desta caminhada, percebo que a história da Ginástica em Campinas é algo fascinante, pois contou com a

colaboração de pessoas de fibra, coragem. Pessoas pioneiras que acreditaram nos seus objetivos e não deixaram de lutar em nenhum momento para que a Ginástica fosse divulgada. Do esforço dos primeiros alemães de manter sua cultura em terras brasileiras, até 1979 percebemos que a Ginástica encontrou várias formas de ser praticada ao longo do século, tendo sempre mãos dispostas a continuar sua história. Sem sombra de dúvida, os anos setenta foram os anos em que a Ginástica pode melhor ser desenvolvida, ampliada e suas inúmeras formas acharam em Campinas terreno seguro para se desenvolver. Mas ao reconstruir sua história ao longo de quase um século percebemos que para que este período fosse uma época de colheita, de saborear os frutos foi necessário que eles tivessem sido plantados há muito tempo.

Os anos oitenta começam a despontar e com ele uma série de outras mudanças vão acontecer, alterando o curso da Ginástica, fazendo com que algumas áreas retraiam e outras se expandam. Assim como foi desde o seu começo, a Ginástica caminha em seu fluxo contínuo, mantendo de certa forma a sua essência, mas ganhando outras roupagens.

Outros personagens, mesmo cenário...Campinas, a minha cidade que pude descobrir e respeitar ao longo deste meu caminhar. A mesma cidade por onde Otília continuou sua caminhada, já aposentada mas acompanhando seu desenvolvimento; onde Pedro Stucchi caminhou firme levando seu conhecimento para a Universidade Estadual de Campinas, ensinando e desenvolvendo projetos na Faculdade de Educação Física. Com suas próprias palavras: “Dizer que eu fui feliz é pouco, fui felicíssimo”.

Campinas, cidade por onde Vilma Piccolo, formada em Educação Física e Fisioterapia, Doutora em Educação Física, Professora da Universidade Estadual de Campinas – seguiu os passos de seus mestres, sendo peça fundamental nos anos finais do século passado. Odenise Emanuelli, outra personagem da Ginástica campineira, que da Ginástica Estética passou para a Conscientização Corporal, trabalhando ainda com a Ginástica, mas em suas outras dimensões e por fim, Carlos Luz que ainda continua seus ensinamentos na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, formando a cada ano novos professores que continuarão a trabalhar com a Ginástica.

São eles personagens da minha história, olhos que me ajudaram a visualizar para os fatos e interpreta-los de diferentes formas. Depoimentos impregnados de sentimentos que me fizeram criar algo que espero dividir com um maior número de pessoas, vozes

que confiaram em mim e permitiram que a sua história pessoal, ligada a Ginástica, ficasse registrada para sempre.

A Ginástica, Campinas, seus personagens... os anos oitenta, noventa, novo milênio, mudanças que valeriam a pena ser descritas, estudadas e aprofundadas. No entanto fico satisfeita ao olhar e perceber que de certa forma as memórias da Ginástica da década de vinte a década de setenta ficarão preservadas a trajetória de seus personagens vão ficar para sempre registrados através desta pesquisa. Pois o resto, são outras histórias...

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: História da Vida Privada no Brasil v.3, 1998.
- AMADO Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da História Oral – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ANAIS DO 1^o. FÓRUM BRASILEIRO DE GINÁSTICA GERAL. Unicamp/SESC, Campinas, 2000.
- ARNAUD, Pierre. Les corps en mouvement – précurseurs et pionniers de L'Éducation Physique - Toulouse, França: Editions Privat, 1981.
- AZEVEDO, Fernando de. Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 1960.
- BADARÓ, Ricardo. Campinas – o despontar da modernidade. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1996.
- BAENINGER, Rosana. Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a expansão do Pólo Industrial Paulista. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- BARRETTO, Margarida. Vivendo a história de Campinas. Campinas, SP: mercado de Letras – Autores Associado, 1995.
- BASTOS, Marcos Aurélio Albino. Presença Judaica em Campinas no século XIX (1870-1890): uma primeira abordagem. In: Boletim Centro de Memória Unicamp vol.6 n0. 12, jul/dez, 1994.
- BECKER, Howard S. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.
- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre a literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v.1. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- BERTONHA, João Fábio. Giustizia e Liberta: militância antifacista e conflito político na São Paulo dos anos 30. In: Outros Olhares – Centro de Memória/Unicamp n.1, jan/jun.1996
- BLOCH, Marc. Introdução à História. Portugal: Publicações Europa - América, 1997.
- BOLETIM CENTRO DE MEMÓRIA UNICAMP – Especial sobre Fotografia. Vol.5, n.10, jul/dez 1993.
- BONORINO, Laurentino Lopes et all. Histórico da Educação Física. Imprensa Oficial: Vitória, 1931.
- BRACHT, Valter et all. As Ciências do Esporte no Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). As Faces da Memória – Campinas: Centro de Memória /Unicamp. Coleção Seminários, 19__.
- BURKE, Peter (Org). A Escrita da História – novas perspectivas – São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CADERNO CEDES: Corpo e Educação, no. 48, setembro de 1999.
- CÂMARA CASCUDO, L. Literatura Oral no Brasil. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1984.
- CAMPINAS DE ONTEM E DE HOJE. Campinas, SP: Publicação das Empresas Lix da Cunha, 1988.
- CAMPINAS - SUA HISTÓRIA, SUA GENTE. Projeto experimental do curso de Jornalismo, PUC Campinas, 1998 (CD ROM)

- CAMPOS, Maria Christina S. S. C., DEMARTINI, Zélia B. F., LANG, Alice B. S. G. História Oral e Pesquisa Sociológica: A Experiência do CERU. São Paulo: Humanitas publicações FFLCH/USP, 1998.
- CARDOSO, Ciro Flamarion.& MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema In: CARDOSO, C.F. & VAINFAS, R. (Orgs.) Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARPINTERO, Antônio Carlos Cabral. Momento de Ruptura – as transformações no centro de Campinas na década de cinquenta. Campinas: área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- CASTANHO, Sérgio Eduardo Montes. Nasce a Nação: Roland Corbisier, o nacionalismo e a teoria da cultura brasileira. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1993.
- CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: A História que não se conta – Campinas, SP: Papyrus, 1991.
- CESÁRIO, Marilene. A organização do conhecimento de ginástica no currículo de formação inicial do profissional de Educação Física: realidade e possibilidade. Dissertação (Mestrado): UFPe, Recife, 2001.
- COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade. O Discurso do profissional de Ginástica em academia no Rio de Janeiro in: Revista Movimento, ano VI, no. 12, 2000/1.
- COSTA, Luís César A., MELLO, Leonel Itaussu A. História Moderna e Contemporânea.São Paulo: Editora Scipione, 1993.

- DAOLIO, Jocimar. Educação Física Brasileira: Autores e Atores da década de 1980 – Campinas, SP: Papirus, 1998.
- DAVIS JR.O. L., MEHAFFY, G.L. SITTON, T. Historia Oral - Una guía para profesores (y otras personas).México: Fondo de Cultura Económica, 1995.
- ECKERT, Cornélia & MONTE-MÓR, Patrícia. Imagem em Foco: novas perspectivas em Antropologia – Porto Alegre: Editora da Universidade do Rio Grande do Sul, 19__.
- XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: Sujeitos na História: práticas e representações – Bauru, SP: EDUSC, 2001.
- I ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DO ESPORTE. Coletânea Campinas, SP: FEF/ Unicamp, 1994.
- FAZENDA, Ivani (Org.) Metodologia da Pesquisa Educacional. São Paulo: Cortez, 1989.
- FÉDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. Manual Group Performances.Moutier, 1999
- _____. Manual Training of FIG - Certificate Instructors in General Gymnastics. Moutier, 1999.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: um inventário das diferenças. . In: FERREIRA, M. de M. (coord.) Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1994.
- FILHO, Duílio Battistoni. Campinas: uma visão histórica. Campinas, SP: Pontes, 1996.
- FILHO, Lycurgo de Castro Santos, & NOVAES, José Nogueira. A Febre Amarela em Campinas: 1889-1900. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.

FIORIN, Cristiane Montozo. A Ginástica Geral na Perspectiva do Lazer: panorama brasileiro e mundial. Piracicaba: Anais do I Congresso Científico Latino Americano Fiep-Unimep, 2000.

_____. A Ginástica Geral como espaço de contribuições pessoais – o caso do Grupo Ginástico Unicamp. Campinas: Anais do I Fórum Brasileiro de Ginástica Geral (resumo), 1999.

_____. A Ginástica Geral em um contexto de Inteligências Múltiplas. Campinas: Anais do I Fórum Brasileiro de Ginástica Geral (resumo), 1999.

_____ et al. Panorama da Ginástica Geral e a Concepção dos Grupos Participantes no GINPA 98. Florianópolis - SC: XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 12 a 17 de setembro de 1999.

_____. Possíveis caminhos da Ginástica Geral no próximo século. Anais do I Fórum Internacional de Ginástica Geral/editado por Elizabeth Paoliello Machado de Souza, Eliana Ayoub – Campinas, SP: SESC: Faculdade de Educação Física UNICAMP, 20001.

FOULCAULT, M. Microfísica no Poder. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAGNEBIN, J.M. História e Narração em Walter Benjamin. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.

GOELLNER, Silvana Villodre. O método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola. Dissertação de mestrado, UFRGS, Porto Alegre, 1992.

- _____, Silvana Villodre (Org) Educação Física /Ciências do Esporte – intervenção e conhecimento – Florianópolis: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1999.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salim. Sentir, Pensar, Agir – Corporeidade e Educação. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n.3, jun.2000. – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral v.3
- HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos – o breve século XX 1914 – 1991. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IBGE. Monografia Histórica do Município de Campinas – Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.
- KARASTOJANOV, Andréa Mara Souto. Vir, Viver e Talvez Morrer em Campinas – um estudo sobre a comunidade alemã residente na zona urbana durante o Segundo Império – Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.
- KOSMINSKY, E.V. A Utilização do dado Qualitativo e a Subjetividade do Pesquisador
In: QUEIRÓZ, M.I. (Org) Agruras e Prazeres de uma Pesquisadora. São Paulo, Ed. Fapesp, 1999.
- LANGLADE, A., LANGLADE, N.R.de. Teoria General de la Gymnasia. Buenos Aires: Stadium, 1970.
- LAPA, José Roberto do Amaral. A Cidade: Os Cantos e os Antros: Campinas 1850-1900. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- LEITE, Miriam L. M. As Transformações da Imagem Fotográfica. In: Revista de Antropologia v.41 no. 2 : São Paulo, USP 1998.

_____. O opaco e a transparência do texto visual. In: *Imagens em foco: novas perspectivas em antropologia*. São Paulo, 1993.

_____. A mulher e a década de 20. In: *Outros Olhares – Centro de Memória-Unicamp* n.1 jan/jun, 1996.

MACIEL, Cleber da Silva. Discriminações raciais – negros em Campinas (1888-1926). 2ed. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1997.

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. Alemanha, mãe pátria distante; utopia pangermanista no Sul do Brasil. Tese (doutorado em História). Campinas, IFCH, Unicamp, 1993.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: *História da vida privada no Brasil vol.3 – São Paulo: Companhia das Letras*, 1998.

MARINHO, Inezil Penna. História da Educação Física no Brasil. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1952.

_____. Contribuição para a história da Educação Física no Brasil: Brasil Colônia – Brasil Império – Brasil República. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

_____. Sistema e métodos de Educação Física. 2^a. ed. São Paulo: Brasil, 1958.

MARTINS, José Pedro Soares. Campinas século XX – 100 anos de história. Campinas, SP: Rede Anhanguera de Comunicação, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.) I Encontro Regional de História Oral/Sudeste - Sul. (Re) Introduzindo a História Oral no Brasil – São Paulo: Xamã, 1996.

_____. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 1996.

- MELLO, Victor Andrade de. Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história. Dissertação (Mestrado). Campinas, SP: UNICAMP, 1996.
- MELLO PUPO, Celso Maria de. Campinas, seu berço e juventude – Campinas: Publicações da Academia Campinense de Letras, 1969.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Pioneiros da Educação Física no Brasil. – Rio de Janeiro: Tipografia Batista de Souza, (19--).
- MORENO, Andréa. Corpo e Ginástica num Rio de Janeiro – mosaico de imagens e textos. Campinas: Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, 2001.
- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MOURA, Denise A Soares de. Saindo das Sombras: homens livres no declínio do escravismo. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1998.
- NASCIMENTO, Terezinha A. Q. Ribeiro do (et al.) Memórias da Educação: Campinas (1850 – 1960) Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.
- NETO, Amarílio Ferreira (Org.). Pesquisa Histórica na Educação Física, vol.4 – Aracruz, ES: FACHA, 1999.
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: História Oral n.03: Campinas, Centro de Memória Unicamp, SP: 2000.
- PEREIRA de QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, O. de M. von (Org) Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil), São Paulo: Edições Vértice, 1988.

- PUBLIO, Nestor Soares. Evolução Histórica da Ginástica Olímpica. Guarulhos, SP: Phorte e Editora, 1998.
- RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. A Educação Feminina durante o século XIX: O Colégio Florence de Campinas 1863-1889. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1996.
- RICHARDSON, Jarry Roberto (e colaboradores). Pesquisa Social - Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- RICHTER, Diana. Kopf oben, Beine unten und geschlossen – frauen turnen sich frei. Leipzig: Stadt Leipzig, 2001.
- RAMOS, Jayr Jordão. Os Exercícios Físicos na História e na Arte. São Paulo: IBRASA, 1982.
- SANT'ANNA, Denise. Corpo e História. In: Cadernos de Subjetividade: PUC-SP, v1, n1, 1993.
- SCHPUN, Mônica Raisa. Beleza em jogo – cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20. São Paulo: Editora SENAC, 1999.
- SILVA, Ana Márcia. O Corpo do Mundo: Reflexões acerca da expectativa de corpo na modernidade. Tese (Doutorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico – São Paulo: Cortez, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. In: NOVAIS, Fernando A. História da Vida Privada no Brasil. vol 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- _____. Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20 – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. O Prelúdio Republicano, astúcias da Ordem e ilusões do Progresso. In: História da vida privada no Brasil vol.3 – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SFEZ, Lucien. A saúde perfeita; críticas de uma utopia – Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- SILVA, Ana Márcia. O Corpo do Mundo: Reflexões acerca da expectativa de corpo na Modernidade (tese de doutorado) – Ilha do Desterro: Universidade federal de Santa Catarina, 1999.
- SILVA, Haike Roselane Kleber da. Sogipa – uma trajetória de 130 anos (Publicação Comemorativa) Porto Alegre: Editores Associados, 1997.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (Org.). Os desafios contemporâneos da História Oral – Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1997.
- _____. Folguedo Carnavalesco, Memória e Identidade Sócio- Cultural. In: Resgate no. 3. Campinas: Centro de Memória Unicamp/Papirus, 1999.
- _____. Depoimento Oral e Fotografia na Reconstrução da Memória Histórico Sociológica: reflexões de pesquisas In: Boletim do Centro de Memória Unicamp vol3, no. 5 jan/jun, 1991.
- SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física: Raízes Européias e Brasil. Campinas: Editora Autores Associados, 1994.
- _____. Imagens da Educação no Corpo. Campinas: Ed. Autores Associados, 1998.
- _____. O corpo, o espetáculo, a Ginástica. In: Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral – Campinas: Unicamp: SESC, 2000.

- _____. (Org) Corpo e História. Campinas, São Paulo: Editora Autores Associados, 2001.
- SOUSA, Eustáquia Salvadora de. Meninos, à marcha! Meninas, a sombra! – A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994). Tese (Doutorado). Faculdade de Educação: Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- SOUZA, E.P.M. de. Ginástica Geral: Uma área do conhecimento da Educação Física. 1997. 162p. Dissertação (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- SOUZA, Rosa Fátima. A Difusão da Escola Primária em Campinas. In: Memórias da Educação em Campinas (1850-1960) Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória – Unicamp, 1999.
- TESCHE, Leomar. A Prática do Turnen entre imigrantes alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867 – 1942. Ijuí: UNIJUÍ Editora (Dissertação de Mestrado, Coleção Trabalhos Acadêmicos – Científicos), 1996.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado – História Oral. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.
- TIBEAU, Cynthia C. Pasqua Mayer. Diferentes olhares sobre a Ginástica Geral. In: Anais do Fórum Brasileiro de Ginástica Geral – Campinas: Unicamp: SESC, 2000.
- TOLEDO, Eliana de. Proposta de conteúdos para a Ginástica Escolar: Um paralelo com a teoria de Coll. Dissertação (Mestrado). Campinas, SP: Unicamp, 1999.
- VAGO, Tarcísio Mauro. Cultura Escolar, Cultivo de Corpos – Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920). Tese (Doutorado) Faculdade de Educação: Universidade de São Paulo, 1999.
- VIGARELLO, G. Les corps redressé: histoire – Paris: Jean Pierre Delarge Editeur, 1978.

WEY MOREIRA, Wagner (Org.). Educação Física e Esportes – Perspectivas para o século XXI – Campinas, SP: Papirus, 1993.

Lista de Figuras

Figura 1: Símbolo do Turner Gruppe Campinas

FONTE: Acervo pessoal de pesquisa cedido pelo pesquisador Alexander Denarelli

Figura 2: Grupo de alemães no começo do século no Turner Gruppe.

FONTE: Acervo pessoal de pesquisa cedido pelo pesquisador Alexander Denarelli

Figura 3: Pirâmide masculina

FONTE: Acervo pessoal de pesquisa cedido pelo pesquisador Alexander Denarelli

Figura 4: Grupo de meninas em apresentação no Turner Gruppe Campinas

FONTE: Acervo pessoal de pesquisa cedido pelo pesquisador Alexander Denarelli

Figura 5: Foto que simboliza a união dos três grupos alemães: Concórdia, Deutsche Schule e Eintracht, 1912.

FONTE: Acervo pessoal de pesquisa cedido pelo pesquisador Alexander Denarelli

Figura 6: Largo da Catedral, 1928.

FONTE: Campinas – sua história, sua gente. Projeto experimental do curso de jornalismo: PUC Campinas, 1998 (CD-ROM)

Figura 7: Interior do Teatro São Carlos, 1923.

FONTE: Campinas – sua história, sua gente. Projeto experimental do curso de jornalismo: PUC Campinas, 1998 (CD-ROM)

Figura 8: Praticantes de Ginástica (Turnen) em Valinhos no início da década de 20

FONTE: Acervo pessoal de pesquisa cedido pelo pesquisador Alexander Denarelli

Figura 9: Colégio Carlos Gomes, 1930.

FONTE: Campinas – sua história, sua gente. Projeto experimental do curso de jornalismo: PUC Campinas, 1998 (CD-ROM)

Figura 10: Praticante de Ginástica no Clube Alemão utilizando o cavalo com alças

FONTE: Acervo pessoal de pesquisa cedido pelo pesquisador Alexander Denarelli

Figura 11: Grupo de moças em apresentação no Clube Alemão – final dos anos 30

FONTE: Acervo pessoal de pesquisa cedido pelo pesquisador Alexander Denarelli

Figura 12: Rua Barão de Jaguará, 1933.

FONTE: Campinas – sua história, sua gente. Projeto experimental do curso de jornalismo: PUC Campinas, 1998 (CD-ROM)

Figura 13: Apresentação das alunas da ESEF da USP no Clube de Regatas Tietê

Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 14: Alunos da Escola de Educação Física da USP experimentando a Roda Alemã, 1941/1942.

Fonte: Acervo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 15: Pedro Stucchi Sobrinho na Roda Alemã

Fonte: Acervo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 16: Guias, Professor e Pianista da apresentação de grande área no Ginásio do Pacaembu, 1942.

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 17: Desfile de abertura do estádio do Pacaembu com os alunos da Escola de Educação Física da USP, 1942.

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 18: Ginástica de grande área, Estádio do Pacaembu, 1942.

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 19: Formações no gramado do estádio enaltecendo a Pátria, 1942.

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 20: Aula da Associação Cristã de Moços, 1943.

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 21: Comemoração do Bicentenário de Campinas

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 22: Cópia de um livro veiculado pelo Departamento de Esportes cujo conteúdo ressalta os benefícios da formação de “pirâmides”.

FONTE: Arquivo pessoal de pesquisa do pesquisador Alexander Denarelli

Figuras 23: Incêndio no Cine República, 1946.

FONTE: Campinas – sua história, sua gente. Projeto experimental do curso de jornalismo: PUC Campinas, 1998 (CD-ROM)

Figura 24: Teatro Municipal, 1948

FONTE: Campinas – sua história, sua gente. Projeto experimental do curso de jornalismo: PUC Campinas, 1998 (CD-ROM)

Figura 25 a 29: Atividades no Instituto Cesário Motta

FONTE: Arquivo pessoal do pesquisador Alexander Denarelli

Figura 30: Rua Delfino Cintra, 1950.

FONTE: Campinas – sua história, sua gente. Projeto experimental do curso de jornalismo: PUC Campinas, 1998 (CD-ROM)

Figura 31 e 32: Alunos do Colégio Culto a Ciência

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figuras 33 e 34: Apresentação de Ginástica de solo e Ginástica Feminina Moderna dos alunos do Colégio Culto a Ciência

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 35: Aula com Prof. Johnson da Suécia no curso de Santos

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 36 a 41: Apresentação do Estádio da Ponte Preta em Campinas

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 42: Demolição do Teatro Municipal, 1965.

FONTE: Campinas – sua história, sua gente. Projeto experimental do curso de jornalismo: PUC Campinas, 1998 (CD-ROM)

Figura 43 e 44: Apresentação dos alunos da Equipe de Ginástica Masculina do Colégio Culto a Ciência, 1959.

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figuras 45: Atletas e Técnico do JEBS em Brasília, 1975.

FONTE: Arquivo Pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 46: Competição de Ginástica Artística Feminina no Clube Regatas.

FONTE: Arquivo Pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 47: Atleta do JEBS em Brasília, 1975

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Figura 48: Aluna do Colégio Culto a Ciência em uma competição representando seu colégio, 1976.

FONTE: Arquivo pessoal do Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Anexos

Roteiro de Entrevista utilizado para a obtenção dos dados referentes à pesquisa

Tivemos o cuidado de elaborar um roteiro que pudesse consistir de perguntas abertas e outras fechadas, a fim de que pudéssemos manter ao mesmo tempo a possibilidade das indas e vindas da memória dos entrevistados e também a necessidade do pesquisador em colher informações pontuais. Desta forma, o roteiro de entrevista utilizado foi o seguinte:

- 1) Nome, idade, dados pessoais do entrevistado.
- 2) Perguntas sobre sua vida pessoal, a fim de criar uma proximidade com um assunto mais específico como é o caso da Ginástica: o que o (a) levou a escolher a faculdade de Educação Física? Na sua infância era possível praticar algum tipo de Ginástica? Como era esta Ginástica?
- 3) Na faculdade, como era a Ginástica? O que fez o senhor (a) a se interessar por este conteúdo?
- 4) Quando e como se inicia o trabalho com a Ginástica em sua vida?
- 5) Pontuar por décadas, dependendo da idade do entrevistado. Como o senhor (a) via a Ginástica na década de 30, 40 ? (E assim com as outras décadas).
- 6) Utilização das fotos como detonadores da memória e a partir disto colher informações que sejam pertinentes à pesquisa.
- 7) Perguntar sobre as diferentes expressões da Ginástica. Quais eram estas expressões na sua época?
- 8) Como o senhor (a) vê a evolução da Ginástica no século XX?
- 9) E a Ginástica na atualidade?

Biografia dos Entrevistados

- Profa. Otília Forster

Nascida em 1912 na cidade de Campinas, Otília Forster foi a primeira mulher campineira a se formar em Educação Física. Por conta disso Otília foi uma das grandes responsáveis pela difusão, especialmente na área do ensino primário, da Educação Física e conseqüentemente de suas práticas, como é o caso da Ginástica. Aposentou-se em 1974 após longos anos de trabalho, atuando não só nas escolas públicas da região, mas em colégios particulares como o Ave Maria e o Imaculada. Hoje com 90 anos de idade, Otília ainda possui sua memória de forma impressionante, podendo discorrer por horas a respeito das suas vivências no âmbito da Ginástica. Mora na Avenida Francisco Glicério, próximo ao casarão que pertenceu à sua família e que ainda existe na esquina das ruas Barão de Jaguara com Duque de Caxias, defronte ao Largo do Pará, mas está desocupado.

- Prof. Pedro Stucchi Sobrinho

Nascido em 1919 na região de Capivari, Pedro Stucchi foi sem sombra de dúvidas, um dos impulsores da Ginástica Olímpica na cidade de Campinas. Trabalhando no Colégio Culto a Ciência, sendo Delegado regional de Educação Física e posteriormente trabalhando na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, este é um dos professores mais ativos nesta área. Atualmente aposentado é convidado constantemente para homenagens que reconhecem a sua importância para o desenvolvimento de diversas áreas esportivas na região como é o caso do voleibol e da Ginástica.

- Profa. Dra. Vilma Leni Nista Piccolo

Nascida em Campinas, ex-Ginasta, formada em Educação Física pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas é uma das introdutoras da Ginástica Olímpica nos clubes da cidade, em escolas e outras instituições, graças ao seu trabalho de divulgação da modalidade em diversas esferas. Formada também em Fisioterapia, Mestre e Doutora em Educação Física, lecionou por muitos anos na Faculdade de Educação Física da Unicamp com a disciplina Ginástica Artística. Atualmente é coordenadora de pós graduação do curso de Educação Física da Faculdade São Judas Tadeu em São Paulo. Desenvolve também estudos na área de Inteligência Corporal, sendo a representante brasileira no Projeto Latitude Zero coordenado pelo pesquisador Howard Gardner – Harvard, Estados Unidos.

- Profa. Odenise Emmanuelli

Campineira, amante da Ginástica, teve o seu início profissional trabalhando com a Ginástica Estética. Trabalhou na academia Arlete Cervone, foi proprietária da Forma Ginástica Estética, desenvolveu um trabalho diferenciado na academia Lina Pentead, misturando alongamento e toque a fim de que as alunas pudessem encontrar outras formas de vivenciar o exercício físico. Morou dois anos na Arábia Saudita e ao voltar, teve contato com a antiginástica, eutonia, feldenkrais e a partir disso começou a desenvolver seu método próprio de conscientização corporal. Atualmente trabalha em seu

próprio espaço, desenvolvendo aulas de conscientização corporal no bairro Guanabara em Campinas.

- Prof. Carlos Roberto Luz

Nascido em Catanduva, interior de São Paulo, formou-se em Educação Física na Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo. Especialista em ataque e defesa e também em Ginástica Olímpica, trabalha na Pontifícia Universidade Católica de Campinas com a cadeira de Ginástica Olímpica há 28 anos. Além desta função ainda trabalha na academia Companhia Atlética em Campinas.